



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – PPED
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – MPED

**FORMAÇÃO DOCENTE NO IFBAIANO ITAPETINGA: DEMANDAS
COLETIVAS, PERMANÊNCIA E ÊXITO ESTUDANTIL**

IZANETE MARQUES SOUZA

JACOBINA – BA
JUNHO/2016

IZANETE MARQUES SOUZA

**FORMAÇÃO DOCENTE NO IFBAIANO ITAPETINGA: DEMANDAS COLETIVAS,
PERMANÊNCIA E ÊXITO ESTUDANTIL**

Relatório de pesquisa apresentado como Trabalho Final de Conclusão de Curso, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação e Diversidade pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade – PPED do Departamento de Ciências Humanas, Campus IV/Jacobina, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Gomes da Silva
Linha de pesquisa 01 – Formação, linguagens e identidades

JACOBINA – BA

JUNHO/2016

S729f Souza, Izanete Marques.

Formação docente no IF baiano Itapetinga: demandas coletivas, permanência e êxito estudantil /
Izanete Marques Souza -016
124 f; 30 cm.

Orientadora: Dr.^a Ana Lúcia Gomes da Silva.

Relatório - TFCC – Trabalho Final de Conclusão de Curso (mestrado) - Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas – Campus IV, Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade, Mestrado Profissional em Educação e Diversidade, Jacobina, 2016.

Inclui bibliografia.

1. Formação. 2. Educação Básica. 3. Diversidades socioeducativas. 4. Êxito estudantil. I. Título. II. Ana Lúcia Gomes da Silva.




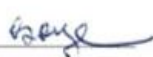
**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH-IV
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE-
PPED
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE (MPED)**


FOLHA DE APROVAÇÃO

IZANETE MARQUES SOUZA

**FORMAÇÃO DOCENTE NO IFBAIANO ITAPETINGA: DEMANDAS
COLETIVAS, PERMANÊNCIA E ÊXITO ESTUDANTIL**

Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Gomes da Silva (Orientadora) 
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof.^a Dr. Eliseu Clementino de Souza (Membro interno) 
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof.^a Dr^a Denise Maria Botelho (Membro externo) 
Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP)

Jacobina, 26/ 07/ 2016

A cor do sentido

As almas têm a cor do seu sentido:
o que se dá à vida, o que se pede.
A vida tem a flor do meu sorriso...
mais linda, quanto mais à flor da pele.

Sou negro, sou índio, e branco também.
Sou força e vida na Luz que me vem.
Sou ave e canto, suave e febril.
Sou riso e pranto no chão do Brasil.

E aonde quer que eu vá, eu vou inteiro:
o corpo em pele, alma e emoção.
sou negro, índio, branco... brasileiro.
Sou prisioneiro só do coração.

Célia Lima (2007)

RESUMO

A pesquisa Formação docente no IF Baiano Itapetinga: demandas coletivas, permanência e êxito estudantil objetivou identificar as demandas de formação dos docentes do IF Baiano – *Campus* Itapetinga para a institucionalização do trabalho com diversidades socioeducativas e culturais dos estudantes das turmas do Curso Técnico em Informática subsequente ao Ensino Médio, com o fito de promover a institucionalização do trabalho com as temáticas da diversidade, considerando as demandas de formação apresentadas pelos seus docentes ao longo da pesquisa. A metodologia utilizada foi inspirada na abordagem epistemológica hermenêutica, ancorada na abordagem qualitativa, tendo como metodologia a etnografia para a construção do processo de conhecimento na pesquisa em educação o que resultou em um registro sistemático das informações e ações do IF Baiano – *Campus* Itapetinga. A análise temática do conteúdo foi adotada como procedimento de pesquisa analítico das informações contidas nas entrevistas narrativas. Para tal a autora central foi Laurence Bardin (2009). Essas análises foram ratificadas com as informações contidas nos demais instrumentos de pesquisa: questionário socioeconômico dos discentes, Projeto Pedagógico do Curso. Os principais resultados apontam a identificação das demandas formativas do coletivo (corpo docente e técnico administrativo em educação). Para o atendimento das demandas resultantes da pesquisa foi proposto ao *Campus* Itapetinga, *locus* da pesquisa, uma Política de Formação com princípios formativos para as necessidades institucionais dentro da perspectiva de que a permanência e o êxito estudantil é um compromisso da coletividade, considerando neste bojo tanto os achados da pesquisa quanto as diversidades socioeducativas e culturais dos estudantes, as demandas de formação continuada apontadas, as condições estruturais do curso e as reflexões advindas da pesquisa da prática.

Palavras-chave: Formação. Diversidades socioeducativas. Êxito estudantil. Educação Básica.

ABSTRACT

Collective demands, retention and student success aimed to identify the demands of teacher training of IF Baiano - Campus Itapetinga for the institutionalization of working with socio-educational and cultural diversities of the students from classes of the Technical Course in Computing afterwards high school, with the aim of promoting the institutionalization of working with the themes of diversity, considering the demands of formation presented by its teachers during the research. The methodology was inspired by the epistemological hermeneutics approach, anchored in the qualitative approach, counting as methodology the ethnography to build the process of knowledge in educational research which resulted in a systematic recording of information and actions of IF Baiano - Campus Itapetinga. The thematic content analysis was adopted as analytical research procedure of the contained information in narrative interviews. For this the central author was Laurence Bardin (2009). These analyzes were ratified with the contained information in other research tools: socioeconomic survey of students, Pedagogical Course Project. The main results show the identification of the formation of the collective demands (teacher and technical administrative staff). To satisfy the resulting demands from the research was proposed to Campus Itapetinga, locus of research, a Training Policy with formative principles for the institutional needs in the perspective that the permanence and student success is a commitment of the community, considering in this bulge both the findings of the research as socio-educational and cultural diversity of the students, the demands of continuing education mentioned, the structural conditions of the course and the reflections arising from the practice of research.

Keywords: Training. Socio-educational diversities. Student success. Basic education.

LISTA DE SIGLAS

CEP – Comitê de Ética na Pesquisa
CEPLAC – Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira
CONSUPE – Conselho Superior
EM – Ensino Médio
EMARC – Escola Média Agropecuária da Região do Cacau
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IES – Instituições de Ensino Superior
IFE – Instituto Federal de Ensino
IF BAIANO – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano
FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa na Bahia
LDB – Lei de Diretrizes e Bases
NAP – Núcleo de Apoio Pedagógico
NEABI – Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas
NGTI – Núcleo de Gestão de Tecnologia de Informação
MEC – Ministério da Educação e Cultura
PAA – Plano de Ação Anual
PAISE – Programa de Assistência e Inclusão Social do Estudante
PPC – Projeto Pedagógico do Curso
PROEJA – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade da Educação de Jovens e Adultos
PROEN – Pró-reitoria de Ensino
PROINFO – Programa Nacional de Tecnologia Educacional
PROUCA – Programa um computador por aluno
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SIMEC – Sistema Integrado do Ministério da Educação e Cultura
SISTEC – Sistema Nacional de Informações sobre a Educação Profissional e Tecnológica
SRA – Secretaria de Registros Acadêmicos
UEBAS – Universidades Estaduais da Bahia
UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana
UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UNEB – Universidade do Estado da Bahia
UTIC – Unidade de Tecnologia da Informação e Comunicação

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Panorama Situacional de Matrículas 2008-2014	22
Figura 2 – Responsável pela manutenção da casa – Turma 2015.1	23
Figura 3 – Responsável pela manutenção da casa – Turma 2015.2	24
Figura 4 – Turma 2015.1 distribuída de acordo com sua etnia/raça	25
Figura 5 – Turma 2015.2 distribuída de acordo com sua etnia/raça	25
Figura 6 – Organograma do IF Baiano – <i>Campus Itapetinga</i>	73
Figura 7 – Lançamento do livro de Poesia Negra <i>Correntezas e outros estudos Marinhos</i> – Livia Natália em IF-Baiano <i>Campus Itapetinga</i>	75
Figura 8 – Declamação do poema Paz pela poetisa e autora Iolanda Matos em IF-Baiano <i>Campus Itapetinga</i>	75
Figura 9 – Degustação Musical: Professores Marcus Sodré e Clésio Matos com estudantes e convidados do Curso Técnico em Informática em IF-Baiano – <i>Campus Itapetinga</i>	76
Figura 10 – Oficinas do I Info Black Baiano: robôs lêgos – Dias 20 e 21/11/2015.....	76
Figura 11 – Oficinas do I Info Black Baiano: <i>Utilização dos sistemas colaborativos como instrumento de apoio à educação</i> – Dias 20 e 21/11/2015.....	77
Figura 12 – Oficinas do I Info Black Baiano: <i>desenvolvimento de aplicativos móveis</i> – Dias 20 e 21/11/2015	77
Figura 13 – Da esquerda para a direita: George Oliveira, do Instituto Cultural Steve Biko, professora do Colegiado de Agropecuária; dois estudantes do Curso Técnico em Agropecuária integrado; a pesquisadora Izanete; e dois estudantes de Graduação do Curso Ciências da Computação – IF Baiano – <i>Campus Guanambi</i>	77
Figura 14 – Matriz curricular do Curso Tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de Sistemas do IF Baiano – <i>Campus Guanambi</i>	91
Figura 15 – Matriz Curricular do Curso Técnico em Informática Subsequente ao Ensino Médio – <i>Campus Itapetinga</i>	92
Figura 16 – Informações sobre os cursos na forma subsequente disponíveis na página do <i>Campus Itapetinga</i>	94
Figura 17 – Proposta de Matriz curricular do PPC do Curso Técnico em Suporte e Manutenção em Informática.....	97
Figura 18 – Matriz curricular do Curso de Licenciatura em Ciências da Computação IF Baiano – <i>Campus Senhor do Bonfim</i>	98
Figura 19 – Matriz Curricular do Curso Técnico em Informática do IF Baiano – <i>Campus Bom Jesus da Lapa</i>	99
Figura 20 – Metas do IDEB no Brasil – Parte superior do formulário – anos finais do Ensino Fundamental	103
Figura 21 – Metas do IDEB no Brasil – Parte superior do formulário – Ensino Médio	103
Quadro 1 – Política de formação: demandas coletivas – permanência e êxito estudantil – um compromisso coletivo.....	84

SUMÁRIO

1 O DESABROCHAR DO CRISÂNTEMO	11
1.1 CONTEXTUALIZANDO A REALIDADE DO IF BAIANO – <i>CAMPUS</i> ITAPETINGA.....	11
1.2 O CURSO TÉCNICO EM INFORMÁTICA: AS CORES DESSE PLANTEL.....	17
2 PLANTANDO O CRISÂNTEMO NA A ESCOLA – NOSSA FLOR DE OURO	29
2.1 O PAPEL DO IF BAIANO NA SOCIEDADE	32
2.2 O ENSINO DA CULTURA AFRO E INDÍGENA – REMEMORANDO O PLANTEL	36
2.3 OS SABERES DA DOCÊNCIA – DEMANDAS COLETIVAS	49
3 CULTIVARES DO CRISÂNTEMO	58
3.1 FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: HIBRIDIZAÇÃO DE IDENTIDADE	72
3.2 AS ENTREVISTAS NARRATIVAS: CONCEITO, OBJETIVOS E VANTAGENS ..	80
4 MUDANÇA DE ROTA: AS DEMANDAS SOCIOEDUCATIVAS E CULTURAIS DO ESTUDANTES DO IFBAIANO ITAPETINGA	83
4.1 RELEITURA DA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE CURSO TÉCNICO DE INFORMÁTICA: TENSÕES, LACUNAS E PROPOSIÇÕES	90
4.2 DE DENTRO/POR DENTRO DO IFBAIANO: PERCURSO EDUCATIVO DOS ESTUDANTES NO CURSO DE INFORMÁTICA	100
4.3 DISCIPLINA DE ESTUDO FORA DA SALA DE AULA: ENTRAVES A SEREM VENCIDOS	105
5 REPLANTANDO CRISÂNTEMOS: PROPOSIÇÕES E DESDOBRAMENTOS REVELADOS PELA PESQUISA	108
REFERÊNCIAS	112
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA EXPLORATÓRIA SOBRE O TRABALHO COM DIVERSIDADE ÉTNICA	119
APÊNDICE B – II WORKSHOP CONSCIÊNCIA NEGRA	121
APÊNDICE C – CARTAZ DO I FÓRUM DE DISCUSSÃO DO IFBAIANO – CAMPUS ITAPETINGA	125

1 O DESABROCHAR DO CRISÂNTEMO

1.1 CONTEXTUALIZANDO A REALIDADE DO IF BAIANO – *CAMPUS* ITAPETINGA

O crisântemo é uma flor originária do continente asiático e do norte da África, com mais de cem variedades de cores e espécies. A espécie mais comum é a amarela, também chamada de flor de ouro. Essa flor é usada como símbolo do império chinês, da aristocracia japonesa e, ao mesmo tempo, é bastante utilizada nos processos de ornamentação de diversos ambientes. O povo negro brasileiro também tem sua origem na África. Por muito tempo, o negro foi a flor de ouro da coroa e do império português no Brasil. Contudo, essa flor foi relegada à própria sorte, popularizou-se e teve de passar a lutar pela sua sobrevivência sob um “ornamento” de liberdade condicionada. Assim, o crisântemo representa metaforicamente a diversidade, múltipla, preciosa e ao mesmo tempo popular, com sua beleza singela que, se cultivada com carinho, produz bons frutos, a saber: harmonia, respeito, autoconfiança, libertação, criticidade.

O cultivo do crisântemo, portanto, implica cultivar identidade do indivíduo, a beleza, o viço, a subjetividade e as singularidades de cada pessoa humana. Daí a opção pelo crisântemo como metáfora para pensarmos e discutirmos a diversidade. Nesta pesquisa, o foco é a diversidade étnico-racial como tema que possibilita o conhecimento da realidade social do estudante e, com isso, suscitar discussões sobre a práxis pedagógica visando ao aperfeiçoamento/adequação da metodologia aqui entendida como um conjunto de princípios os quais norteiam a seleção dos caminhos a serem construídos e trilhados para que a instituição atenda às demandas socioeducativas do estudante de modo a possibilitar que ele possa inserir-se significativamente nos processos educativos ofertados pela instituição, cujo currículo seja significativo também para as expectativas e os interesses dos educandos, dialogando, assim, com a polifonia da vida.

Ademais, a institucionalização de atividades de ensino, pesquisa e extensão nos trabalhos do Curso Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio, incluindo sistematicamente ações que estão diretamente relacionadas às relações étnico-raciais, era uma realidade que ainda não ocorria nos trabalhos com as turmas dos cursos técnicos subsequentes ao Ensino Médio (EM), inclusive o de Informática – primeiro curso subsequente implantado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF BAIANO) – *Campus* Itapetinga e que possui o maior número de turmas nessa modalidade de ensino (inicialmente eram ofertadas 3 turmas por período de matrícula, a partir de 2013, passaram-se a ofertar 02

turmas). Daí surge o questionamento inicial: quais as demandas formativas necessárias aos docentes do Curso Técnico em Informática para que haja um trabalho sistêmico com a diversidade étnico-racial?

Iniciei esta pesquisa acreditando que era possível trabalhar a diversidade étnico-racial na perspectiva cultural, como fazemos com os estudantes dos cursos técnicos integrados ao EM. Contudo, os dados levantados e construídos durante a pesquisa me levaram a concluir que o trabalho com a diversidade étnico-racial nas turmas dos cursos técnicos subsequentes necessita ser abordado pelo viés socioeconômico. Ou seja, é preciso trabalhar a realidade econômica e social registrada nos questionários socioeconômicos respondidos pelos estudantes no ato da matrícula e as demandas de formação acadêmica identificadas pelos professores durante as aulas e avaliações com os discentes, oriundos do Ensino Médio, os quais, em sua maioria, têm demandas de aprendizagem do campo da Matemática e da Língua Portuguesa padrão, próprias do Ensino Fundamental, isto é, apresentam defasagem de aprendizagem para o EM.

Dessa forma, constatei ser preciso entender as demandas formativas para que tanto os docentes quanto os demais profissionais da instituição trabalhem com as limitações a que foram submetidos grande parte dos descendentes de negros e indígenas no seu contexto histórico, social e cultural no Brasil: é o caso dos nossos estudantes negros (assim chamados os estudantes que se autodeclararam pretos e pardos).

Portanto, os aspectos socioeconômicos e socioculturais dos estudantes se configuram como estruturantes da formação do docente dos demais profissionais da educação propostas na *Política de formação: demandas coletivas (permanência e êxito – um compromisso coletivo)*, isso por que pretendemos combater a cultura da escola historicamente ofertada ao negros com o propósito de aculturação deles e dos indígenas, usada, muitas vezes como instrumento de manobra dos estudantes para atender ao interesse de uma sociedade europeizada, e por isso, excludente.

A implantação e a implementação da *Política de formação: demandas coletivas (permanência e êxito – um compromisso coletivo)* pretende se estender nos próximos dois anos (2017 e 2018), em parceria com o projeto aprovado pela Coordenação do PPEd – Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade/ MPED – Mestrado Profissional em Educação e Diversidade, através do Edital nº 25/2014 da Fundação de Amparo à Pesquisa na Bahia – FAPESB. Este projeto é intitulado *Profissionalização docente para as diversidades socioeducativas e culturais da educação básica* cujo objetivo geral é desenvolver ações que favoreçam a consolidação do programa de Mestrado Profissional em Educação e Diversidade,

por intermédio do fortalecimento de parcerias e intercâmbios entre instituições de prestígio e reputação de base científica e tecnológica, cujos resultados deverão demonstrar os avanços das Instituições de Ensino Superior – IES envolvidas nos processos de pesquisa do MPED.

Assim sendo, as demandas formativas dos professores dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologias variam de acordo com a sua formação acadêmica. Os profissionais com formação em licenciaturas demandam entender as possibilidades de articulação entre as disciplinas da área propedêutica e as da área técnica. Já as demandas dos profissionais bacharéis e engenheiros que atuam como educadores estão relacionadas à formação político-pedagógica que está intrínseca à formação do professor, a começar pelo projeto Político Pedagógico do Curso técnico que não tem a palavra política e não toma o político como uma dimensão educativa.

Em outras palavras, entendo que se o IF Baiano – Campus Itapetinga não consolidar uma política de formação do servidor pautada no debate organizado e sistemático entre os diversos segmentos que compõem esta instituição no sentido de aprimorar o atendimento às necessidades formativas dos nossos estudantes negros através da formação continuada em serviço, o índice de evasão e conseqüentemente de exclusão continuará sendo a marca de maior destaque nos cursos ofertados aos jovens e adultos, especialmente na forma subsequente de Informática.

Em um curso em que os estudantes chegam pensando ser de suporte e manutenção em computadores e se deparam com programação, ou seja, com conteúdo muito mais complexo, eles, em sua maioria negros e trabalhadores, necessitam de estratégias educativas que lhes deem suporte para atualizar os conteúdos que lhes foram negados durante os Ensinos Fundamental e Médio. Nessa perspectiva, concordando com a máxima de que educar é humanizar a pessoa humana, verifiquei que o grande desafio dos professores dos cursos técnicos subsequentes é justamente mudar a realidade na qual os estudantes já estão cansados de ouvir que “só os fortes sobrevivem”, como se eles não fossem fortes e estivessem condenados ao fracasso escolar, econômico e social.

Além da humanização, o nosso desafio como professores foi, e continua sendo, trabalhar com as ideias dos estudantes para descobrir talentos discentes, como aconteceu a partir da realização do *I Info Black Baiano – Simpósio de Informática e Diversidade Étnico-racial*. Para tanto, torna-se necessária uma mudança no curso de Programação de Computadores, tornando-se Suporte e Manutenção de Computadores, de modo a promover o nivelamento do conhecimento estudantil, a partir da realização de trabalhos interdisciplinares com eficiência e eficácia. Desse modo, acredito ser possível trabalhar com eficácia com

jovens e adultos que dividem o seu tempo de estudo com a família e o mundo do trabalho. Nessa direção, é preciso intensificar o uso de aulas práticas, além da aquisição de novos laboratórios. Esses fatores foram ressaltados nas entrevistas narrativas, cujo desafio foi (des)velar aspectos que já emergiam no discurso dos docentes em reuniões pedagógicas.

Neste estudo, utilizei alguns crisântemos de corte durante a pesquisa, haja vista que a boa aceitação da flor cortada deve-se à grande diversidade de formas, tamanhos e cores existentes, bem como à facilidade de produção o ano inteiro e à sua excelente durabilidade após o corte, como afirma Alexandre Jacintho Teixeira (2004), de modo que, como estratégia de preservação da identidade dos colaboradores da pesquisa em virtude de possíveis constrangimentos, utilizei a metáfora do crisântemo para nominalizá-los, atribuindo a cada um deles uma cor diferente.

Crisântemo Negro é licenciado em Letras com Francês, mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB e doutorando em Letras pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. O Crisântemo Lilás é graduado em Ciências da Computação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, especialista em Administração de Sistemas de Informação pela Universidade Federal de Lavras e mestrando em Ciências da Computação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Já o Crisântemo Amarelo é professor substituto de uma colega afastada para mestrado também em Ciências da Computação, é graduado em História e em Análise de Sistemas pela UNEB de Alagoinhas, mestrando em Ciências da Computação na UFBA. O Crisântemo Branco, por sua vez, é graduado em Ciências da Computação pela UESB e mestrando também em Ciências da Computação pela UFBA. O Crisântemo Vermelho é graduado em Ciências da Computação pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, especialista em Sistemas embarcados para aquisição de dados remotos, também pela UESC e em Gestão de Sistemas de Informação, pela Faculdade Madre Thaís e graduando em Engenharia elétrica pelo IFBA. Por fim, o Crisântemo Azul possui graduação como Tecnólogo em Análise de Desenvolvimento de Sistema pela Universidade Norte do Paraná e especialização em Gestão e governança da tecnologia da informação pelo Centro Universitário Senac. Atualmente é Técnico de Tecnologia da Informação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano e Coordenador do Núcleo de Gestão de Tecnologias da Informação – NGTI. Para os estudantes, usei as metáforas de Crisântemo Laranja, Crisântemo Rosa e Crisântemo Violeta.

A pesquisadora é graduada e especialista em Letras, respectivamente pela UNEB e pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Com exceção dos professores da

área de Letras – os negros deste grupo –, os demais são professores prioritários do Curso Técnico em cursos com o componente curricular Informática Aplicada.

Esta foi uma pesquisa de abordagem epistemológica qualitativa, cuja filosofia do método usado foi a etnopesquisa implicada que busca no conteúdo das entrevistas narrativas as descritibilidades, as inteligibilidades e as analisibilidades sustentadas pela bacia semântica da formação docente (MACEDO, 2012, p. 22).

A metodologia utilizada foi a etnografia como paradigma de construção do processo de conhecimento da pesquisa em educação por entender, que a mesma se ancora na abordagem qualitativa e traz como concepção uma descrição densa de múltiplas estruturas conceituais complexas subjacentes em uma realidade específica a qual está subsidiada a uma cultura a ser compreendida. Portanto, a etnografia, nesta pesquisa é usada para compreender a maneira de viver a educação no Campus Itapetinga, partindo da descrição do corpo docente do colegiado de Informática e suas relações com os demais colegiados e segmentos administrativos e pedagógicos. No dizer de Ghedin e Franco (2011, p.181) “a abordagem etnográfica busca uma narrativa construída num permanente movimento que vai das relações bem particulares dos sujeitos ao todo da cultura em que se inserem como protagonistas de seu modo de ser”. Por conseguinte, a etnografia compõe um processo interpretativo que “salta continuamente de uma visão de totalidade para uma visão das partes” (GHEDIN e FRANCO, 2011, p.181) como uma moção intelectual constante que faz com que o todo sirva de explicação para as partes e vice-versa, cuja trajetória está intimamente ligada a hermenêutica, círculo analítico necessário para as interpretações etnográficas e, no nosso caso, indispensável às interpretações etnográficas educacionais.

Na dimensão operacional, utilizei a pesquisa participante cuja pesquisadora está implicada e dela participa e a análise dos dados foi feita inspirada na análise temática de conteúdo, cujas fases se organizam em torno de três polos, conforme Bardin (2009, p. 121): a pré-análise; a exploração do material; e, por fim, o tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação.

A pré-análise correspondeu ao momento da seleção do material a ser analisado. Em função do não recebimento do parecer consolidado do Comitê de Ética na Pesquisa – CEP, em 2015, precisei modificar as ações planejadas no projeto de qualificação, a saber: a realização de grupos focais assim como o planejamento e a análise das sequências didáticas. Dessa forma, precisei focar nas entrevistas narrativas e na análise de documentos disponíveis na SRA ou nas páginas oficiais dos campi do IF Baiano.

Feitas as entrevistas e selecionados os documentos, fiz a análise das informações que esse material fornecia no campo das demandas de formação docente. Quanto às expressões temáticas que mais sobressaíram, estão: diálogos interdisciplinares, EJA, atividades práticas com os discentes, ações socioeducativas como tutoria, nivelamento, permanência e êxito. Finalmente, na etapa mais árdua, fiz uma análise hermenêutica das informações, cruzando o conteúdo dos instrumentos de análise e realizando inferências. Daí foram retirados os eixos temáticos da Política de formação: demandas coletivas (Permanência e êxito estudantil – um compromisso coletivo).

No tocante aos instrumentos de pesquisa, utilizamos as entrevistas narrativas com docentes e discentes do Curso Técnico em Informática (ênfase em programação de computadores), além do coordenador do NGTI. Verificamos, ainda, os questionários socioeconômicos dos estudantes que ingressaram nos semestres 2015.1 e 2015.2, os relatórios, panoramas de matrículas e prontuários discentes da Secretaria de Registros Acadêmicos – SRA do IF Baiano – *Campus Itapetinga*, bem como editais, documentos outros e páginas institucionais dos campi do IF Baiano.

Obtidos os dados retomei a leitura do projeto de pesquisa e iniciei a inserção das informações e citações das narrativas nos textos já escritos e ampliei essa escrita dando corpo a este relatório técnico-científico inclusive analisando as características de Itapetinga, cidade do sudoeste baiano, cuja população em larga escala é evangélica, com maior concentração populacional entre a faixa etária dos 10 e os 29 anos de idade de um total de cerca de 70.000 habitantes, dos quais 97% reside na área urbana e apenas 3% na área rural que se distribui nos dois distritos: Palmares e Bandeira. A economia itapetinguense é movimentada pela pecuária, por frigoríficos, especialmente a JBS – Friboi, pela indústria de calçados Vulcabrás/Azaleia e pelos serviços, que têm 56,36% de participação na economia (IBGE – Censo 2010).

No âmbito educacional, a cidade conta com todas as redes (privada, municipal estadual e federal). Estas ofertam Educação Infantil e Educação Básica. No tocante às Instituições de Ensino Superior – IES com oferta de educação pública, há uma instituição estadual – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), com diversos cursos de graduação e de pós-graduação; e uma instituição federal – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF BAIANO), cujo campus ainda não oferta nenhum curso de nível superior (apesar de já existir essa oferta em outros campi). Até o ano de 2016, ofertou o curso Técnico em Agropecuária integrado ao EM e também subsequente ao EM, Curso Técnico em Meio Ambiente integrado ao EM. Oferta, ainda na forma subsequente, o Curso

Técnico em Alimentos com 01 turma, assim como o Curso Técnico em Informática com 02 turmas (o primeiro dessa modalidade a ser implantado no campus).

No tocante ao trabalho com a diversidade, no segundo semestre letivo de 2010, iniciou-se o trabalho com a diversidade étnica afro-brasileira e indígena nas aulas de Língua, Literatura e Redação nas 03 (três) séries do Curso Técnico em Agropecuária integrado ao EM, discutindo-se a implantação das cotas raciais como meio para o ingresso na universidade. Prosseguiu-se com o ensino dessa diversidade a partir da disciplina de Literatura Brasileira. Em 2011, implantou-se o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros – NEAB no IF Baiano – *Campus* Itapetinga, o qual, em 2014, passou a ser NEABI, oficializando o aspecto indígena. Em 25/11/2015, a Resolução nº 33 do CONSUP aprovou o Regimento Geral do NEABI.

Vale ressaltar que até então tínhamos apenas o Grupo de Pesquisa NEAB, coordenado por uma professora do *Campus* Valença. Também se institucionalizaram as ações em sala de aula e na semana de 20 de novembro (Dia da Consciência Negra). Essas ações são até hoje previstas tanto no Plano de Ação Anual do *campus* – PAA como no calendário acadêmico. Contudo, nos cursos técnicos subsequentes ao EM, essa institucionalização ainda não havia acontecido até 2014. Esse crisântemo começou a florir em 2015, quando a partir do desenvolvimento desta pesquisa planejamos juntamente com os membros do colegiado de Informática a realização do *I Info Black Baiano – Simpósio de Informática e Diversidade Étnico-racial*. Hoje seja pela percepção da necessidade, seja pela exigência da lei, os cursos técnicos em Alimentos e em Meio Ambiente também já sinalizaram o interesse em participar.

1.2 O CURSO TÉCNICO EM INFORMÁTICA: AS CORES DESSE PLANTEL

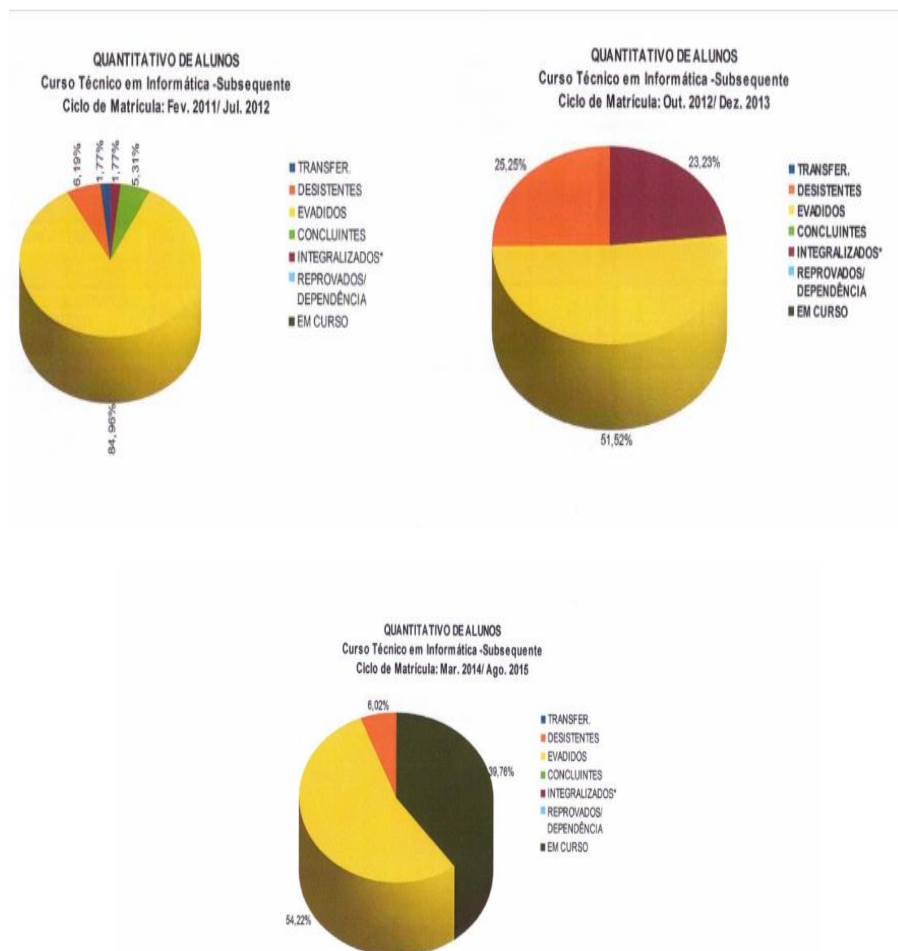
De fevereiro de 2011 a julho de 2012, o IF Baiano – *Campus* Itapetinga ofertou as primeiras turmas do Curso Técnico em Informática. O processo seletivo para estudantes disponibilizou 120 vagas, para as quais houve 489 inscritos e 113 alunos matriculados. Contudo, apenas 06 crisântemos ornaram a conclusão do curso e 02 integralizaram (concluíram as disciplinas e ficaram pendentes em relação ao estágio obrigatório). No período de outubro de 2012 a dezembro de 2013, foram ofertadas as mesmas 120 vagas. Contudo, o número de inscritos no processo seletivo baixou para 280 e o total de matriculados foi de 99 estudantes. Destes, tivemos 23 crisântemos sornando a integralização do curso e nenhum concluinte, segundo dados do Panorama Situacional das Matrículas: 2008 a 2014, emitido pela SRA – Secretaria de Registros Acadêmicos, em janeiro de 2015. Em dezembro de 2015,

os estudantes solicitaram prorrogação de prazo para integralizar o curso. Esse pleito foi aprovado em reunião do NAP – Núcleo de Apoio Pedagógico.

Há dados sobre a realidade de alguns estudantes que concluíram o curso técnico em Informática, contudo, não me debrucei a analisar estes dados por não ser o foco da pesquisa.

Para o período de março de 2014 a agosto de 2015, para as mesmas 120 vagas, houve 158 inscritos e apenas 83 matriculados. Nesses ciclos de turmas, essa plantação de crisântemo teve uma baixa parecida com a que ocorreu com as primeiras turmas: apresentando, respectivamente, uma evasão de 84,96 %, 51, 52 % e 54, 22 %, sendo que nas últimas turmas o relatório foi feito quando os estudantes ainda estavam no segundo semestre, com apenas 33% dos matriculados cursando. Em relação à transferência, apenas nas turmas 2011/2012 houve 2. Quanto aos desistentes, os percentuais foram seguidamente de 6, 19 %, 25,25 % e 6,2 % (de acordo com Figura 1, a seguir).

Figura 1 – Panorama Situacional de Matrículas 2008-2014



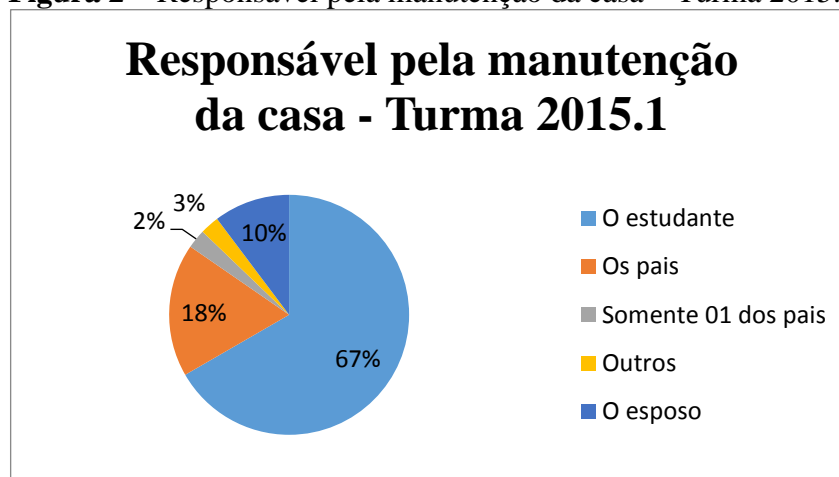
Fonte: SRA, 2015.

Neste trabalho, o conceito de desistente e evadido é o mesmo adotado pelo SIMEC/SISTEC (Sistema Integrado do Ministério da Educação e Cultura/Sistema Nacional de Informações sobre a Educação Profissional e Tecnológica) até 2014. Nessa perspectiva, desistente é o estudante que registra o seu afastamento do curso apresentando justificativa na Secretaria de Registros Acadêmicos – SRA. Evadido é aquele estudante que não justifica o seu afastamento da instituição de ensino, simplesmente deixa de frequentá-la.

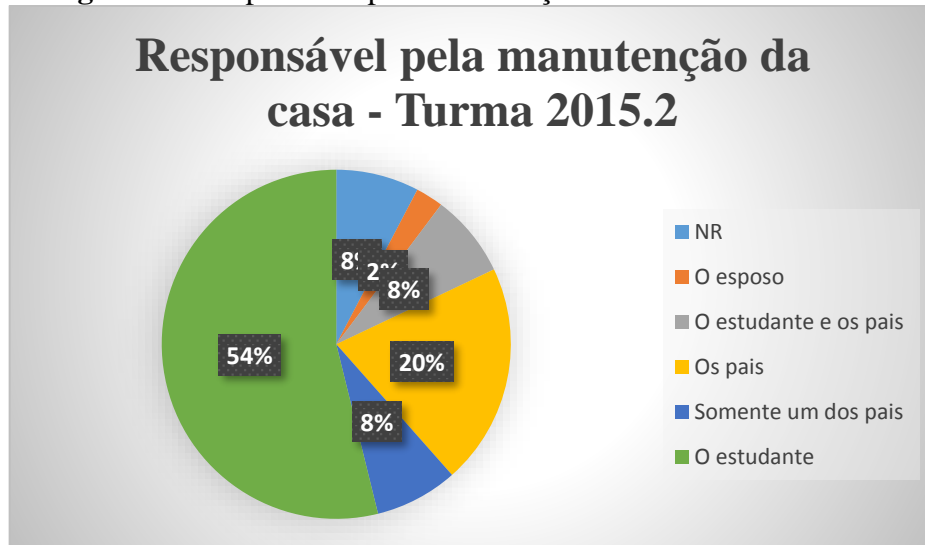
Analisando os dados levantados acerca da entrada, permanência e evasão no Curso Técnico em Informática, constatei que apesar de esse curso não ser registrado como Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade da Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, destinado a atender o público da classe trabalhadora que necessita trabalhar e estudar concomitantemente, percebe-se que além do ingresso no curso, os estudantes demandam ações de permanência que ultrapassem o Programa de Assistência e Inclusão Social do Estudante – PAISE, o qual oferta diversos auxílios financeiros como moradia, transporte, fardamento, compra de material escolar, além de alimentação escolar (almoço, café da manhã e jantar). Essa demanda consiste em ações pedagógicas que viabilizem a permanência de trabalhadores no curso, já que a maioria dos estudantes trabalha durante o dia e estuda à noite, ou trabalha à noite e estuda à tarde, como pudemos observar nos questionários socioeconômicos dos discentes selecionados.

Na turma que ingressou em 2015.1, dos 40 estudantes selecionados tivemos 18 que declararam ser o responsável pela manutenção da casa (Figura 2). Na turma 2015.2, foram 14, sendo 03 deles responsáveis juntamente com os pais (Figura 3).

Figura 2 – Responsável pela manutenção da casa – Turma 2015.1

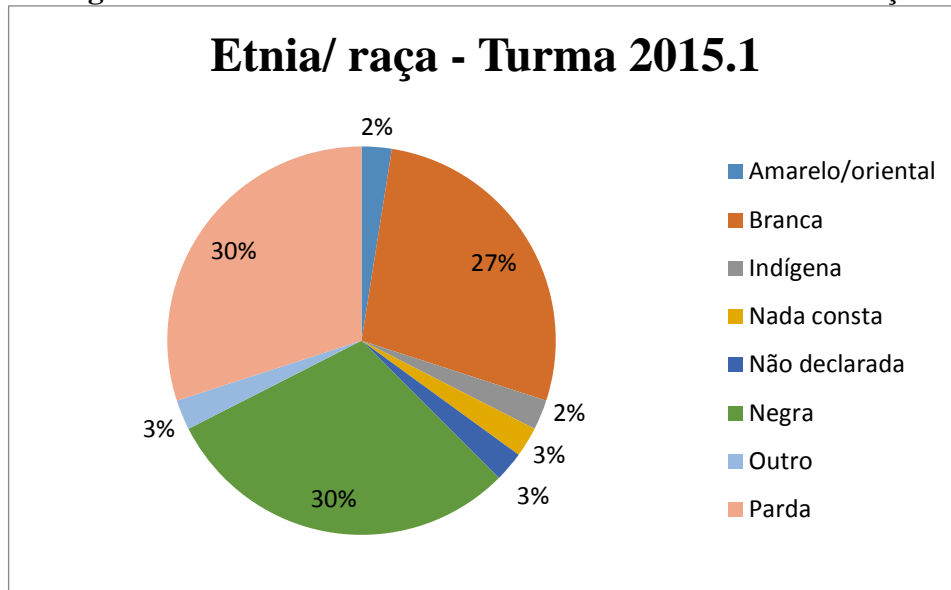


Fonte: Questionários socioeconômicos dos estudantes 2015.1 – SRA

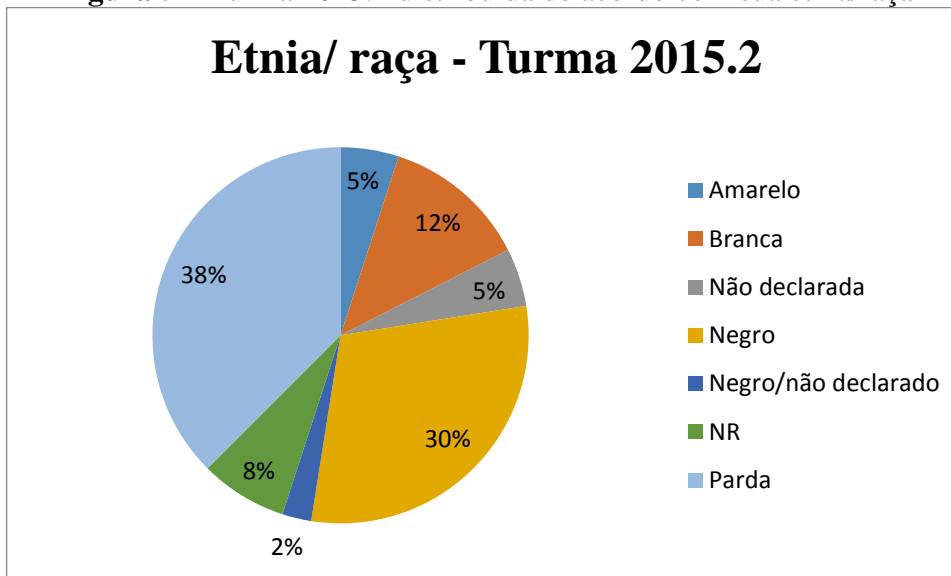
Figura 3 – Responsável pela manutenção da casa – Turma 2015.2

Fonte: Questionários socioeconômicos dos estudantes 2015.2 – SRA

A seleção dos discentes contemplados com esses auxílios é feita a partir da análise do questionário socioeconômico do estudante, entrevista e da posterior visita por uma assistente social às suas residências utilizando a técnica de amostragem. Como professora do componente curricular Redação Oficial, Comunicação e Expressão, além de Metodologia Científica nas turmas ofertadas pelo IF Baiano – *Campus Itapetinga* entre 2011 e 2015, pude perceber que a maioria dos estudantes matriculados pertence à população negra brasileira, sendo pessoas oriundas de camadas populares do município de Itapetinga ou residindo em municípios menores do que o que sedia o campus. Esse grupo, independentemente de ter a pele negra, é herdeira de uma ancestralidade negra explorada pelo reinado e império português. Essa constatação pode ser comprovada com base nos questionários socioeconômicos das turmas 2015.1 e 2015.2 conforme ilustram as Figuras 4 e 5 a seguir.

Figura 4 – Turma 2015.1 distribuída de acordo com sua etnia/raça

Fonte: Questionários socioeconômicos dos estudantes 2015.1 – SRA

Figura 5 – Turma 2015.2 distribuída de acordo com sua etnia/raça

Fonte: Questionários socioeconômicos dos estudantes 2015.2 – SRA

Dos 38 (trinta e oito) questionários socioeconômicos analisados, em relação aos estudantes que ingressaram no curso no semestre letivo 2015.1, 37 (trinta e sete) estudaram todo o tempo na escola pública, apenas 01 passou pela escola particular, como bolsista. Destes, 24 (vinte e quatro) se declararam negros ou pardos, o que comprova as conclusões deste estudo. No tocante à manutenção da casa, 26 (vinte e seis) deles declararam ser o próprio estudante o responsável por isso. As informações no tocante à renda familiar não serão apresentadas nesta pesquisa, porque vários estudantes reconheceram oralmente, em

momentos de diálogo, terem alterado os dados no ato do preenchimento do questionário. Em relação ao preenchimento de dados da SRA, declararam ter preenchido com uma renda maior do que a que realmente tinham por vergonha de informar a sua verdadeira condição financeira. Da mesma forma, o único estudante que se autodeclarou indígena no questionário socioeconômico, negou essa etnia quando o procurei para solicitar uma entrevista com ele.

Dos 40 (quarenta) questionários socioeconômicos analisados, em relação aos estudantes que ingressaram no curso no semestre letivo 2015.2, 30 (trinta) estudaram exclusivamente na escola pública, 07 tiveram sua vida educacional toda na rede particular, 27 (vinte e sete) declararam-se negros ou pardos, 20 (vinte) deles declararam ser o próprio estudante o responsável pela manutenção da casa e 02 dividiam essa responsabilidade com um dos pais.

Diante de percentuais de 60 e 68% de negros (aqui tomados como pretos e pardos) respectivamente nas turmas 2015.1 e 2015.2 e da aparente invisibilidade destes estudantes e seus resultados no tocante à evasão e à reprovação diante das ações da instituição onde estudam entendi ainda que não só os docentes precisavam de formação para o trabalho com as diversidades socioeducativas e culturais, mas todos os servidores do campus, inclusive os membros da equipe pedagógica e do grupo gestor necessitam de capacitação formativa ofertada em reuniões periódicas e sistemáticas como previstas e descritas na Política de Formação – Demandas coletivas (Permanência e êxito estudantil – um compromisso coletivo). Por isso, dentre os objetivos desta política estão a redução no número de estudantes evadidos nos cursos técnicos subsequentes através da realização de atividades interdisciplinares planejadas e avaliadas nas reuniões pedagógicas as quais deverão subsidiar o redimensionamento da prática pedagógica destinada ao público composto por jovens e adultos e as especificidades desta clientela de modo a viabilizar um processo educativo que proporcione ao estudante tanto a construção dos conhecimentos necessários para a obtenção do título de técnico bem como a recuperação das aprendizagens não adquiridas anteriormente, pois acredito que a partir do momento em que estes jovens e adultos ingressam no IF Baiano, a responsabilidade pela recuperação das aprendizagens em defasagem passam a ser nossa.

Também apresento como objetivo da Política de Formação – Demandas coletivas (Permanência e êxito estudantil – um compromisso coletivo) o acompanhamento sistemático do ingresso, da permanência e do êxito dos estudantes com demandas socioeconômicas e socioeducativas através de um trabalho conjunto entre a CEN – Coordenação de Ensino, a CAE – Coordenação de Assistência ao Estudante, o NEABI – Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e indígenas e o NAPNE – Núcleo de Assistência a Pessoas com Necessidades

Específicas já que historicamente, tem sido os negros a parcela da população brasileira a receber um maior índice de descaso educacional o que certamente resulta na manutenção e/ou ampliação do déficit socioeconômico e socioeducativo (GONÇALVES e SILVA, 2000).

Na diversidade de crisântemos identificados na turma, durante as aulas, a partir de depoimentos oralizados pelos estudantes, como, por exemplo: “Eu achei que o curso fosse algo mais fácil. Não consigo entender a disciplina Lógica e Programação. Tem conteúdo que nunca vi no Ensino Médio”.

Foi possível perceber que muitos deles ingressam com uma visão equivocada do curso e um conhecimento epistemológico aquém do esperado para um estudante do Curso Técnico em Informática, na forma subsequente ao EM. Por conseguinte, surgiu a questão a ser investigada nesta pesquisa: a de que trabalhos direcionados para a diversidade étnico-racial, considerando nesse contexto as diversidades socioculturais dos estudantes, conforme dados supracitados e ainda uma perspectiva intercultural, permitirão ao docente e ao estudante

[...] assumir de modo consciente e crítico os processos de hibridização cultural presentes na sociedade brasileira, favorecendo o diálogo intercultural para sermos capazes de promover processos educacionais que articulem igualdade e diferença, universalismo e relativismo, globalização e pluralidade cultural, no nosso contexto (CANDAU, 2012, p. 51)

Nesta pesquisa, detectou-se, na turma que ingressou no semestre 2015.2, que há também uma diversidade acerca do grau de conhecimento dos crisântemos. Alguns estudantes ingressaram com as mesmas características do plantio de 2015.1. No entanto, verificou-se ainda uma quantidade significativa de crisântemos que já tem experiência com programação de computadores, enquanto os inexperientes geralmente ingressam no curso achando que será de programação *web* ou de manutenção de computadores.

Aqui é salutar dizer que apesar de estudantes negros e pardos terem acesso a uma educação de qualidade, muitos deles ainda não desenvolveram o sentimento de pertencimento a este mundo tecnológico e economicamente promissor que requer uma base de conhecimento lógico matemático e de leitura e escrita consolidado que deveria ser fruto de uma educação amplamente defendida pelo Movimento Negro como veículo de ascensão e de integração social, como estratégia de equiparação de oportunidades entre negros e brancos no mercado de trabalho bem como instrumento de conscientização e de aprendizagem da história de nossos ancestrais (valores e culturais) para viabilizar a reivindicação de direitos sociais e políticos.

Destarte, a *Política de formação: demandas coletivas (permanência e êxito estudantil – um compromisso de todos)* apresenta-se não como método, mas como um conjunto de princípios a serem adotados no processo formativo com vistas ao combate à evasão, dentre outros aspectos. Neste sentido, a proposição dos sete eixos temáticos gira em torno da ética profissional concernente ao atendimento das diversidades socioeducativas e culturais dos integrantes do processo educacional dos jovens e adultos.

Contrapondo-se à realidade do Curso Técnico em Informática, temos resultados de efeito positivo da institucionalização do trabalho com a diversidade étnico-racial no *Curso Técnico em Agropecuária integrado/concomitante ao EM* (que nesta pesquisa não foi o foco do levantamento e da análise dos dados), conforme os índices de evasão apresentados pelos relatórios da Secretaria de Registros Acadêmicos – SRA. Na turma 2008-2010, matricularam-se 42 estudantes e destes 5 (11,90%) evadiram-se. Na turma 2009-2011, foram matriculados 41 estudantes e 5 (12,20%) evadiram-se. Na turma 2010-2012, matricularam-se 70 estudantes e apenas 07 (10%) evadiram-se. A turma de 2011-2013 teve 88 matriculados e destes apenas 06 (6,82) evadiram-se. Para o grupo 2012-2014, a evasão baixou para 1,74% (02 de 115 matriculados). Nas turmas de 2013-2015 a evasão decresceu para 1,64 (02 de 122 matriculados). Outro dado importante é que os professores do colegiado de Agropecuária integrado ao EM já procuravam o NEABI para confirmar a realização da viagem temática *Um novo olhar sobre a cultura negra na região sul da Bahia* para incluírem a atividade no seu planejamento.

Por fim, as turmas que ingressaram em 2014, até janeiro de 2015 apresentaram índice zero de evasão. A esse respeito, vale ressaltar que o trabalho com a temática afro e indígena só teve início a partir de junho de 2010 e que depoimentos dos estudantes e observações dos professores demonstram que os alunos menos participativos em aula e com baixo rendimento do 3º ano elevaram sua autoestima, principalmente ao retornar da viagem temática *Um novo olhar sobre a cultura afro na região sul da Bahia* (organizada de forma interdisciplinar pelos professores da área propedêutica e da área técnica, sob a coordenação do NEABI), havendo uma mudança de comportamento desse grupo, passando a questionar quando discordava e a pedir explicações quando não entendia.

Outro elemento que reforçou as impressões e as inferências preliminares diz respeito à formação docente. Tanto no Curso Técnico em Agropecuária quanto no Curso Técnico em Informática temos um quadro docente composto por 38 professores sendo 10 doutores, 20 mestres e 08 especialistas. Desses 08 especialistas, 04 eram mestrados. A formação acadêmica dos professores apresentava um nível elevado e, em contrapartida,

questionávamos: *Por que uma evasão tão grande no Curso Técnico em Informática inclusive aumentando em larga escala com relação ao terceiro ciclo de matrículas quando o segundo ciclo havia diminuído em relação ao primeiro?*

Nesse sentido, é importante salientar que dos 08 professores que atuavam no Colegiado de Informática 01 era doutorando e licenciado, 03 eram mestrandos sendo apenas 02 destes mestrandos licenciados, 01 era mestre e 03 eram especialistas. Portanto, o colegiado de Informática apresentava o maior número de professores cuja titulação era de especialista e 03 dos 04 professores da área técnica em informática não possuíam licenciatura, além de 03 deles terem iniciado a sua atividade de ensino em cursinhos de informática oferecidos por lojas de venda de material dessa área.

Diante desse contexto educacional do IF Baiano – *Campus Itapetinga*, onde havia a institucionalização do trabalho com diversidade no Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao EM, o objetivo geral desta pesquisa foi: *Promover a institucionalização do trabalho com a temática diversidade, nas turmas do Curso Técnico em Informática Subsequente ao Ensino Médio, a partir das demandas apresentadas pelos docentes*. Nesse processo, percebi que o trabalho étnico-racial precisa trilhar caminhos socioeconômicos e socioeducativos diferenciados das trilhas adotadas nos cursos técnicos integrados ao EM.

No intuito de atingir essa institucionalização, delineamos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar as demandas de estudo dos docentes do IF BAIANO a fim de que os trabalhos de ensino, pesquisa e extensão no Curso Técnico em Informática contemplem as culturas afro e indígenas na escolarização do sujeito.
- Analisar as narrativas dos professores entrevistados de modo a compreender os sentidos atribuídos por eles ao tema diversidade étnico-racial.
- Propor uma política de formação continuada a partir das demandas identificadas, elegendo o IF BAIANO – *Campus Itapetinga* como *lócus* institucional da formação profissional.

No tocante ao primeiro objetivo específico, as entrevistas, a convivência e a realização conjunta de atividades interdisciplinares mostrou uma demanda urgente de formação no tocante às rotinas burocráticas dos institutos federais, como podemos perceber na afirmação do Coordenador do Curso, quando, enquanto pesquisadora, solicitei acesso às atas do NAP – Núcleo de Apoio Pedagógico, composto por coordenador, dois servidores técnico-administrativos (nesse caso, a Pedagoga do campus, que também é a Diretora Acadêmica Substituta nas ausências e impedimentos legais do titular do cargo, e uma Técnica em

Assuntos Educacionais) e dois professores do curso, a resposta que obtive foi “O NAP só tem uma ou duas atas, professora, porque nós não fazíamos”.

A ata à qual ele se referia foi da reunião do NAP e do NEABI em que se discutiam as ações afirmativas a ser incluídas no PPC – Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Suporte e Manutenção de Computadores. Nessa reunião, a coordenadora do NEABI, que também é a pesquisadora neste projeto, chamou a atenção do grupo para a necessidade de oficializar as convocações de reunião desse colegiado via memorandos e de registrar as discussões em memórias de ata. Ou seja, esta pesquisadora se responsabilizou pela redação da memória de ata dessa reunião.

Ainda como demanda formativa no campo das rotinas burocráticas está o processo de solicitação e acompanhamento dos processos de compra dos materiais necessários ao desenvolvimento das ações pedagógicas do curso. A comprovação disso se deu após ler narrativa do Crisântemo Azul. Este, após ler o relatório parcial desta pesquisa enviado para os membros do grupo gestor do *Campus* Itapetinga, do qual o coordenador do NGTI faz parte, narrou que havia materiais da área de Informática disponíveis no almoxarifado desde 2015 e que ainda não tinham sido retirados. Inclusive, esse mesmo coordenador trouxe essa informação em uma reunião geral, em outubro de 2015, conforme registro do diário de bordo da pesquisadora.

Entre os instrumentos de trabalho que foram adquiridos estão: kits de ferramentas, multímetros digitais, pulseiras antiestáticas, *patch panel*, alicate decapador, spray limpa contatos, anilhas de identificação, abraçadeiras, testador de cabo de rede, alicate de crimpagem, alicate fixador de impacto, alicate de corte, mouses e teclados extras.

A esse respeito, convém esclarecer que esses materiais foram adquiridos por meio do Pregão nº 23 de 2014, junto com os materiais do NGTI por tratar-se de produtos disponíveis apenas em grandes empresas e serem do campo da informática. Esses materiais são resultado da solicitação dos docentes, feita em momentos anteriores, conforme citação de trecho da entrevista narrativa apresentada no capítulo metodológico. Esse pregão se deu em 2014, no entanto, os materiais só foram entregues à nossa IES no segundo semestre de 2015. No mês de outubro, esses materiais foram lançados no SIGA (Sistema Integrado de Gestão Administrativa) do almoxarifado. De lá, só sai se o professor solicitar.

Ainda em relação ao objetivo de identificar as demandas formativas dos docentes do Curso Técnico em Informática, acrescentamos para uma ação de longo prazo a formação em nível de licenciatura. Essa ação não pode ser pensada em curto prazo porque, dos cinco

colaboradores da pesquisa, quatro estavam participando de cursos de formação de longa duração: doutorado ou mestrado e 01 deles fazia uma segunda graduação.

Dessa forma, considerando os objetivos da pesquisa, o tema e o objeto de estudo, é fundamental situar que a diversidade é entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças e apoiou-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9394/1996, vigente, em seu artigo 26 A, o qual estabelece que os currículos do Ensino Fundamental e Médio deverão contemplar uma parte diversificada que seja organizada de acordo com as especificidades das características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. Nesse sentido, uma característica do curso que tem demandado especial atenção é o percentual de evasão, conforme já apresentado no item anterior.

Portanto, esta pesquisa foi norteada pelo princípio defendido por Gomes (2007), de que o direito à educação deve ser entendido como direito à formação e ao desenvolvimento humano, como humanização, como processo de apropriação das criações, saberes, conhecimentos, sistemas de símbolos, ciências, artes, memória, identidades, valores, culturas “resultantes do desenvolvimento da humanidade em todos os seus aspectos” (GOMES, 2007, p. 12).

Em outras palavras, entendi que era preciso considerar as especificidades discentes demandadas pela condição socioeconômica associada à massa populacional brasileira de origem negra e indígena com o fito de discutir/adequar tanto os documentos norteadores do curso em epígrafe quanto a prática docente e a sua formação em serviço. Isso, claro, sem ignorar as peculiaridades dos estudantes que correspondem a uma parcela da sociedade mais favorecida socioeconomicamente. Afinal, nossos plantéis de crisântemos apresentam diversidades que atendem as necessidades de todas as camadas sociais, como nos mostra a narrativa de um estudante colaborador da pesquisa, cujo trecho transcrevo a seguir:

Alguns alunos afirmam que se evadiram pelo não direcionamento do curso para o que eles achavam que seria [...] Nas entrevistas feitas foi dito que o curso seria de programação de computadores, mas pelo nome do curso (Técnico em Informática) eles achavam que era aprender a lidar com a manutenção do computador. Como se fosse um técnico mesmo de consertar HD, consertar a memória, formatação, essas coisas, e o curso tem uma amplitude maior (Crisântemo Laranja).

A assertiva do estudante demonstrou a dificuldade de leitura de muitos dos candidatos entrevistados e selecionados para o Curso Técnico em Informática, turma 2015.2. Mesmo a seleção dos estudantes tendo sido feita pelos professores do Colegiado de

Informática e estes terem informado claramente – no entendimento e na linguagem própria dos especialistas da área de informática – qual era o foco do curso, as dificuldades de leitura associadas à limitação de conhecimento prévio na área de informática fizeram com esses estudantes ainda acreditassem que o curso seria de montagem e manutenção de computador.

Nessa mesma linha, como pesquisadora, entendi porque o professor mais antigo do curso sempre afirmava, desde 2011, que na região de Itapetinga não tinha empresas que fossem ideais para realizar visitas técnicas com os estudantes, todas as vezes que eu propus seja como coordenadora de ensino seja como professora, a realização de uma visita técnica ao Polo de Montagem de Computadores em Ilhéus. Montagem e programação de computadores são coisas distintas e, para o leigo em informática, isso não parece ser evidente. Essa questão deverá ser retomada na política de formação, elaborada a partir das demandas do coletivo constituído por docentes, técnicos e estudantes.

2 PLANTANDO O CRISÂNTEMO NA A ESCOLA – NOSSA FLOR DE OURO

Neste estudo investigativo, tomamos como nossa flor de ouro a concepção de escola de educação básica e da educação superior, porque esta se apresenta ainda como a alternativa mais viável e digna de melhoria de vida para as classes socioeconômicas que representam as minorias no poder. Por isso, concordei com a visão defendida por Candau (2010, p. 15): “a escola é um espaço de cruzamento de culturas, fluido e complexo, atravessado por tensões e conflitos”. Esses cruzamentos têm se evidenciado tanto nos crisântemos discentes quanto nos crisântemos docentes e nos servidores técnico-administrativos.

Nesse contexto, foi preciso concordar com Macedo (2007, p. 43) quando afirma que “cultura é uma força que age e que também é resultante de ações” transpondo-se em interpretações compartilhadas por pessoas diferentes e que ao fornecer meios para que elas “aconteçam na vivência dos efeitos de poder que produz”. A narrativa de um dos colaboradores desta pesquisa ratifica esse papel valioso da educação na vida do cidadão negro ou indígena.

[...] se eu fui bem-educado a vida inteira, eu não vejo porque alguém depois de tanto tempo de direitos usurpados da população negra, da população de baixa renda, não possa ter acesso... também, a fazer um curso de medicina que nunca faria se não lhe fosse oportunizado através das cotas. Eu acredito assim, a maneira de tirar uma família da pobreza é você fazer essa família ultrapassar essa linha da pobreza e ter dignidade, a família crescer e tal, é você oferecer educação. Por que? Porque você pega um menino desse e, eu tenho colega em Vitória da Conquista, diversos, que são assim, que estudaram em escola pública a vida inteira, família humilde e estão lá, na hora que o cara se forma engenheiro, o irmão também vem e estuda, aí os filhos do cara já estudam, aí o cara ajuda os pais e gera renda e cresce. É mais importante do que você pegar uma família que já tem condição, já tem renda e vai... continuar concentrando essa renda (Crisântemo Vermelho).

Frente à diversidade étnico-racial, percebi que, em pleno século XXI, ainda é visível a dificuldade que nós, educadores, temos em trabalhar com o tema, tanto com as turmas da educação básica quanto nos cursos de licenciatura e de Pedagogia. Da mesma forma, é visível essa celeuma no tratamento entre colegas servidores. Essa dificuldade é ainda maior quando se refere aos cursos técnicos, hoje, ofertados no Brasil pelas redes particulares, municipais, estaduais e federais de ensino.

Face a essa problemática, um dos meus propósitos foi provocar reflexões acerca do seguinte questionamento: o que caracteriza o cenário educacional da contemporaneidade?

Nesse sentido, minhas reflexões precisaram partir do pressuposto de que quatro eixos caracterizam esse cenário, quais sejam: desafios e complexidade, a formação profissional, o desenvolvimento de competências e, por último, a reinvenção da escola como espaço de cultura, saber, poder, relações de gênero, raça/etnia, classe social e sexualidade, como caminhos para a construção da igualdade. Contudo, tratarei, em linhas gerais, de questões que estão na recorrência cotidiana dos processos formativos contemporâneos.

Nesse cenário, estamos diante de novas lutas e bandeiras que requerem novas posturas e flexibilidade diante do contexto da contemporaneidade, diante da diversidade e das diferenças. O diálogo e a militância caminham “de mãos dadas” em prol de outros plantéis cujas flores eram invisibilizadas, como, por exemplo, a trajetória das mulheres na escrita da história feita pelos homens, os ensinamentos dos movimentos sociais, dos povos do campo, dos indígenas, quilombolas, do movimento negro e dos feministas. Tais temáticas têm provocado deslocamentos às universidades e aos institutos federais, espaços oficiais de formação docente a partir dos últimos anos do século XX.

Por essa razão, concordei com as educadoras Silva, Maraux, Silva (2013) quando dizem que, de maneira geral, educar é o ato de humanizar no sentido de dotar a pessoa/grupo de potencialidades que são exclusivas do ser humano. Essas potencialidades, no dizer de Macedo (2007, p. 41), correspondem à concretização de “um currículo que quer constituir-se pela e com a heterogeneidade”. Isso significa considerar que todos os seres humanos são capazes de exercer a crítica na “elucidação das relações sociais” que são ao mesmo tempo tensas e conflituosas.

Ainda concordando com as autoras Silva, Maraux, Silva (2013), afirmo que, de maneira específica, educar é um processo sistemático e intencional, desenvolvido em instituições apropriadas, mas também em movimentos sociais, a fim de que educadores e educandos, tendo acesso aos objetos culturais produzidos pela humanidade, bem como aos seus métodos e processos de construção e significação, venham a torná-los objetos de aprendizagem com base no currículo da instituição educativa para que o sujeito desenvolva suas potencialidades humanas.

Finalmente, também com base em Silva, Maraux e Silva (2013), dialogo com Libâneo (1994) ao fazer distinção entre educar e instruir, conhecimento que serviu de orientação para as reflexões desenvolvidas nesta pesquisa. A instrução diz respeito à formação intelectual, ao desenvolvimento das capacidades cognitivas do estudante. Já a educação é um processo mais amplo, que envolve a integralidade da dignidade humana buscando sua plenitude nos contextos de possibilidades e de impossibilidades também, de modo que é

possível instruir sem educar, e isso se constitui um sério prejuízo para a formação humana integral que todo processo educativo requer.

Consciente das limitações apresentadas em relação à nossa formação, seja ela inicial seja continuada, pois como nos aponta com muita pertinência Miguel Arroyo (2011), somos frutos de uma escola que nos forma e nos deforma, vejo que o comprometimento com nossa formação continuada deve ser a tônica das políticas públicas educacionais em seus três níveis: federal, estadual e municipal, haja vista que somos eternos aprendizes e, como nos diz Freire (2001), somos sujeitos inacabados e somente poderemos educar homens e mulheres se tivermos consciência desse inacabamento. Para tal, a formação inicial e continuada é nossa corresponsabilidade e nosso dever ético.

Desse modo, nesta pesquisa, foi realizada uma reflexão teórica acerca da relação entre atividades desenvolvidas com os estudantes do Curso Técnico em Informática subsequente ao EM do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – *Campus Itapetinga*, criado em 2009, a partir da transferência da Escola Média Agropecuária da CEPLAC – EMARC para o MEC – Ministério da Educação e Cultura. A partir dessa reflexão, estudei as demandas formativas dos professores do Curso Técnico em Informática Subsequente ao Ensino Médio com o fito de promover a institucionalização do trabalho com a temática diversidade étnico-racial (ensino, pesquisa e extensão), na escolarização do sujeito das turmas do Curso Técnico em Informática Subsequente ao EM, a partir das demandas apresentadas pelos docentes do IF Baiano – *Campus Itapetinga*.

Nesse ínterim, retomamos a realização de um evento anual de informática numa relação bianual na qual, no ano de 2015, realizamos o *I INFO Black Baiano – Simpósio de Informática e Diversidade Étnico-racial*, estando o próximo previsto para acontecer em 2017. Contudo, já está planejada para 2016 a realização de um simpósio exclusivo de informática, como nos afirma um dos entrevistados, ratificando a conclusão da pesquisadora de que o foco do trabalho com a diversidade étnico-racial deverá seguir o viés socioeconômico e socioeducativo no sentido de oportunizar o nivelamento de aprendizagens pertinentes ao concludente do EM:

A gente [...] debateu e a gente achou que a gente fazer todo ano não seria interessante pra gente, mas o quê que a gente pretende fazer. Já ocorreram outros eventos chamando Info Baiano e a gente fez no ano passado o Info Black Baiano, que foi um Info Baiano junto com um evento da semana da consciência negra, então a proposta da equipe é, não é um nunca mais é um até breve. Esse ano a gente faz um Info Baiano, que só vai ter atividade de informática e, no próximo ano a gente faz de novo, ne, porque a ideia da gente é fazer um no primeiro semestre no ano e no outro ano a gente tentar

mudar o semestre e a gente fazer de novo de forma conjunta. É interessante, foi bem interessante... (Crisântemo Vermelho).

2.1 O PAPEL DO IF BAIANO NA SOCIEDADE

O IF Baiano nasceu com o objetivo de ofertar cursos profissionalizantes técnicos e tecnológicos nas áreas alocadas no bloco das ciências da terra. Neste sentido, o Censo (IBGE, 2010) aponta que entre os cursos mais ofertados pelos institutos federais estão os de Agropecuária e de Informática.

Nessa direção, precisamos lançar um olhar sobre as prováveis razões do destaque desse ensino. O mundo agrícola geralmente atende as demandas de produção dos trabalhadores populares enquanto que o mundo da pecuária transita muito mais pelo campo de investimento dos meios sociais que requer uma maior soma de dinheiro e, por isso, representa o sonho de progresso para muitos. Já os cursos de informática representam o “entre-lugar” na tradição não urbana e o tão sonhado progresso humano. Ou seja, desde a segunda metade do século XX e com a ampliação do fenômeno da globalização digital, o modelo de fazendas iluminadas com lâmpões e balancetes feitos em cadernos não representa mais boa parte da realidade social, até mesmo dos países em desenvolvimento. Hoje, é cada vez mais comum o uso da informática na administração das fazendas.

A informática representa a interface entre o mundo urbano e o não urbano, o globalizado e o local, a classe dominante e a minoria no poder e, segundo Lévy (1999, p. 199), a cibercultura é a representação da inteligência coletiva, uma “inteligência variada, distribuída por todos os lugares, constantemente valorizada, colocada em sinergia em tempo real, que engendra uma mobilização otimizada das competências”. Ele sinaliza, ainda, a eterna existência de um devir tecnológico, haja vista que é impossível ao ser humano dominar ou conhecer todos os fatores que contribuem para a emergência da tecnocultura contemporânea. Isso, em parte, ocorre porque, geralmente, há um conflito entre atitudes, indivíduos, projetos, interpretações, permeando o devir da cibercultura.

Desse modo, a cibercultura pode servir tanto como reforçadora da compartimentalização e hierarquização das relações culturais quanto como um instrumento de favorecimento das comunicações transversais, assim como da valorização de competências disponíveis e do estabelecimento de um sistema de cooperação entre os usuários de uma rede de comunicação informatizada.

Seja no mundo dos negócios, seja no mundo da educação acadêmica ou da educação popular, a cibercultura nos remete a uma demanda oficializada nos Estados Unidos, na década de 1960: a efetivação de ações afirmativas, inclusive no processo de ensino e aprendizagem. Essa demanda foi gerada, principalmente, com a intensificação da ação dos movimentos negros, os quais buscaram resgatar a visibilidade e a valorização do seu povo forçando a existência de políticas públicas para o tratamento mais ativo das questões de raça e gênero, que adotem medidas específicas para a solução dos problemas dos grupos minoritários no poder.

Portanto, entendi que o papel do IF Baiano, na sociedade onde ele está inserido, é propiciar a todos e a todas a oportunidade de vivenciar uma práxis pedagógica que, segundo Vásquez (1986), consiste em efetiva ação ou conjunto de ações que, articuladas entre si, promovam transformações nas partes e no todo. Nesse sentido, esta pesquisa contribuiu para a efetivação de uma práxis pedagógica diferenciada no Colegiado de Informática, com a realização de atividades interdisciplinares como salienta este entrevistado:

[...] meu primeiro evento, né, os meninos, acho que ninguém tinha organizado, talvez Crisântemo Lilás, professor Crisântemo Lilás, acho que já organizou evento, mas o meu era a primeira vez organizando e confesso que numa escola que ninguém dá muita visibilidade para o curso de informática, onde tudo para a gente é extremamente difícil, a gente nunca pode nada, quando o NEABI, ..., nos propôs realizar de forma conjunta, foi bem interessante, porque a gente ia fazer os dois eventos juntos, a gente conseguiria movimentar a escola, tive a preocupação na hora de fazer esse evento de não sonhar muito. Os alunos gostaram bastante, [...] Enquanto docente também achei interessante, né, às vezes é bom a gente sair de sala de aula, conversar com outros colegas de outras áreas, assistir [...] os colegas palestrando, falando de outras áreas. Uma atividade cultural que a gente conseguiu juntar os discentes dos módulos, fazer uma confraternização. Até a relação estudante-professor melhorou muito depois disso. Até hoje a gente colhe esses frutos... o tratamento dos meninos é muito mais respeitoso com a gente hoje, a gente brinca, a gente tem acesso com os meninos por conta do evento. Então, a semente foi plantada nesse evento (Crisântemo Vermelho).

No discurso do Crisântemo Vermelho, no qual ele avalia os efeitos da realização do *I Info Black Baiano – Simpósio de Informática e Diversidade Étnico-racial*, o colaborador, empiricamente, enfatiza o papel da práxis pedagógica nesse processo de humanização do indivíduo, percebendo isso a partir dos fenômenos formativos que acontecem por meio da convivência entre colegas com formação e habilidades diferentes. Há, nessa abordagem, uma explicitação de que ensinamos e aprendemos aquilo que vivenciamos. Ademais, apesar de o entrevistado sinalizar a todo tempo um sentimento de rejeição às ideias advindas desse colegiado, há a manifestação da alegria em relação à aceitação e valorização do grupo por

parte do NEABI e ao mesmo tempo a colheita dessa aceitação bilateral professor/estudante que resultou numa convivência de respeito entre eles. É “o outro na cultura e nas culturas... enquanto coconstrutor de diferenças, de processos identitários e das práticas de liberdade” (MACEDO, 2007, p. 43) em um caminho de negociações simbólicas no espaço e tempo históricos desses atores e autores de uma história crítica.

Nesse processo, a formação política que se deu a partir da convivência mais próxima com o NEABI e com professores do Curso Técnico em Agropecuária integrado ao EM já estimulou o colegiado de Informática a propor mais ações no PAA – Plano de Ação Anual 2016 (conforme disposto na Tabela 1), incluindo as ações exitosas do ano de 2015 e acrescentando ações afirmativas que caminham na perspectiva do êxito e da permanência do estudante no Curso Técnico em Informática.

Tabela 1 – Plano de Ação Anual 2016 do Colegiado de Informática*

Ação	Setor responsável	Início	Fim
Realizar evento <i>Info Baiano</i>	Coordenação de informática	01/05/2016	30/09/2016
Realizar dia da Robótica	Coordenação de informática	01/10/2016	01/11/2016
Realizar Campeonato de Luta de Robôs Virtuais	Coordenação de informática	01/05/2016	30/05/2016
Sistematizar tutoria de todos alunos com professores	Coordenação de informática	mar/16	abr/16
Sistematizar acompanhamento de Egressos	Coordenação de informática	abr/16	mai/16
Realizar visita técnica relativa à disciplina Redes de Computadores II	Coordenação de informática	ago/16	ago/16
Iniciar um projeto de Pesquisa na área de Informática e afins.	Coordenação de informática	16/01/2016	16/11/2016

* O Plano de Ações Integradoras 2016 para o Curso Técnico em Informática foi elaborado pelos professores da área técnica e pela coordenação do curso. A coluna de valores foi retirada.

Fonte: Coordenação do Curso, em 25/04/2016

Com base nessa tabela já é possível identificar uma preocupação socioeducativa, o que me leva a afirmar que, mesmo nos processos de pesquisa exploratória, o fato de nós, professores, pensarmos criticamente a nossa prática, faz-nos repensar as nossas ações com vistas a promover intervenções pedagógicas que alterem a realidade indesejada.

No caso do colegiado de informática, as intervenções planejadas almejam a alteração, para menor, dos índices de evasão até então vivenciados, bem como a ampliação dos índices de permanência e êxito estudantil, considerando as novas diretrizes da Diretoria

de Planejamento e Desenvolvimento de Ensino, que tratam da inclusão da tutoria, do processo de acompanhamento de um determinado número de discentes, realizado por cada professor, no sentido de identificar demandas socioeconômicas e educativas que possam levar esses estudantes à evasão ou à repetência, visando promover aconselhamentos ou orientações de caminhos a serem seguidos por esses discentes, de modo a alterar a realidade conflituosa ou indesejada. O ano letivo 2016 iniciou em 28 de março e até 25 de abril a implantação desta tutoria ainda não havia sido concretizada.

Em relação ao dia de Robótica, o planejamento dessa ação representa a preocupação em ampliar as ações práticas, inclusive dando vitalidade ao laboratório de robótica existente no campus e não utilizado entre os anos de 2013 e 2015, exceto durante a realização do *II Workshop Cultural Consciência Negra* e o *I Info Black Baiano* (19 a 21/11/2015) quando convidamos *Campus Jequié*, ex-professor da casa, atual professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, para ministrar um minicurso. A subutilização desse material se dá devido à necessidade de capacitação ou contratação de um professor de informática que trabalhe com essa especialidade.

Já o campeonato de robôs virtuais aconteceu em 13 de maio de 2016, dando continuidade à ação interdisciplinar que planejamos e realizamos em maio de 2015, durante a Exposição Agropecuária de Itapetinga, atividade da qual o *Campus Itapetinga* participa anualmente, desenvolvendo exposições, atividades pedagógicas, como a realização de palestras e minicursos.

Foi em 2015, ainda durante a pesquisa exploratória, que apresentei aos membros do colegiado o formulário de cadastro das atividades técnicas na coordenação de ensino que utilizávamos no Colegiado de Agropecuária. Felizmente, em março de 2016, durante a jornada pedagógica, houve a sistematização coletiva entre os membros de todos os colegiados do campus, adotando um formulário único para o cadastro e acompanhamento das ações interdisciplinares.

O *INFO BAIANO – Simpósio de Informática* foi um evento exclusivo desse colegiado, realizado nos anos de 2011 e 2012. Como em 2013 e 2014 não se realizou nenhum evento ou atividade interdisciplinar do Colegiado de Informática, propus aos colegas retomar esse projeto e, durante o ano de 2015, ao dialogarmos sobre a realização de um evento que incluísse a diversidade afro-brasileira, criamos o *I Info Black Baiano – Simpósio de Informática e Diversidade Étnico-racial* a ser realizado bianualmente, junto com a *Workshop Cultural Consciência Negra*. A esse respeito, é importante ressaltar que o meu conhecimento

acerca do *INFO BAIANO* advém do período em que ocupei a Coordenação de Ensino no *Campus Itapetinga*.

No tocante aos três últimos itens da tabela do PAA, esse planejamento representa a tentativa de efetivar a concretização de ações de pesquisa e extensão no Colegiado de Informática, o que já acontece desde 2011 no Colegiado de Agropecuária. Representa também a preocupação em implantar uma ação que até o ano de 2015 ainda não havia se concretizado em nosso campus, que é o acompanhamento dos egressos dos cursos que ofertamos a fim de identificar a atuação ou não na área de formação, ou seja, o acompanhamento de egressos tem como objetivo verificar a inserção do estudante no mercado de trabalho e a verticalização nos estudos desses estudantes. Há, inclusive, uma verba específica para esse fim que ainda não foi utilizada em Itapetinga. A visita técnica em uma empresa que possua um sistema de rede de computadores representa ainda a tentativa de contextualizar a atuação do técnico em informática no mercado de trabalho e é salutar afirmar que atividades, como visita técnica e aula de campo, já fazem parte da rotina pedagógica dos colegiados de Agropecuária e de Alimentos.

No item a seguir, apresentarei um breve panorama acerca do ensino da cultura afro e indígena, contextualizando historicamente essa conquista.

2.2 O ENSINO DA CULTURA AFRO E INDÍGENA – REMEMORANDO O PLANTEL

No Brasil, a introdução dessa preocupação em desenvolver ações afirmativas da identidade negra e indígena vem desde a chegada dos portugueses. Primeiro, os índios inauguraram essas ações quando se negavam a viver na escravidão e fugiam toda vez que eram aprisionados pelos europeus. O mesmo processo aconteceu com os negros desde a sua saída da África quando muitos morriam de “banzo” (depressão) por se negarem a ser escravos. Outros faziam o reconhecimento da nova terra e, assim que tinham oportunidade, fugiam. Essa foi, por assim dizer, a formalização das ações afirmativas do negro no Brasil. Esse processo foi ampliando e deu origem aos quilombos, aos movimentos abolicionistas, incluindo neles estudantes e filhos de fazendeiros, negros forros e fugidos, filhos dos escravagistas e “suas” escravas.

Em 1968, o Ministério do Trabalho propôs a criação de uma lei que estabeleceria o número mínimo de servidores negros nas instituições públicas e privadas. Entretanto, a proposição não se concretizou. Quinze anos depois, o ativista e político da Câmara Federal, Abdias Nascimento, elaborou o projeto de lei 1.332, o qual propunha mecanismos de

reparação aos afrodescendentes. As políticas públicas seguiram com o reconhecimento da Serra da Barriga como patrimônio histórico do país, em 1984, e com a criação da Fundação Palmares, em 1988. Em 2001, as ações afirmativas foram efetivamente implementadas em território brasileiro com as cotas raciais para o ingresso nas universidades. Esse marco, decorrente de um acordo/determinação da UNESCO como estratégia de reparação aos povos escravizados, gerou nos discursos elitistas uma “queda de braço” em relação ao direito de ingressar na universidade.

Em agosto de 2012, homologou-se a lei 12.711, que decretou a reserva de 50% das vagas em universidades e institutos federais de educação para os estudantes oriundos integralmente do Ensino Médio nas escolas públicas. Essa lei foi regulamentada pelo decreto n. 7.824/2012 e pela Portaria Normativa n. 18/2012. Em 2014, a lei 12.290 instituiu a reserva de vagas para candidatos negros nos concursos públicos federais e até 2015 tínhamos uma Secretaria da Diversidade Étnico-racial em nível federal. Todavia, em 12 de maio de 2016, após a aprovação do processo de impeachment da Presidenta da República, reeleita em 2014, o presidente interino extinguiu essa secretaria.

Portanto, assim como aconteceu com a secretaria, o ingresso na rede de ensino superior não é garantia de permanência e ao perceber a dificuldade de alguns estudantes em função do não acesso a uma educação básica de qualidade ações afirmativas de apoio à aprendizagem discentes em nível de nivelamento destas aprendizagens básicas foram empreendidas. A esse respeito, professores e estudantes da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e da Universidade Federal da Bahia – UFBA, só para exemplificar, deram início a uma trilha composta de cursos de extensão, busca de bolsas de estudo etc. a fim de garantir a permanência desses estudantes cotistas na universidade. No caso dos cotistas, ao experimentar o prazer de estudar em uma universidade, muitos deles desejaram que outras pessoas das comunidades periféricas de Salvador também sentissem esse prazer e com isso as ações foram ampliadas no sentido de preparar os candidatos alargando as suas chances de concorrer com êxito a uma vaga na universidade. A partir disso, criam-se os cursos pré-vestibulares gratuitos nas periferias, por iniciativa de estudantes e professores da UFBA. Nas Universidades Estaduais da Bahia – UEBAS, essa cultura tomou corpo com o Projeto Universidade para Todos – projeto que realiza cursinhos preparatórios para o ingresso nas IES gratuitamente.

Com a criação da lei 10.639/2003, o tratamento dos conteúdos ligados ao tema étnico-racial deixou de ser exclusividade das universidades e passou a ser obrigação também nas instituições da educação básica. Essa lei, que cinco anos depois foi ampliada pela 11.645/2008, incluindo a obrigatoriedade do estudo da história e da cultura indígena das

etnias brasileiras, contribuiu para a intensificação das tentativas de trabalhos educativos que explicitem a participação direta do negro e do índio na construção da identidade afro-índio-brasileira. Essa obrigatoriedade gerou uma demanda formativa por parte dos docentes, haja vista que somos frutos de uma educação de base eurocêntrica, pensada para a elite brasileira e adaptada para a classe proletária nos anos de 1930, a partir da reivindicação popular de uma “educação para todos”.

Assim como a educação europeia, a educação oferecida aos integrantes das classes populares do nosso país sempre esteve a serviço da invisibilização da participação efetiva do negro na construção da sociedade brasileira. Nesse sentido, as demandas de formação docente para o ensino da diversidade étnico-racial caminham na direção de trazer à tona a participação efetiva do negro na economia, nas ciências médicas, nas engenharias, nas artes, na matemática, mas também – e principalmente – no sentido de contribuir efetivamente para a permanência e êxito desse estudante afro-índio-brasileiro.

É uma formação para a etnociência. Uma etnociência que respeite a diversidade cultural tanto do negro integrante das massas populares quanto do indígena, sem colocá-la no binômio ciência e senso comum, pois em “todo processo de compreensão do mundo, há um processo de produção e compreensão do conhecimento. Em todo processo de compreensão do conhecimento está implícita a possibilidade de comunicar o que foi compreendido” (FREIRE, 2014, p. 102-103), e para isso, há, ainda segundo Paulo Freire, além da linguagem oral e da escrita, outras possibilidades que também podem ser consideradas ciência. Na entrevista com o Crisântemo Negro, ele, inclusive, sinaliza essa concepção de cultura em relação à linguagem quando fala do que tem feito para tentar amenizar o preconceito linguístico que se tem com a diversidade linguística nas suas aulas de Língua Portuguesa, Literatura e Redação.

A nossa língua é diretamente influenciada por línguas do grupo banto, que por coincidência, na época daquilo que nós chamamos de colonização [...] século XVI até o século XVIII, é, por uma coincidência estrutural, as línguas do grupo banto e o português antigo, eles tinham mais ou menos os mesmos pressupostos guardadas as devidas proporções. Então isso fez com que casasse as línguas e que impediu que se formasse, por exemplo, uma terceira língua, [...] se formasse um *pidgin* ou formasse, é, um crioulisto no Brasil (Crisântemo Negro).

Em outras palavras, fica claro que o negro participou diretamente na construção do português falado no Brasil. Prova disso é que os negros que já chegavam ao país (à época, colônia) como falantes do português eram usados para ensinar o “português” aos negros não falantes dessa língua. Entretanto, desde o período da escravidão nesta terra até os dias atuais,

o preconceito linguístico é real e cabe a nós educadores “mostrar de modo não hierarquizado [...] que a dona Chiquinha da feira, ela fala uma língua de prestígio, tanto quanto o doutor da universidade” (Crisântemo Negro).

Conceitualmente, a diversidade cultural torna-se sinônimo de multi/interculturalismo e, muitas vezes, da diversidade étnico-racial. O que significa dizer que trabalhar com a diversidade étnico-racial implica trabalhar com as formas de interação cultural tanto na política quanto na economia, na arte e na ciência. Logo, trabalhar com os diversos tipos de relacionamento entre os povos faz com que o olhar do estudante ou pesquisador fatalmente vá deparar-se com os conflitos culturais. Isso me leva a concordar com McLaren (2000, p. 123), para quem o multiculturalismo crítico, ou de resistência, “[...] se recusa a ver a cultura como não-conflitiva, harmoniosa e consensual”.

Nessa concepção, a diferença é vista como construção histórica, cultural e política já que “[...] compreende a (visão) de raça, classe como o resultado de lutas sociais” (MCLAREN, 2000, p. 123). Isso é muito semelhante ao que Kreutz (1999, p. 82) escreveu: “as culturas, mesmo marginalizadas e excluídas, não são realidades mudas, mas fontes de sentido e construção do real”. No caso do Curso Técnico em Informática, essa discussão precisa ser feita por meio de atividades práticas não só de suporte à ampliação do capital cultural dos estudantes, mas também em relação à concretização de práticas pedagógicas da área técnica que possibilite aos discentes melhorar a sua condição/qualidade de vida socioeconômica como bem nos sinaliza o Crisântemo Vermelho ao afirmar que

Até hoje, acredito que nós formamos 13 alunos, os 13 alunos estão na área [...] E são tidos em alta consideração, [...], um monte de aluno vem pra cá por conta desses alunos formados. [...]. O cara chega aqui como “ah, você é o que? Sou, trabalho numa papelaria”. Aí o cara desiste no meio do segundo módulo, mas o cara deixa de ser assistente de papelaria e começa a trabalhar na área de informática (Crisântemo Vermelho).

Referindo-se especificamente à cultura como categoria de análise “o importante é perceber como a categoria opera na prática, num contexto essencialmente dinâmico, carregado de tensões e contradições” (KREUTZ, 1999, p. 82). O étnico (a identidade/diferença) “[...] se constrói, nas práticas sociais, no jogo de poder e na correlação de forças” (KREUTZ, 1999, p. 82). Em outras palavras, significa dizer que o papel do trabalho com a diversidade étnico-racial é possibilitar ao estudante a vivência de uma educação intercrítica, que lhe oportunize a visualização do que está a travar o seu progresso e dos seus iguais, que lhe dê condição de intervir e mudar a realidade que o cerca.

É nessa linha que busquei identificar as demandas de formação docente para um trabalho pluridisciplinar intencional com a diversidade étnico-racial, de modo a viabilizar a análise de realidades de comunidades diversas, pautando-me no conceito de diversidade que perpassa pela comparação feita por Backes (2013, p. 54):

[...] as características do multiculturalismo liberal conservador e de esquerda que McLaren (1997) aponta se aproximam das características que Kreutz (1999) atribui ao multiculturalismo de modo geral. Segundo McLaren (1997), o multiculturalismo liberal/conservador e de esquerda assenta-se na “[...] lógica essencialista: em ambas, as identidades individuais são presumidas como autônomas, autocontidas e autodirigidas” (p. 123). Elas negam o conflito, a tensão, ou seja, pressupõem “[...] harmonia e concórdia – um espaço sem distúrbios onde a diferença possa coexistir (p. 124).”
[...] Portanto, observa-se que as ideias de Kreutz (1999), que defende o uso do termo interculturalidade, vêm ao encontro do que McLaren (1997) escreveu sobre o multiculturalismo crítico ou de resistência.

Ou seja, apesar de observar o discurso docente que diz não saber como introduzir o tema diversidade étnica na sua disciplina, nos momentos de reunião de planejamento da *Viagem Temática: Um novo olhar sobre a cultura negra na região sul da Bahia*¹, após alguns diálogos sobre o que trata a disciplina em questão e os princípios que norteiam a diversidade étnico-racial afro e indígena, docentes do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio têm conseguido incluir a temática em suas aulas.

Nessa direção, a primeira viagem, realizada no ano de 2011, esteve atrelada exclusivamente ao componente curricular Língua Portuguesa, Literatura e Redação e, a partir de então, essa ação foi inserida no calendário acadêmico do IF Baiano – *Campus Itapetinga*, convencionando-se que nos anos seguintes continuaria sob a responsabilidade do/a professor/a de Literatura.

No ano de 2012², essa viagem ficou associada à leitura de alguns romances de Jorge Amado, natural de Ilhéus/Itabuna. Por isso, incluiu-se a visita a uma roça de cacau para que os estudantes tivessem uma referência visual de algumas das situações narradas nos romances do ciclo do cacau. Ao retornar, os estudantes apresentaram os romances lidos, primeiro em sala de aula e depois em uma Vitrine Literária na qual discutiram africanidades e exibiram dança e

¹ Essa viagem foi planejada pela professora Rosemeire Oliveira Nascimento, em 2010, para Salvador e reformulada para acontecer em Uruçuca, Ilhéus e Itacaré a partir do ano de 2011. Em 2014, realizou-se a 4ª edição dessa viagem.

² De 2012 a 2014, as aulas de Língua, Literatura e Redação ficaram sob a responsabilidade da Professora Izanete Marques Souza, que em 2011, respondia pela Coordenação de Ensino, além de ser membro do grupo de pesquisa NEABI e junto com a professora Rosemeire Oliveira Nascimento implantou o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas local, como espaço de coordenação das atividades étnico-raciais. Em 2011, a Professora Rosemeire coordenou o NEABI do IF Baiano – *Campus Itapetinga* e a partir de 2012 essa coordenação passou para a Professora Izanete.

poesia modernista. Ao contrário de 2011, não ocorreu o Seminário de Cultura Afro e Indígena, realizou-se apenas a Mostra de Cinema em um sábado letivo da semana da Consciência Negra, mais especificamente no dia 24/11/2012. Esta interrupção deu-se em virtude de um racismo institucionalizado que vê as ações afirmativas da identidade negra e indígena nas escolas desde

A partir do ano letivo de 2013, retomamos a parceria com a Professora de História, incluímos o de Sociologia³ discutindo dentro das suas aulas a participação do negro na construção da identidade brasileira, as relações sociais estabelecidas e o papel da República nesse processo de omissão e de reparação das injustiças sofridas pelos negros. A partir de 2014, essa parceria foi ampliada com alguns docentes da área técnica, nos componentes Agricultura III, que trabalhou a flora da região sul da Bahia, explorando a partir da etnociência a importância social, econômica e alimentar das espécies cultiváveis. Em Extensão Rural, Planejamento e Projetos, houve a exploração do instrumento visita técnica como recurso de assessoramento das comunidades de agricultores⁴.

No ano de 2013, o retorno da viagem temática vivenciada pelos estudantes do 3º ano do Curso Técnico em Agropecuária deu-se através de exposições diversas na II Vitrine Literária do IF Baiano – *Campus Itapetinga*, a qual ocorreu junto com as demais atividades em comemoração aos 05 anos de existência deste instituto. Em novembro, realizamos o *I Workshop Cultural Consciência Negra* e no ano de 2014, a devolutiva dos estudantes do 3º ano em relação à Viagem Temática *Um novo olhar sobre a cultura negra na região sul da Bahia* culminou na organização do *Seminário Brasil: (Cons)Ciência Negra*, em parceria com membros do NEABI o qual convencionou que tanto o workshop quanto seminário em epígrafe serão realizados bianualmente. Em 2015, tivemos o *II Workshop Consciência Negra* juntamente com o *I Info Black Baiano – Simpósio de Informática e Diversidade Étnico-racial* cujo colegiado também convencionou a realização bianual, conforme mostrarei mais à frente.

Ainda no campo do trabalho formativo, em relação à diversidade tivemos a realização do Campeonato de Robôs Virtuais realizado no stand do IF Baiano na Exposição Agropecuária de Itapetinga, no ano de 2015. Nesse trabalho, a professora de Metodologia Científica trabalhou com os estudantes a concepção de ciência, priorizando o campo da robótica como espaço de exemplificação. Para tanto, os professores da área técnica fizeram todo o trabalho de apresentação e orientação dos estudantes para a realização do campeonato. Com isso, os professores da área técnica tiveram a oportunidade de aprender a registrar um

³ Respectivamente, Grazyele Reis dos Santos, Marise Guedes e Caio César Aguiar.

⁴ Os responsáveis por essa disciplina foram Patrícia S. Santos e Gean Carlo Soares Capinan.

projeto interdisciplinar, encaminhando-o também para os setores pedagógicos do campus. Os estudantes, por seu turno, tiveram a oportunidade de interagir com os colegas de módulos diferentes do que eles cursavam e de entender um dos campos científicos da área da informática. Como fruto dessa ação, foi realizado um segundo campeonato de robôs virtuais no campus, intensificando a participação dos estudantes do semestre 2015.1 junto aos veteranos.

Analisando os resultados de permanência dos estudantes emitidos pela SRA, em relação ao ano letivo de 2015, a turma 2015.1 teve uma permanência de 21 matriculados e 2015.2 teve 23. Contudo, permaneceu também a demanda formativa no sentido de como subsidiar pedagogicamente esses estudantes em relação ao déficit de leitura e escrita, haja vista que em ambos os módulos tivemos 11 reprovados em cada turma. Portanto, posso afirmar que a inserção de um trabalho pautada na aprendizagem prática do discente contribuiu para o aumento da permanência, contudo, carecemos de uma formação continuada que nos leve a subsidiar os estudantes jovens e adultos no êxito educacional qualificado já que até hoje o Movimento Negro luta pela consolidação da “libertação” dos negros escravizados combatendo o analfabetismo e incentivando-os a estudar para que possam nossos direitos sociais e políticos, tais como o direito à diferença e ao respeito humano (GONÇALVES E SILVA, 2000). Por isso concordo com estes educadores e com a visão defendida pelo TEN – Teatro Experimental Negro e pelo MNU – Movimento Negro Unificado quando afirmaram ser possível combater o racismo por meio de procedimentos culturais e educativos. Aliás, no século XX, o TEN, ainda segundo os professores Luiz Alberto Oliveira Gonçalves (UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais) e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (UFSC – Universidade Federal de São Carlos), realizou diversas ações tanto para reivindicar um ensino público gratuito para todas as crianças brasileiras, independente da identidade étnica quanto para a “ a admissão subvencionada de estudantes nas instituições de ensino secundário e universitário, de onde foram excluídos por causa da discriminação e da pobreza resultante de sua condição étnica” (NASCIMENTO, 1978 *apud* GONÇALVES E SILVA, 2000, p. 148).

Em relação ao conceito de raça apresentado neste estudo, consiste em um conceito político e não biológico como o que foi usado desde o colonialismo europeu como uma estratégia de dominação. Ao contrário, o conceito aqui adotado coaduna com o que desde a década de 1990, no Brasil, vem sendo usado como estratégia política de promoção de uma igualdade racial que implica uma igualdade de direitos e deveres políticos e sociais (QUIJANO, 2007). Desse modo, entendemos que a ideia de “raça” é uma construção cultural atrelada aos princípios individuais e coletivos tanto do presente quanto da ancestralidade.

O ponto fundamental do conceito de raça é o fato de que as populações, em cujas características se elaboram as classificações raciais, pertencem à mesma espécie. Em outras palavras, o mais fundamental aspecto biológico das raças está naquilo que as une e não naquilo que as separa (AZEVEDO, 1990, p. 22).

O racismo, por sua vez, é tomado como sinônimo de discriminação racial a ser combatido nos sistemas educativos por meio do trabalho sistemático com a temática étnico-racial, de modo a possibilitar aos envolvidos no estudo a percepção de que o racismo surgiu a partir de causas econômicas e, conseqüentemente, políticas. Nesse caso, a referência mais antiga é datada de. Aproximadamente, 2000 a.C. Todavia, antes do século XV, há uma coerência de opiniões que vai sinalizar que “as divisões antagonicas da humanidade não eram originadas por ideologias racistas”, mas pelas ideologias religiosas e filosóficas (AZEVEDO, 1990, p. 23).

Referindo-se às características raciais nas diversas regiões do Brasil, Azevedo (1990, p. 40) afirma: “de modo geral, o Brasil é mais mulato no litoral, branco e mestiço no interior. É também mais índio ao norte, menos branco ao nordeste, mais índio e mais branco ao centro-oeste, menos preto no sul e tudo no sudeste”. Assim, concordamos com o conceito de discriminação racial do Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.288/2010, parágrafo único do título I):

I - discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;
 II - desigualdade racial: toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica;
 III - desigualdade de gênero e raça: assimetria existente no âmbito da sociedade que acentua a distância social entre mulheres negras e os demais segmentos sociais; [...] (BRASIL, 2010).

Desse modo, concordo com Frantz Fanon (*apud* BHABHA, 2007), crítico do conceito de negritude que acredita na desalienação do negro a partir da urgente tomada de consciência das relações socioeconômicas. Andando em direção semelhante, Stanilas Adotevi (*apud* BHABHA, 2007) critica a concepção de negritude que em vez de tratar os problemas socioeconômicos dos negros preocupa-se apenas com as especificidades da cultura negra, incentivando-os à exaltação da dança. Esta última, de certa forma retoma o racismo de Arthur Gobineu (*apud* BHABHA, 2007) – considerado o pai do racismo no Brasil –, que ressaltava,

entre outros aspectos absurdos, a crença de que a ciência e a racionalidade seriam exclusividade dos brancos, tese duramente combatida por *Cheikh Anta Diop* (apud BHABHA, 2007). Em outras palavras, a consciência da negritude numa visão socioeconômica implica reconhecer que

Os negros colonizados são oprimidos na sua cor porque o são como indivíduos e povos. Mas o erro, mitológico, é afirmar a opressão por causa de sua raça. Os negros não foram colonizados porque são negros; ao contrário, na tomada de suas terras e na expropriação de sua força de trabalho, com vista a expansão colonial, é que os tornaram pretos. Se existe um complexo de inferioridade do negro, ele é consequência de um duplo processo: inferiorização econômica antes, epidermização dela em seguida (MUNANGA, 2012, p. 81).

Ao conceituar a formação docente, adotei o modelo pautado na perspectiva crítico-emancipatória que, segundo Pimentel (2014, p. 29), “assume um posicionamento comprometido com uma abordagem mais progressista na defesa da formação profissional como intelectual, crítico, reflexivo, que constrói, coletivamente, a possibilidade de superação da dicotomia entre teoria e prática”. Também concordo com Pimentel (2014) quando esta afirma que esse modelo de formação docente sozinho não dá conta da formação da *práxis* do professor. Para tanto, é preciso associá-lo aos modelos da racionalidade técnica (especialista técnico) e o da racionalidade prática (profissional reflexivo).

Avançando na discussão, fundamentada nas contribuições das teorias críticas, a partir de 1990, vem se construindo a *perspectiva da racionalidade emancipatória*, uma concepção que contempla a emancipação e a autonomia na formação do professor. Aqui, o instrumental teórico deve, necessariamente, ser articulado e fundamentado nos vários campos do conhecimento, com o propósito de superar a visão disciplinar, propiciando a construção de uma prática refletida da consciência crítica da realidade e do papel social, político e pedagógico do ensino, dentro do contexto de uma educação que busca preparar o sujeito para sua emancipação social (PIMENTEL, 2014, p. 34).

Ao analisar essa concepção de prática docente refletida e emancipatória, acreditei que, diagnosticando as demandas de intervenção por meio desse projeto de pesquisa, seria possível, por exemplo, que o professor de Programação na Web, do Curso Técnico em Informática subsequente ao EM pudesse trabalhar com os estudantes as características das comunidades virtuais com *softwares* livres e licenciados por multinacionais, de modo a possibilitar a esses estudantes pensar no porquê de a modernidade colocar o lugar (aqui entendido enquanto tradição cultural) como impedimento do progresso, levando-os a perceber

a importância do “entrelugar” – termo cunhado por *Homi Bhabha* – como um espaço de revisão, renovação e diferenciação dos arranjos sociais (MARTINS, 2011).

Apesar do resultado desta pesquisa ter viabilizado a inserção do trabalho com a diversidade étnico-racial, ultrapassando as concepções de racismo erroneamente entendidas apenas como o uso de expressões pejorativas, só poderei fazer uma avaliação acerca da institucionalização deste trabalho no Colegiado de Informática no decorrer do ano letivo de 2016, o qual teve início apenas em 28/03 deste mesmo ano, em função das greves dos servidores federais da educação ocorridas nos anos anteriores.

Portanto, cabe por hora acompanhar apenas como coordenadora do NEABI a concretização de uma educação étnico-racial de forma multi, trans e pluridisciplinar no Curso Técnico em Informática que entenda os processos de discriminação social, inclusive os processos institucionais que “ignoram” as especificidades dos afro-índio-descendentes. Esse é o meu desafio até o ano de 2018, juntamente com os colegas do colegiado, já que essa institucionalização precisa continuar desenvolvendo e ampliando um trabalho com a diversidade étnico-racial, pautado na formação docente, de forma contínua e em exercício, cujo conteúdo formativo esteja sempre alicerçado pelas demandas de aprendizagem dos discentes do curso técnico, considerando os dados apresentados neste relatório quanto à diversidade socioeducativa que os caracterizam.

Por fim, meu objetivo central é que as ações pedagógicas do Curso Técnico em Informática venham formar cidadãos profissionais educados para o mundo do trabalho no sentido de aguçar a criticidade e o empreendedorismo discente, reinserindo-os de modo empoderado em uma sociedade excludente e, portanto, discriminatória, como exemplificado na narrativa do Crisântemo Vermelho.

[...] a despeito [...] disso [...] meu pai trabalhava no Banco do Brasil, então, sempre fui de família classe média alta, sempre estudei em colégio particular, meu pai sempre pagou curso de inglês pra gente e hoje, na situação que a gente vive hoje, eu vejo muitos colegas meus, são pessoas que tiveram oportunidade a vida inteira, como a gente teve e acham que cota é uma coisa que não existe, que é mérito, eu não acho mérito (Crisântemo Vermelho).

No tópico seguinte, apresentarei alguns questionamentos e reflexões que devem permear a formação docente, especialmente daqueles que não possuem licenciaturas.

Como contribuições desta pesquisa, concretizamos como resultados, ao longo dessa trajetória investigativa, um produto político, portanto, imaterial, que é a prática do debate e o registro do trabalho intencional inclusive com a diversidade étnico-racial a partir de reuniões

pedagógicas no Colegiado de Informática. Quanto ao plano de ação desse colegiado, saiu do campo da mera realização de eventos isolados e incluiu ações voltadas para as demandas de aprendizagem dos discentes, conforme registrado mais adiante. Em relação ao documento *Política de Formação: Demandas Coletivas (permanência e êxito estudantil – um compromisso coletivo)*, este foi apresentado à Direção Geral do campus, contendo princípios e eixos que poderão contribuir para o processo de formação continuada em serviço do IF Baiano – *Campus Itapetinga*.

Nesse contexto, é importante lembrar que também atuei como membro desse colegiado, assim como no Colegiado do Curso Técnico em Agropecuária integrado ao EM e como tal, posicionei-me como alguém cujas demandas formativas precisavam ser identificadas. Nesse processo, entendi que eu precisava compreender melhor a matriz curricular do Curso Técnico em Informática Subsequente ao EM. Pela primeira vez, consegui participar de momentos de discussão e planejamento exclusivo desse colegiado, mesmo que, na maioria das vezes, em momentos informais, geralmente na quarta-feira, dia em que todos os docentes da área técnica estavam no campus. Contudo, mesmo quando eu agendava com eles a reunião, percebia uma inquietação do Crisântemo Vermelho do curso que afirmou em sua entrevista ter problemas com autoridade, isto é, problemas com autoridade hierárquica e com a autoridade cognitiva de colegas também, conforme explicita nesta entrevista narrativa:

[...] eu tenho um pouco de problema com autoridade, não é que eu não aceite a autoridade, mas se me pedirem para fazer uma tarefa que eu enxergo que a tarefa não [...] dá resultado, que a tarefa não vai a frente, uma coisa burocrática, fazer por fazer, eu não faço. [...] eu fazia as minhas coisas, meu objetivo era o aluno chegar no final e saber a disciplina e eu [...] brigava com pedagogo, sempre tive relação de amor e ódio com o pedagogo... (Crisântemo Vermelho).

A partir dessa declaração, compreendi o fato de o colega sempre incluir novos pontos de pauta de última hora, colocando para o final o ponto de pauta da pesquisa Formação docente no IFBAIANO Itapetinga: demandas coletivas, permanência e êxito estudantil. Criando situações para sair da sala e levar com ele algum colega, inviabilizando a reunião. Além disso, a pedagoga e os demais membros da equipe pedagógica do campus também não costumavam participar das reuniões. Em duas delas, a pedagoga apareceu rapidamente e se retirou justificando a sua ausência com a necessidade de buscar a filha na escola. Outra alternativa de inviabilização das reuniões era fazê-las acontecer depois da reunião pedagógica geral, portanto, após as 17:00 horas. Ressalte-se que às 18:30 horas iniciavam as aulas do Curso Técnico em Informática. Contudo, sempre que planejamos a realização de ações

interdisciplinares inovadoras diante da rotina dos componentes deste colegiado, estas formam realizadas e a participação dos professores se deu dentro, claro, com uma ou outra alteração ou excessão.

Portanto, corroboro as concepções de Zabala (2010) e Candau (2013), ao defender que as avaliações em educação devem seguir o princípio das demais profissões, as quais não se baseiam apenas na experiência do profissional para fazer uma avaliação. Entendi também que essa avaliação só terá sentido se for com objetivo de melhorar ao mesmo tempo a prática docente e a permanência do discente no curso. Dessa forma, desenvolvi com os colegas discussões dentro do ritmo deles, nas condições e no tempo deles, pois acredito que só dessa forma as ações de planejamento, avaliação e replanejamento resultam em frutos de verdadeiras ações afirmativas que nos possibilitem, como docente, a mudança de algum aspecto da nossa prática, pois esta precisa estar associada à compreensão teórica do problema posto, haja vista que a prática educativa envolve explícita e implicitamente fontes socioantropológicas, psicológicas, epistemológicas e didáticas.

Essas fontes, por sua vez, estão ligadas à função social do ensino e à concepção de aprendizagem, as quais se relacionam ou traduzem-se no modelo teórico composto por sequência de atividades, relações interativas, organização social da sala, definição e uso do espaço e tempo, organização do trabalho pedagógico, materiais curriculares e, finalmente, critérios de avaliação. Esses elementos que compõem o modelo teórico presente na prática educativa constituem-se nos condicionantes do conteúdo educativo, o que, nas ciências não sociais, seriam chamados de variáveis.

Ainda nesse contexto da pesquisa realizada, eu me ative ao fato de que os professores que atuam na maioria das disciplinas no decorrer do curso são engenheiros/bacharéis em informática. O que significa dizer que esses educadores receberam uma formação inicial para trabalhar com os aspectos técnicos das ciências da computação e, assim como outros profissionais de outras áreas técnicas dos Institutos Federais de Ensino – IFE no Brasil, não tiveram uma formação inicial para a profissionalização docente que, como afirma o Crisântemo Vermelho, por “[...] a gente ser bacharel, a gente não costuma muito, a gente não é treinado [...] para planejar, a gente aprende na marra. Agora a gente planeja porque vê que fica muito mais fácil, que facilita nosso trabalho”.

Dessa forma, o cotidiano acadêmico impele o professor de área técnica a vivenciar uma formação continuada em serviço, sendo ela formal ou não. Como a formação do profissional docente requer uma formação integral, cuja diversidade se encontra na centralidade dessa formação, o meu recorte foi para a diversidade étnico-racial, permanência e

êxito estudantil. Nesse sentido, tomei como concepção de escola, seja ela da educação básica seja da universitária, a visão defendida por Candau (2010) de que a escola é um espaço de conflito, ressaltando, assim, os desafios que se apresentam para o trabalho com a temática em sala de aula. Esse desafio é ainda maior quando se refere aos cursos técnicos atualmente ofertados no Brasil. Isso me levou a adotar, na discussão das relações entre currículo e didática, a interpretação de que currículo e didática, mesmo possuindo tradições diferentes, não se sobrepõem, apenas se interdependerem (ESTRELA, 2011 *apud* CANDAU, 2013), isso sem deixar de institucionalizar os territórios de aprendizagem.

Nessa linha, trabalhei durante a pesquisa partindo do princípio de que a formação/incentivo ao professor reflexivo é a mola propulsora de uma educação reflexiva, emancipadora e propiciadora do respeito tanto à diversidade étnico-racial quanto às demais diversidades.

A noção de professor reflexivo baseia-se na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo e não como mero reprodutor de ideias e práticas que lhes são exteriores. É central, nesta conceptualização, a noção do profissional como uma pessoa que, nas situações profissionais, tantas vezes incertas e imprevistas, atua de forma inteligente e flexível, situada e reativa. Na concepção schoniana (Schon, 1983, 1987), uma atuação deste tipo é produto de uma mistura integrada de ciência, técnica e arte e evidencia uma sensibilidade quase artística aos índices, manifestos ou implícitos, na situação em presença (ALARCÃO, 2011, p. 44).

Com isso, percebi que a formação do professor reflexivo deve perpassar a formação inicial, embora se tornem cada vez mais eficazes os processos de formação continuada. “Na formação continuada, os professores continuam se formando, em geral, na prática docente pela qual eles constroem e reconstróem seus saberes acadêmicos ou novos saberes relativos ao ofício de ensinar” (OLIVEIRA, 2010, p. 1).

Percebi ainda, que dentro do inventário de demandas feito no decorrer desta pesquisa, conseguimos utilizar os princípios metodológicos da pesquisa-formação-ação (mesmo não sendo este o nosso foco) que segundo Alarcão (2011) apresenta três características que também identificam o professor reflexivo, a saber: a contribuição para a mudança; o caráter participativo, motivador e apoiante do grupo; o impulso democrático. Portanto, mesmo que de uma forma inicial, articulamos, enquanto colegiado, as concepções teóricas da pesquisa-formação-ação, da aprendizagem experimental e da abordagem reflexiva, todas intrínsecas nos princípios de análise de dados da etnopesquisa crítica. Em outras palavras, iniciamos um processo de construção do conhecimento que compreende a fase da

experiência concreta, a da observação reflexiva, a da conceptualização e da experimentação ativa.

Entretanto, concebo que todo professor é reflexivo devido à inerência da capacidade humana, apesar de ser preciso que a instituição – por meio do corpo docente, da equipe pedagógica e das representações discentes – torne a prática reflexiva acerca dos processos pedagógicos que vivenciam uma realidade institucional planejada, sistematizada e continuada, haja vista que segmentos ou profissionais isolados não conseguem transformar a realidade educacional de modo a resolver os problemas da instituição.

Mesmo concebendo o professor e o estudante como molas propulsoras da educação, é a construção conjunta que resolve os problemas, pois os integrantes dos setores administrativos possuem o “poder” de viabilizar financeira e fisicamente os espaços formativos demandados e identificados por meio da reflexão docente e das reuniões pedagógicas entre docentes, representantes discentes, corpo técnico administrativo e pedagógico, nas quais se analisem os problemas educativos de forma crítica. Esta proposição encontra-se na Política de formação: demandas coletivas (permanência e êxito estudantil – um compromisso coletivo) elaborada a partir dos dados coletados com esta pesquisa e ratificados no relatório do I Fórum de discussão do IF BAIANO – Campus Itapetinga.

Felizmente, enquanto instituição e como comissão organizadora (da qual fui presidente), conseguimos ouvir os pares e definir o tema para a realização do primeiro fórum de discussão do nosso campus. A comissão foi nomeada em setembro de 2015 e fechou o planejamento em outubro obtendo como tema *Grupo gestor, servidores, estudantes: o papel de um em relação a evasão, permanência e êxito estudantil*. Devido às opiniões conflituosas acerca de quem deveria mediar o fórum, este só pôde ser agendado para junho de 2016. Houve consenso apenas na opinião de que o mediador não deveria ser ninguém do campus para não incorrerem no erro de coibir a fala dos participantes.

2.3 OS SABERES DA DOCÊNCIA – DEMANDAS COLETIVAS

Como professores/as dos cursos técnicos do IF Baiano – *Campus Itapetinga*, o que necessitamos aprender sobre diversidade étnico-racial para trabalhar intencionalmente com os princípios que regem essa temática com os estudantes, utilizando os gêneros textuais comuns à nossa prática pedagógica, de modo a contribuir com a sua formação como leitor crítico da realidade que o cerca e, portanto, respeitador da diversidade? Nesse sentido, o Crisântemo Vermelho ao falar sobre como acontece o planejamento entre ele e os colegas aponta:

[...] talvez por a gente não ser da área de docência, a gente ser bacharel, nossas reuniões normalmente são de corredor, onde a gente fala: olha, preciso disso, disso e disso, você faz isso? Faça. Junta tudo, a gente entrega as coisas e faz, a gente não documenta muito isso, não porque gente não gosta muito de documentar, mas é porque pra gente que não é da área de educação, a gente não vê tanta importância em documentar, a gente quer ver o resultado, o aluno fez, o trabalho, tá aqui.

Diante dessa afirmação, ficou clara a necessidade formativa no tocante tanto aos registros das ações planejadas, executadas e modificadas quanto às avaliações resultantes de cada ação. Nesse processo formativo, esclareça-se que algumas das demandas identificadas foram sendo sanadas no decorrer do processo, a exemplo da relação de alguns capítulos da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira com o Curso Técnico em Informática, porém, o Crisântemo Vermelho reconhece a necessidade da formação continuada docente específica para o trabalho com jovens e adultos:

[...] eu acredito que precisava ter nessa escola um curso para o docente, não interessa de que coisa ele vai ensinar, porque qualquer coisa que for proposta pela coordenação de ensino e pela direção acadêmica, de evento pedagógico, o foco vai ser os alunos do integrado, adolescentes. Então, quando a gente vai para um curso desse, a gente já sabe que vai ser uma chatice, a gente vai passar um dia inteiro, 20 minutos falando alguma coisa que interesse para quem é do curso subsequente e o restante [...] falando de coisas do curso integrado. Então é desmotivador.

Ainda na direção da formação continuada em serviço, a narrativa do Crisântemo Vermelho sinaliza a necessidade de que as reuniões pedagógicas do *Campus Itapetinga* sejam mais de planejamento e menos teóricas ou informativas. No entanto, é preciso desenvolvermos o entendimento de que quando planejamos a nossa prática pedagógica, esta sempre carrega no bojo concepções e princípios teóricos. Vejamos:

A semana pedagógica desse ano, a gente teve que improvisar a semana pedagógica, por quê? Um problema de calendário e foi uma semana pedagógica atípica que foi realizada em cinco dias. Na minha modesta opinião e acredito que a dos colegas do curso, foi a melhor semana pedagógica que já existiu. Por quê? Porque como o tempo era curto, nós realmente planejamos, nós realmente nos sentamos e falamos o que é que nós podemos fazer pra melhorar, como podemos diminuir a evasão, olha isso aqui deu certo, vamos repetir, isso aqui não deu certo, vamos descartar (Crisântemo Vermelho).

Outra demanda formativa ou de planejamento e execução de ações são as atividades de leitura que ajudem os estudantes do subsequente a exercitar o seu potencial de leitura, haja vista que todos os professores entrevistados sinalizaram essa dificuldade discente. Enquanto

professora de Metodologia Científica e de Comunicação e Expressão, também constatee essa dificuldade, assim como o meu colega da área da Letras, que atuou em 2015 e anos anteriores no Colegiado de Informática.

[...] a maior dificuldade de meu aluno é interpretar aquela questão, o que está sendo pedido pra ele fazer, porque tem o programa pra fazer. Eu chego pro meu aluno e falo: eu quero que você faça isso, isso e isso. Ele faz o programa e me entrega pronto e está lá do jeito que eu pedi, mas se eu escrever e der pra ele o que eu quero que ele faça ele não consegue fazer, ele tem dificuldade de fazer [...] (Crisântemo Vermelho).

Outro aspecto formativo revelado nas entrevistas com todos os colaboradores da área técnica é o de olhar para o estudante como um ser individual e não como uma peça igual a todas as outras, como afirmou o Crisântemo Vermelho: “Assim, a gente da área de ciências exatas né, a gente não enxerga muito cor, gênero. Pra gente o aluno é um ser não interessa o sexo, não interessa a cor dele [...]”.

Nesse cenário, a realidade histórica dos afrodescendentes brasileiros é marcada pela luta por liberdade. Essa também é a marca dos povos indígenas no Brasil que, felizmente, mudou a estratégia de luta antes unicamente corporal e armada por uma luta política que envolve atos legais e mais eficazes, já que antes eles acabavam sendo dizimados devido à desigualdade de armas (armas manuais contra armas de fogo).

Desde os tempos em que se vigorava no país o duro sistema da escravidão, os seres humanos, reduzidos à condição de escravos, buscavam, no interior desse sistema, lutar pela liberdade, como bem definiram Reis e Gomes (1996), ao afirmarem que onde houve escravidão, houve lutas contra ela. No entanto, essas lutas não podem ser definidas apenas no contexto escravagista, pois elas vararam a história da sociedade brasileira chegando aos dias atuais.

Corroborando a concepção de memória apresentada por Le Goff (2003), defendo ser preciso que o educador possibilite ao estudante recuperar a memória identitária que o povo negro e os povos indígenas construíram no curso da história, analisando a relação de poder que há entre memória e calendário, atrelada às exigências da religião, da vida social e econômica – se considerarmos que “o tempo do calendário é totalmente social, mas submetido aos ritmos do universo” (LE GOFF, 2003, p. 478), de modo a constituir-se como um dos importantes aspectos de controle do Universo pela espécie humana, tendo em vista que a educação escolar, segundo Gatti e Barreto (2009) – visão também defendida pelo TEN e

pelo MNU - constitui ainda a maior forma de socialização e de formação política e cultural nas sociedades modernas.

Ainda segundo essas autoras, apenas 5,9% dos empregos do Brasil corresponde ao ensino profissional dentro de um universo de 77% dos empregos formais no Brasil ocupados pelos docentes. Na pesquisa por elas realizada, constatou-se que o número de profissionais docentes que se autodeclararam não brancos é de 38% contra 62% brancos. Contudo, ainda é a profissão com maior importância para a inserção profissional de pretos e pardos. Logo, essas constatações reforçam a demanda de formação continuada dos docentes dos cursos da educação profissional do IF Baiano – *Campus* Itapetinga no tocante às questões da diversidade por entender e acreditar que um trabalho consciente e planejado com base nos princípios da diversidade étnico-racial e seus desdobramentos sociais.

Tais ações devem contribuir para o desenvolvimento do sentimento de autoestima elevado nos estudantes negros ou afro-índio-descendentes, a fim de orientá-los no sentido de buscar ou aderir a situações formativas que atendam as demandas das dificuldades pedagógicas provenientes de uma formação aquém do esperado para o Ensino Fundamental e Médio em consequência da falta de professores, da inexistência de professores especializados para as disciplinas da área de Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, assim como pela falta de recursos apropriados ao ensino, aspecto muito comum e “naturalizado” nas escolas que atendem os estudantes economicamente menos favorecidos.

Enfim, saliento que neste trabalho denomino a identidade como o conjunto de características próprias ou exclusivas de um grupo social. É também a relação de igualdade ou de semelhança de realidades aparentemente distintas e até mesmo geograficamente distantes. Entendo ainda que a clareza de nossa própria identidade nos possibilita, como estudantes, reconhecer as nossas dificuldades e buscar as ajudas necessárias. Como professores, a clareza em relação à nossa identidade e à identidade dos estudantes com os quais trabalhamos nos auxilia a identificar tanto as demandas de aprendizagem quanto os princípios e práticas pedagógicas que melhor atendem as demandas discentes no sentido de verdadeiramente inseri-los no mundo da tecnologia e conseqüentemente no mundo do trabalho.

Digo isso porque entendo que formar para o mundo do trabalho é educar para a vida, de modo a capacitar o estudante para a resolução crítica/reflexiva dos problemas, o que difere da educação com o foco exclusivo na formação para o trabalho, cuja pedagogia vai dar ênfase ao ensinar a realizar capacitações priorizando a técnica em detrimento da análise e reflexão contextualizada dos procedimentos ensinados/aprendidos. Desse modo, o professor deve

nortear sua formação continuada na constante busca de respostas para a seguinte inquietação: quais são os saberes que de fato sustentam a docência na perspectiva multi/intercultural?

Defendo o princípio pedagógico de que apenas saber os conteúdos a ser ensinados não é o suficiente para desenvolvermos um trabalho que respeite e inclua a diversidade étnico-racial na perspectiva do multiculturalismo. Na verdade, além dos saberes científicos pertinentes à área do conhecimento em que está inserido, o professor precisa dotar-se do conhecer dos nossos estudantes no tocante às suas experiências sociais, culturais para que, a partir da realidade deles, façam-se aproximações, comparações e diferenciações dos conteúdos acadêmicos, o que implica em pesquisa constante da nossa prática docente no sentido de perceber quais as intervenções e princípios que melhor ajudam o nosso estudante a compreender os conteúdos acadêmicos. Daí surgiu o desdobramento do questionamento anterior que acompanha a mola propulsora da formação docente: como mover os conhecimentos para torná-los significativos para o estudante do Curso Técnico Subsequente ao EM? A resposta a esta pergunta precisa ser respondida diariamente, através do planejamento, da realização e da análise das nossas práticas pedagógicas no sentido de concretizar a comunicação entre o professor e o estudante. Nesta direção o Crisântemo Rosa narra que muitas vezes é possível acontecer que:

[...] o professor esteja perto do aluno, mas a nível de comunicação ele esteja distante [...] O professor que entra na sala, cara fechada ali, aí se o aluno pergunta ele olha com o olhar fechado, aí já inibe os outros alunos a não participarem e vai embora. Isso cria uma resistência e uma inibição dos alunos em quererem aprender (Crisântemo Rosa).

A narrativa acima explicita que a exclusão do estudante do ambiente escolar pode se dar a partir da inexistência de comunicação entre ele e o professor – comunicação esta que só acontecerá se houver um relacionamento de cumplicidade e de respeito à diferença da identidade discente dentro dos princípios do respeito à pessoa humana. Aqui vale ressaltar que o Crisântemo Rosa é um estudante que diz que acha que é negro, segundo ele porque, infelizmente, o IBGE o classificou como pardo. Este mesmo negro, reconhece que o racismo é uma realidade concreta e que ele já vivenciou situações de injúria racial (preconceito étnico individual). Ele também se diz a favor das cotas na educação, apesar de não fazer uso delas. Os princípios subjacentes às suas narrativas coadunam com os princípios defendidos pelos integrantes do TEN e do MNU já no século XX (GONÇALVES e SILVA, 2000), os quais apontam para o fato de que a educação é um dever do estado e um direito do povo já que esta viabiliza dentre outros aspectos o respeito social. Vejamos:

Minhas conquistas, ou seja, o respeito que eu ganho, assim, com algumas pessoas é mais relacionado à educação. A educação [...] ela tem um poder de igualar tanto as classes sociais quanto as raças [...] A educação, o conhecimento, a sabedoria, o estudo, realmente ela abre porta [...]. Bem, eu provei na pele que existe a discriminação. Já entrei em uma loja e fui mal atendido por ser negro [...]. Hoje, pelo fato do estudo [...] algumas coisas mudaram (Crisântemo Rosa).

Assim como faziam os integrantes do TEN, as instituições de educação formal necessitam usar o critério das relações étnico-raciais para analisar e repensar, se necessário, as condições de oferta educacional tanto nas escolas da educação básica quanto nas IES (SILVA, 2007). Em outras palavras, a educação para as relações étnico-raciais precisa começar rompendo as relações de inferioridade e de superioridade. Este rompimento deve ser efetivado a partir do conhecimento e a vivência de que a educação “tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais” (SILVA, 2007, p. 490).

Muitos docentes têm deixado de trabalhar com o tema diversidade étnico-racial nas atividades de ensino, pesquisa e extensão da rede federal de ensino por acreditar que os conteúdos ligados a esse tema dizem respeito apenas à cultura popular e à religião. Essa realidade é decorrente do que Nilma Lino Gomes (2011), entre outros pesquisadores, vai chamar de falta de enraizamento cultural acerca da história da África e do Brasil em que os negros foram e são participantes da construção do Brasil e não apenas contribuintes. Em outras palavras, o negro, através dos sudaneses e egípcios, deixaram para o mundo as habilidades arquitetônicas; o povo de Gana (que não é a Gana atual), por exemplo, deixou um legado que foi trazido para o Brasil no tocante à agricultura e à pecuária extensiva, além da mineração de ouro.

Antes do século XVI, as cidades de Timbuctu, Goa e Digné constituíram importantes centros universitários e culturais, destacando-se no conhecimento sobre astronomia. O Império Mali, que foi substituído, parcialmente, pelo Império Songai, legou-nos os conhecimentos utilizados no Brasil para a agricultura da cana-de-açúcar e do café, que é a irrigação aproveitando a água dos rios. Dos vários povos iorubas, herdamos a junção do governo aristocrático com o democrático, inclusive os modelos e as ações das câmaras de vereadores, deputados e senadores, cujo papel principal é acompanhar e fiscalizar as medidas adotadas pelos governantes (TELLES; MELO, 2013, p. 21).

Portanto, quando os estudantes têm acesso a esse tipo de conhecimento, seja na sala de aula, seja pela imersão em viagens temáticas, seja ainda por meio dos seminários e

workshops, torna-se possível perceber que a imagem do negro e do índio não está associada apenas a sofrimento e humilhações e tendem a aceitar a sua afro-índio-descendência, “redescobrimo” a sua identidade na diferença, passando a entender – e conseqüentemente a lidar – com atitudes de rejeição ao negro e ao índio praticadas por familiares, amigos e conhecidos sem se abater e ao mesmo tempo sem naturalizar esses feitos.

É daí que outra questão se apresenta: qual a concepção de pesquisa que um ensino pautado na transversalidade emancipadora deve propiciar? No mundo acadêmico, corresponde a um estudo estruturado, ou pelo menos semiestruturado, que busca encontrar soluções ou explicações para os problemas sociais a partir dos diversos campos do conhecimento. Nesse sentido, os Institutos Federais de Educação, apresentam um aspecto inovador e positivo para a educação básica porque introduz a pesquisa e a extensão acadêmica nos cursos técnicos de nível médio, tanto com bolsas de iniciação científica júnior quanto com a monitoria voluntária, oportunizando aos estudantes dos cursos técnicos, sejam eles integrados/concomitantes sejam subseqüentes ao EM, a vivência de ações extensionistas e de pesquisa.

Neste trabalho, utilizei o termo extensão para caracterizar as ações educativas que têm por objetivo ampliar o conhecimento discutido em sala de aula, envolvendo em sua clientela tanto os membros da comunidade acadêmica (estudantes e servidores) quanto integrantes da comunidade externa. As ações de pesquisa seguem os moldes utilizados nas universidades. Nesse processo educacional, pautado no tripé ensino, pesquisa e extensão, encontramos o “gargalo” das ações afirmativas de modo institucionalizado, haja vista que se ampliam as possibilidades de discussão de conteúdos sociais que invisibilizam e que também dão visibilidade aos afrodescendentes e indígenas, em sua maioria, alocados nas comunidades periféricas da cidade ou nas zonas não urbanas, as quais nos apresentam o “entrelugar” dos diversos binômios presentes na sociedade contemporânea, ou seja, o espaço de equilíbrio, convivência e acomodação do conhecimento de culturas divergentes da de cada estudante. É esse “entrelugar” que nos tira do espaço da alienação cultural (BHABHA, 2007), que nos explicita a nossa identidade e a identidade do outro, que nos permite a tomada de decisão entre o que queremos manter em relação à nossa cultura e o que queremos interagir em relação à cultura do outro, nesse processo dinâmico que é a construção da nossa própria identidade.

A realização do *II Workshop Cultural Consciência Negra e I Info Black Baiano* foi um exemplo disso. Estudantes de informática participando da reflexão acerca do genocídio

negro no Brasil a partir de poesias, músicas, palestras, debates foi uma inovação para eles e ao mesmo tempo uma conquista que os estudantes do integrado já vivenciam desde 2011.

Os estudos no campo do ensino, da extensão e da pesquisa propriamente dita, no Curso Técnico em Agropecuária acontecem pautando-se no princípio defendido por Fanon (BHABHA, 2007) buscando levar o estudante ao equilíbrio entre a demanda e o desejo cultural durante o processo de interação entre as culturas, utilizando, no caso da pesquisa, tanto os estudos biográficos quanto bibliográficos, bem como o uso de instrumentos como observação sistemática, aplicação e análise de questionários, utilização de entrevistas, experimentação (este último instrumento é utilizado nas pesquisas relacionadas a algumas subáreas da agricultura e da zootecnia).

A ilustração dessa realidade se dá, inclusive, com a realização do projeto de pesquisa júnior *Os griôs e suas histórias: resgatando as histórias orais*, de autoria de dois estudantes do curso técnico em Agropecuária integrado ao EM Aguiar. Esse projeto surgiu de uma indagação da sala de aula de Literatura: existem griôs (contadores de histórias orais) em Itapetinga? Outra ilustração é o projeto de pesquisa *Contando a História dessa Terra: Quilombo da Pedra*. Neste, três estudantes do Curso Técnico em Agropecuária subsequente ao EM, entre eles, uma quilombola do Quilombo Tomé Nunes, tiveram a oportunidade de experienciar as vivências da pesquisa como monitores voluntários.

Sua realização buscou atender a uma demanda dos moradores do Quilombo da Pedra: o registro e a divulgação da memória do surgimento desta comunidade. Para tanto, fizemos um vídeo documentário com os resultados da pesquisa.

Artigo 39, modificado pela Lei nº 11.741 de 2008, tem-se: a educação profissional e tecnológica [...] integra-se aos diferentes níveis e modalidade de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia. Ela abrange os cursos de: formação inicial e continuada ou qualificação profissional; EP Técnica de nível médio; e Educação Profissional Tecnológica-EPT de graduação e pós-graduação. Além disso, pela modificação da LDB, em sua Seção IV – Ensino Médio, que é a última etapa da Educação Básica, incluiu-se a Seção IV-A – Da Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Assim, fica claro que o nível médio da EP é considerado Educação Básica (OLIVEIRA 2010, p. 1).

É esta modificação na legislação e no currículo da educação básica que respalda a atuação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia no sentido de realizar/proporcionar uma educação que possibilite a intercristica das identidades nômades e a existência de currículos em fluxo contínuo, coerente com a continuidade dos “entrelugares” discentes. Tal postura nos remete a um novo questionamento: para além do saber do

conteúdo, quais saberes precisam ser assegurados para a docência na perspectiva da profissionalização?

Diante do exposto, posso afirmar que no atual contexto em que a contemporaneidade é um convite ao cuidado com o outro, ao respeito às diferenças e à inserção social, bem como ao reconhecimento e à valorização dos saberes emergentes de idosos, negros, índios, homossexuais e encarcerados, é também uma imperiosa forma de nos colocar militantes em prol de um fazer pedagógico politicamente engajado a favor de demandas diferenciadas e urgentes que marcam o celeiro da diversidade. Assim, essas experiências com a temática étnico-racial no processo educacional dos estudantes do Curso Técnico em Agropecuária concomitante/integrado ao EM possibilitam tanto aos estudantes quanto aos docentes e aos servidores técnicos administrativos envolvidos conhecer e vivenciar valores éticos, experiências de luta e ocupação de espaços sociais antes desconhecidos ou até mesmo rejeitados.

Ademais, os estudantes aprendem a tornar-se independentes politicamente sem deixar de lado a ética, atuando, inclusive, na resolução de problemas relacionados à organização de eventos, à luta pela garantia de uso/fruto de direitos das classes antes invisibilizadas no meio acadêmico, o que me leva a concluir que o trabalho com a diversidade étnica pautado na vivência e no diálogo com pessoas integrantes do movimento negro, das comunidades indígenas, das comunidades quilombolas etc. são ações muito mais efetivas do que aquelas que se restringem a falar sobre eles sem permitir a troca de experiência estudantil direta com esses “invisibilizados”.

Portanto, fazer uma formação docente que nos capacite, como professores da educação básica e superior, para educar os estudantes explorando essa diversidade étnico-racial no sentido de trabalhar com as lutas e conquistas das minorias no poder é o grande desafio do século XXI, especialmente para o colegiado de Informática que, além de implantar ações de pesquisa e de extensão, precisa concretizar ações de ensino que respeitem e atendam as demandas socioeconômicas e socioeducativas dos estudantes jovens e adultos.

3 CULTIVARES DO CRISÂNTEMO – FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

Para o cultivar do plantel desta pesquisa foi adotada a abordagem qualitativa, por entender que para nada nos servirão os números se estes não passarem por uma análise interpretativa calcada na análise dialógica das informações e pautada na compreensão dos fenômenos e da realidade investigada, numa etnopesquisa implicada e engajada porque pautasse na diversidade de referências sociais e históricas. Implicada porque, como pesquisadora, além de mulher, negra, alfabetizada por uma professora leiga, em uma classe multisseriada na zona rural de Jacobina, estudei com outros professores leigos durante todo o ensino fundamental, cursei Magistério em nível Médio, fui aprovada no vestibular para a graduação em Letras sem cursinho pré-vestibular e atuo como professora concursada na rede pública de ensino desde 1995.

Foi também implicada porque fui professora do Curso Técnico em Informática até o ano letivo de 2015 e nutro um sentimento de pertencimento antropossocial e atual ao mundo desses professores e estudantes trabalhadores, alguns oriundos de famílias com pais não escolarizados – assim como os meus – que buscavam melhoria na sua qualidade de vida e de seus familiares, com algumas lacunas no repertório do seu capital cultural acadêmico, mas sanadas desde que lhes fossem dadas oportunidades de aprendizagem. No dizer de Macedo (2012), esta foi uma pesquisa implicada porque os tornou atores do saber e do saber-fazer integrados na elaboração de sua própria inteligibilidade, analisibilidade, objetivação e operacionalidade, o que me permitiu a execução de uma escuta sensível em todos os momentos da pesquisa e uma escuta-ação, durante o período de pesquisa exploratória durante o ano de 2015 (MACEDO, 2012, p. 67), por meio da qual pude subsidiar a análise do conteúdo das entrevistas narrativas, assim como a construção da Política de Formação: Demandas Coletivas do IF Baiano – *Campus Itapetinga*.

Esta pesquisa foi ainda participante porque envolveu a pesquisadora e os pesquisados no estudo do problema a ser superado, conhecendo suas causas e construindo coletivamente, dentro da limitação temporal que tivemos, possibilidades de solução para o problema. Para tanto, o projeto desta pesquisa foi apresentado a todo o corpo docente do IF Baiano – *Campus Itapetinga* em uma reunião pedagógica, no dia vinte e quatro de setembro de 2014, na qual estavam presentes apenas o coordenador do Curso Técnico em Informática e professores do Colegiado de Agropecuária e de Alimentos, os demais professores da área técnica estavam com suas ausências justificadas, o que demandou uma nova apresentação para esses professores em reunião realizada após o conselho diagnóstico do segundo semestre letivo de

2014, ocorrido em primeiro de outubro. Nessa reunião, os colegas docentes se colocaram à disposição para contribuir com a pesquisa, ratificando o apoio manifestado pelo coordenador do curso na reunião anterior.

Como estratégia de preservação da identidade dos colaboradores da pesquisa de possíveis constrangimentos, utilizei a metáfora do crisântemo para nominalizá-los, atribuindo a cada um deles, uma cor diferente: Crisântemo Negro, Crisântemo Lilás, Crisântemo Amarelo, Crisântemo Branco, Crisântemo Vermelho, Crisântemo Azul. Para os estudantes, usei as metáforas de Crisântemo Laranja, do Crisântemo Rosa e do Crisântemo Violeta, conforme citado e caracterizado na introdução deste documento.

Como instrumentos de pesquisa, escolhi as entrevistas narrativas com docentes e discentes do Curso Técnico em Informática (ênfase em programação de computadores), o coordenador do NGTI, os questionários socioeconômicos dos estudantes que ingressaram nos semestres 2015.1 e 2015.2, os relatórios, os panoramas de matrículas e os prontuários discentes da SRA do IF Baiano – *Campus Itapetinga*, bem como editais, documentos outros e páginas institucionais dos campi do IF Baiano.

Como já explicitado na introdução, a metodologia utilizada foi a etnografia como paradigma de construção do processo de conhecimento da pesquisa em educação por entender, que a mesma se ancora na abordagem qualitativa e traz como concepção uma descrição densa de múltiplas estruturas conceituais complexas subjacentes em uma realidade específica a qual está subsidiada a uma cultura a ser compreendida. Portanto, a etnografia, nesta pesquisa é usada para compreender a maneira de viver a educação no Campus Itapetinga, partindo da descrição do corpo docente do colegiado de Informática e suas relações com os demais colegiados e segmentos administrativos e pedagógicos. No dizer de Ghedin e Franco (2011, p.181) “a abordagem etnográfica busca uma narrativa construída num permanente movimento que vai das relações bem particulares dos sujeitos ao todo da cultura em que se inserem como protagonistas de seu modo de ser”. Por conseguinte, a etnografia compõe um processo interpretativo que “salta continuamente de uma visão de totalidade para uma visão das partes” (GHEDIN e FRANCO, 2011, p.181) como uma moção intelectual constante que faz com que o todo sirva de explicação para as partes e vice-versa, cuja trajetória está intimamente ligada a hermenêutica, círculo analítico necessário para as interpretações etnográficas e, no nosso caso, indispensável às interpretações etnográficas educacionais.

Concordando com Ghedin e Franco (2011) tentei entender a forma e a força da vida interior dos colaboradores da pesquisa e, confesso ter me assustado com o que vi e ouvi, haja

vista que nestes profissionais, excetuando o que é formado em Letras, foi recorrentes a afirmação de que eles, enquanto professores da área de informática não se importavam “muito” com a identidade do estudante, o que em outras palavras me levou a analisar esta narrativa como uma forma de estes professores dizerem que para eles o que importa é apenas o conteúdo. Que a responsabilidade pela aprendizagem discente é exclusivamente do estudante. Ao docente cabe apenas o papel de repassar o conteúdo do componente curricular. Não enxergam a docência como uma rede de relações de aprendizagem, mas sim como um espaço profissional de relações técnicas, dotadas de impessoalidade, haja vista que dos cinco professores entrevistados apenas o Crisântemo Lilás narrou ter optado pela educação acadêmica em detrimento do trabalhar no mercado das ciências da computação. Com os outros quatro foi recorrente a afirmação de que a docência lhe veio como opção de trabalho mais rentável em momento de necessidade de adentrar o mercado de trabalho.

Nessa perspectiva, ficou o questionamento acerca de quais motivos teriam levado estes profissionais da área de informática a uma prática tão centrada na tentativa de estabelecer relações calcadas na impessoalidade? Neste contexto, é mister a constatação de que a cultura educativa vivenciada por esses crisântemos do mundo da informática foi de frieza e de um olhar naturalizado para os altos índices de evasão nas turmas de graduação em Informática: Ciências da Computação. Este comportamento é reproduzido na educação básica onde hoje, esses crisântemos estão no lugar de poder, de dominador, de professor. Inicialmente narram não sentir necessidade de nenhuma ação de capacitação pedagógica, contudo, se contradizem no decorrer de suas narrativas, especialmente quando questionados sobre as demandas formativas dos professores de Informática. Crisântemo Branco assevera que:

Hoje [...] eu creio que como formação de docência, não há necessidade. [...] eu creio que, pelo foco que a gente tem hoje e pela experiência dá pra trabalhar. Seria interessante se tivesse algum curso, muita coisa que a gente não conhece da área de pedagogia em si mesmo, [...] mas assim, hoje eu creio que agente desenvolve bem, mas já teve muitos trancos e barrancos e até a experiência de outros professores mais antigos vão mostrando [...] como fez e consegue dar um encaminhamento melhor, só que não tem, como teoria mesmo não, só prática.

Nesta afirmação, o Crisântemo Branco demonstra uma certa confusão ou receio de afirmar a inexistência de formação continuada na área pedagógica no Campus Itapetinga, especialmente para os docentes não licenciados. Explicita ainda uma capacitação/formação através da experiência do colega mais experiente na educação cujas trocas têm ocorrido em

espaços formativos não institucionalizados de conversas e planejamento. Este discurso da formação através da troca de experiência se faz recorrente na narrativa do Crisântemo Amarelo:

Porque eu não tinha preparo para lidar com a EJA [...]. É uma situação que requer muito mais conhecimento de ensino, de como lidar com o psicológico do que o conhecimento técnico em si. Tem outros problemas ali pra trabalhar do que ... - e eu sou um cara técnico, tenho problemas com trabalhos desse tipo. E eu não diferencio se o cara é A ou se ele é B. Se ele tá dentro da minha aula ele é mais um aluno meu, eu não faço essa distinção; e dá pra você perceber, claro ao longo do seu trabalho se o aluno tem dificuldade ou não, mas pra mim não é relevante e eu quero que ele consiga pelo menos realizar a atividade.

Além de reiterar a demanda de capacitação o Crisântemo Amarelo especifica essa demanda: o trabalho educativo com jovens e adultos, o que na narrativa dele fica explicitado que este profissional não enxerga os seus atuais alunos do Curso Técnico em Informática como estudantes da Educação de Jovens e Adultos. Explicita também a frieza relacional com que trata seus discentes mesmo tendo reconhecido em outro trecho da sua narrativa que, muitas vezes, a postura do professor influencia na aprendizagem discente. Vejamos:

[...] mas eu tive problemas com alguns professores. Alguns professores têm índices de reprovação de 90% da turma, então você não sabia se o problema era você ou se o problema era no professor, então quando o professor se afastava, em uma disciplina ..., por exemplo, eu só consegui passar quando o professor se afastou. (Crisântemo Amarelo)

Ainda no tocante à identificação de demandas de auto-formação para a prática docente, o Crisântemo Lilás, mesmo em meio a várias reiteraões da entrevistadora em relação à pergunta “O que você observa como necessidade de formação de curta duração para nós, professores?” ele se reportou exclusivamente à Pós-graduação e diante do incisivo questionamento narrou a possibilidade de os professores da área de informática ministrarem cursos para a utilização de *softwares* livres para os professores das demais áreas os quais sempre reclamavam ao utilizar as máquinas institucionais equipadas com estes *softwares* livres. Ou seja, em seu discurso, eles não necessitavam de nenhuma capacitação. Este posicionamento foi ratificado pelos Crisântemos Branco (citação acima), Crisântemo Amarelo que apesar de reconhecer a sua não capacitação para o trabalho com a EJA, em sua narrativa, só identifica a demanda de nivelamento do conhecimento matemático e de leitura escrita para os estudantes. Para ele, a não aprendizagem do aluno reside na falta de base acadêmica e na falta de interesse pela área. Vejamos:

A nível socioeconômico eu, normalmente, não me manifesto porque existem pessoas que tem um nível socioeconômico muito baixo e tem um desempenho melhor do que as que tem todas as condições e vice-versa, isso é bem complicado. Agora, eu acho que a condição da vida adulta requer responsabilidade, trabalho de você ter família, né, você tem que prover, as despesas e tal e isso, talvez, pra uma pessoa que ficou muito tempo sem estudar atrapalhe, porque ele tem uma rotina, um hábito, né, e, quer queira quer não, existe um cansaço físico de um cara que trabalha oito horas por dia pra chegar e começar a estudar à noite, até dez horas da noite e depois ter que estudar em casa ainda, não é só assistir aula, isso gera um problema. Com relação a faixa etária, a mesma história. Eu tenho alunos que são velhos e tem problemas, e tenho alunos que são velhos que não tem problema nenhum, depende do interesse da pessoa. Mas uma coisa fica bastante evidente, a idade ela traz, acho que o peso da idade traz essa questão de um menor interesse, de um menor esforço pra desenvolver mais. (Crisântemo Amarelo)

O Crisântemo Vermelho também ilustrará esta contradição em relação à percepção de demandas formativas para os docentes:

Professora, uma coisa que eu fiz lá nas minhas peregrinações no SENAI. Certa vez eles promoveram pra gente um curso de formação docente. Então era um curso simples, foi um curso de 40 horas, a gente foi lá cinco dias, foi puxadinho, né, foi cinco dias lá, a gente tinha aula de manhã e de tarde que falavam pra gente das coisas que eu nunca tinha ouvido da vida, (**Entrevistadora:** por exemplo:) de pedagogia disso, Piaget daquilo, só que é muito rápido pra gente, na época eu não estava tão interessado em docência assim. Ensinava como é que elaborava um plano de ensino, como era o planejamento, falava um pouquinho da legislação de educação, que tinha Lei de Diretrizes e Bases, falava, então era interessante isso pra gente porque tem muito colega da gente que fala LDB, LDB, LDB, e não sabe, nunca abriu a lei pra saber o que é que a lei diz. Ai o pedagogo chega, fala o que quer e todo mundo acredita, porque ninguém para pra ler a lei, a gente não foi treinado, a gente não sabe disso às vezes.

No tocante à análise dos dados, esta foi feita com base na análise de conteúdo cuja discussão teórica não é o foco deste trabalho. Apenas a título de compreensão, informo que tal análise é sustentada teoricamente pela professora Laurence Bardin, da Universidade de Paris II, segundo a qual o grande problema das relações sociais está no fato de que uma produção/consumo é marcada pela separação entre quem concebe, quem produz e quem utiliza. Essa seria para ela a raiz dos estranhamentos sociais e psicológicos.

Concordando com ela, optei pela análise de conteúdo temática – que coaduna com os três princípios fundamentais da etnografia segundo Ghedin e Franco (2011, p. 186) a saber:

a) [...] O uso de dados convergentes, tais como descrições, medidas, observações e dados coletados tem a capacidade de elucidar a vida dos indivíduos descritos no processo investigativo. [...]

- b) O interesse em categorias linguísticas tem a tendência de concentrar-se em palavras-chave ([...] categorias de análise) que, quando têm seu significado decifrado, iluminam toda uma forma de viver no mundo.
- c) A concentração da atenção nos ritos de passagem, nas definições de papéis relativos à idade ou ao gênero, nos elos entre gerações sempre foi elemento importante na análise etnográfica.

Isso porque as inferências da pesquisadora tiveram como centralidade as análises das narrativas dos próprios envolvidos no processo educacional (cinco professores e três estudantes) a partir das entrevistas narrativas, tomando como variáveis a frequência, a quantidade e a transversalidade temática (BARDIN, 2009, p. 66), isto é, a formação continuada do professor e demais servidores do Campus Itapetinga com o fito de ampliar a permanência e o êxito discente. Assim, a partir da análise de conteúdo que procura trazer ao mundo da pesquisa científica um concreto e operacional método de investigação inicialmente reuni os professores do Colegiado de Informática para apresentar o quadro de evasão dos cursos ofertados no Campus Itapetinga dos quais o Curso Técnico em Informática destacava-se em números. Nesta mesma reunião agendamos as datas e os horários das entrevistas, as quais aconteceram na sede do Campus Itapetinga sempre no intervalo entre o final da aula da tarde e o início da aula da noite (entre as 17:30 e 18:30 h.), momento em que o campus estava silencioso.

As entrevistas foram feitas individualmente, em uma sala fechada onde a entrevistadora sempre iniciava com a seguinte fala: Professor, como já havia falado com você, nosso objetivo aqui hoje é fazer uma entrevista narrativa para a pesquisa Formação docente no IF Baiano Itapetinga: demandas coletivas, permanência e êxito. Nessa perspectiva, eu gostaria de saber qual foi sua formação e como se deu o seu processo de inserção no mundo do trabalho como docente? Se a sua formação é ou não para lecionar ou se é apenas engenharia? Independente de qual seja sua formação, como se deu esse processo? A partir daí cada professor fazia a sua narrativa que era gravada em áudio. Após a realização das entrevistas fiz as transcrições destas narrativas e logo depois iniciei a primeira análise que foi a leitura integral de cada narrativa para compreensão global das informações. A segunda análise foi constituída da elaboração de um segundo arquivo onde registrei as temáticas e categorias abordadas dentro do eixo temático formação docente e discente. Cada categoria encontrada na entrevista narrativa era registrada e seguida da compilação do trecho que a apresentava. Estas categorias versavam sobre a formação inicial, a pós-graduação ou a formação continuada, experiências e imagens sobre a docência, memórias sobre as demais experiências profissionais, contexto sócio-histórico-geográfico e palavras-chave.

Feito este segundo arquivo construí um terceiro no qual sistematizei a recorrência temática cujos achados foram:

1. A docência referenciada em outro professor (Crisântemo Branco – pais que foram professores e docentes mais experientes que ele; Crisântemo Vermelho – professor da sua graduação; Crisântemo Negro – professor do cursinho pré-vestibular onde estudou e lecionou; Crisântemo Amarelo – professor que apresentava alto índice de reprovação/negação deste modelo).
2. Impessoalidade nas relações pedagógicas (Crisântemos Branco, Lilás, Amarelo, Vermelho e Rosa).
3. Relacionamento amistoso professor – aluno (Crisântemo Vermelho – a partir da realização do *I Info Black Baiano*; Crisântemo amarelo – aprovação a partir da mudança de professor; Crisântemo Lilás – mudança de estratégia avaliativa; Crisântemo Laranja – dinamismo e simpatia docente; Crisântemo Rosa – a forma com o professor se dirige aos estudantes).
4. A importância da formação para a docência (Crisântemos Negro, Branco, Vermelho e Amarelo).
5. Formação para o trabalho educacional com jovens e adultos (Crisântemos Amarelo, Vermelho, Negro).
6. Necessidade de inclusão/aceitação (Crisântemos Vermelho, Negro e Amarelo – estudantes adultos; Crisântemos Branco, Lilás e Amarelo – condições adequadas no ambiente escolar tanto laboratorial quanto de apoio pedagógico-administrativo; Crisântemo Lilás – mulheres).
7. Defasagem discente na leitura, escrita e conhecimento matemático (Crisântemos Branco, Lilás, Amarelo, Vermelho).

Diante destes dados retomei a leitura do projeto de pesquisa e iniciei a inserção das informações e citações das narrativas nos textos já escritos e ampliei essa escrita dando corpo a este relatório técnico-científico.

Desde a primeira reunião realizada com os Docentes do Colegiado de Informática (01/10/2014), solicitaram a mim, pesquisadora, esclarecimentos acerca da concepção de trabalho com a diversidade étnico-racial, um tema amplo, que possui vertentes sociais, econômicas, culturais, religiosas e que, aparadas as arestas, é um elemento construtor de um belo jardim. A esse respeito, é importante lembrar que apesar de o IF Baiano – *Campus Itapetinga* ofertar os cursos técnicos subsequentes ao EM em Agropecuária e Alimentos, além

do integrado em Agropecuária até 2015 e também o integrado em Meio Ambiente a partir de 2016, optei por trabalhar apenas com o Colegiado de Informática por ser o curso na forma subsequente que oferece o maior número de vagas para a entrada de estudantes e também porque não daria conta de realizar a pesquisa, em menos de dois anos, com trinta e oito professores, enquanto que o colegiado escolhido apresentava apenas seis. À época estávamos sem professor de Matemática e de Inglês nas turmas do curso técnico em Informática.

O trabalho com essa diversidade parte do pressuposto de que, devido ao histórico brasileiro de dizimação dos índios e da escravização do negro, sempre que os portugueses queriam expandir os seus domínios territoriais para as áreas não litorâneas eram os negros que se viam colocados na linha de frente dessa expansão territorial. Além disso, na atual conjuntura, a expansão no número de habitantes negros no país, tem formado, às vezes, os bolsões de pobreza ou ainda compõe a maioria populacional dos bairros menos favorecidos economicamente, fato que, entre outras mazelas, faz com que os negros correspondam a apenas 20% dos 51% da população negra brasileira que chega a fazer pós-graduação. Vale ainda mencionar que apenas 20% dessa população recebe mais de dez salários mínimos no Brasil (SAEB, 2012). Considerando todos esses fatores, os professores da área técnica em informática foram unânimes em afirmar que não viam como trabalhar a diversidade étnico-racial no curso Técnico em Informática. Após algumas discussões, apontaram que poderiam realizar um evento, mas afirmaram que precisariam da ajuda da pesquisadora. Isso, posteriormente, resultou na realização do *I INFO Black Baiano – Simpósio de Informática e Diversidade*, que aconteceu no período de 19 a 21/11/2015 (Ver Apêndice A).

Após a reunião de apresentação do projeto, foram realizadas outras reuniões no período de agosto a novembro de 2015, a título de pesquisa exploratória, enquanto eu aguardava a liberação do parecer consolidado do Comitê de Ética na Pesquisa – CEP/UNEB. Nelas, discutíamos as demandas para a realização do evento. Essas reuniões sempre eram compostas pelos membros do Colegiado de Informática e, nas duas últimas, contamos com a presença da vice-coordenadora do NEABI. Isso porque, desde o mês de fevereiro de 2015, eu, enquanto coordenadora do NEABI, já havia definido a realização do *I Workshop Consciência Indígena* e o *II Workshop Cultural Consciência Negra*, este último, evento bianual em alternância com o *Seminário Brasil: (Cons)Ciência Negra*, realizado sempre na semana do 20 de novembro com os estudantes do Curso Técnico em Agropecuária.

Contando com a rápida liberação do parecer consolidado do CEP UNEB, eu havia previsto também a realização de um evento específico para o curso técnico em Informática que trabalhasse com a diversidade étnico-racial. Contudo, sem o parecer do CEP e com a

necessidade de fechar as ações estratégicas previstas no PAA – Plano de Ação Anual do campus até a primeira semana de dezembro, propus aos colegas de Informática e à vice-coordenadora do NEABI que integrássemos os dois eventos.

Nas três primeiras reuniões, propus que convidássemos palestrantes externos para a parte do evento que ficaria destinada às especificidades de informática. Entretanto, o Crisântemo Vermelho (coordenador do curso) foi irredutível no sentido de vetar o convite a profissionais externos. Apenas na quarta reunião, em setembro de 2015, é que, com a colaboração enfática do Crisântemo Branco, conseguimos convencê-lo a convidar um profissional externo, o qual ministrou o minicurso sobre Robôs Lêgos.

Com a junção dos dois eventos: o *I Info Black Baiano* e o *II Workshop Consciência Negra*, a abertura foi antecipada para o dia 19/11 (quinta-feira) à noite, com uma mesa-redonda e uma ação cultural do Colegiado de Informática. Na sexta-feira à noite e no sábado à tarde, aconteceram os minicursos específicos dessa área sendo dois em cada dia. Os minicursos do *II Workshop Consciência Negra* aconteceram na sexta-feira (20/11) pela manhã, em um quantitativo de onze minicursos ofertados. Juntando os dois eventos, foram oferecidos quinze minicursos que tratavam de ciência e de cultura negra, além de quatro mesas-redondas.

Essa ação formativa teve, entre outras atividades, a mesa de discussão *Educação e ações afirmativas no Brasil* destinada a discentes de todos os cursos e docentes. Nessa direção, os docentes do Colegiado de Informática já havia acordado estar presentes, e a mesa foi realizada com a participação de dois membros do *Instituto Cultural Steve Biko*⁵. No entanto, essa mesa de discussão contou apenas com a participação discente e de professores do colegiado de Agropecuária. Este fato me levou ao questionamento sobre quais razões os levaram a não comparecer a esta atividade formativa? Seria o racismo institucionalizado em que os brancos só participam dos eventos que discutem a relações étnico-raciais se estiverem na condição de protagonista? Por que nenhum deles faltou às oficinas cuja mediação era a sua responsabilidade. Nenhum deles faltou à mesa de discussão onde figuravam como palestrantes. Também não faltaram à atividade cultural onde se apresentaram como artistas. Seria esta ação uma representação dos princípios educativos do século XIX os quais viam a educação destinada aos negros como uma forma preparatória para a “liberdade” do negro.

⁵ Instituição que desenvolve projetos de capacitação de jovens negros, na cidade baixa, em Salvador e cujo nome é uma homenagem a Stephen Bantu Biko, um líder do movimento estudantil negro, que lutava em prol do *cantiapartheid* na África do Sul.

Liberdade da ignorância e da animalidade como eram postos por célebres personagens do Império, a exemplo do escritor José de Alencar?

É possível promover uma formação para as relações étnico-raciais baseadas na igualdade de direitos com profissionais que não desejam ser formados? Que insistem em apenas ministrar atividades técnicas que de certa forma reproduzem a ideia preconceituosa de que a formação meramente tecnicista, operacional é a chave para a reinserção do negro e demais etnias marginalizadas na sociedade escravocrata que deseja manter a escravização do negro, mesmo que para isto tenha que apresentá-la com uma nova roupagem? Fica a reflexão, já que estes mesmos professores reclamam da vivência em reuniões nas quais há um grande foco no problema e pouca atenção para as possibilidades de solução. Vejamos:

Jornada pedagógica, não tem adesão porque é muita teoria e pouca prática. Então a última jornada pedagógica eu lembro de ficar 25min, (eu olhei no relógio porque não estava aguentando mais), discutindo dois termos, o que que é educação subjetiva... objetiva-subjetiva. 25min discutindo isso a partir de um slide. Ai eu não aguento (risos) um negócio desse, (risos) não dá pra aguentar (risos). Então se trouxesse, todo mundo aqui que já é professor, ou formado ou não formado, ou bacharel ou licenciado, então traga as coisas práticas. Se tivesse um curso pra desenvolver melhor o conteúdo, trazer a atenção do aluno, prático, todo mundo queria. Inclusive, talvez o professor de informática, “ah, que só quer a área de exatas”, seria bom porque é uma coisa que vai agregar para o aluno, é uma coisa que vai agregar para o professor e traz a informação que ele quer. Então o que falta é curso prático (Crisântemo Branco).

No trecho da entrevista narrativa acima, percebemos que esse profissional não privilegia as discussões meramente teóricas, ou seja, rejeita o monólogo e clama pelo diálogo, que é justamente a ponte entre a teoria e a práxis pedagógica. Sinaliza esse fato trazendo o discurso da atividade prática como uma demanda por ações de tematização da prática pedagógica, a qual não exclui a teorização. Todavia, prioriza a compreensão dessa prática, suas implicações nos resultados discentes e as ações demandadas para o avanço na aprendizagem discente associada a planejamento, realização e avaliação dessas ações feita pelos professores. Contudo, não se fez presente na atividade formativa prevista para o último dia do *II Workshop Cultural Consciência Negra e I Info Black Baiano*.

As entrevistas narrativas com os docentes tiveram todas como referência a fala inicial de que estávamos naquele espaço (entrevistadora/pesquisadora e entrevistado) para que o entrevistado nos falasse sobre a sua formação acadêmica, o seu ingresso no mundo da educação e a relação dessa formação com as aprendizagens discentes. No decorrer da entrevista, a pesquisadora fazia perguntas ou intervenções de acordo com o discurso dos

entrevistados, no sentido de esclarecer dúvidas ou solicitar a complementação de informações. Ou seja, como o próprio nome já diz, o entrevistador dava o tema e o entrevistado narrava as suas vivências nessa área.

Com os estudantes, a orientação inicial foi para que eles falassem do que eles observavam como fatores que contribuíssem ou não para o êxito, a permanência ou a evasão dos estudantes, declarando, inclusive, a sua identidade étnico-racial e a da turma. Ao coordenador do NGTI, solicitei que falasse das ações desenvolvidas em relação à manutenção do laboratório de informática do campus e dos documentos da coordenação do Colegiado de Informática fazendo solicitações para o laboratório ou procedendo com a aquisição de materiais. Para este último item, foram encontrados apenas 03 memorandos que solicitavam a manutenção dos computadores do laboratório, a instalação de internet no laboratório de informática e de alguns programas de computador para fins didáticos, e isso entre os anos de 2013 e 2015.

Nas entrevistas com os docentes, os profissionais afirmam ter iniciado sua trajetória profissional na docência por demanda de espaço de trabalho, ou seja, dois deles iniciaram suas atividades como professor de cursinho de informática em empresas, atuando também como técnicos de informática. Um deles iniciou como professor de cursinho pré-vestibular; outro como professor de graduação em uma faculdade particular; e o último entrevistado iniciou a sua formação docente em função da doença de seu professor, que também lecionava em cursinhos profissionalizantes oferecidos pelo SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Com o tempo, foram vivenciando outras experiências após a graduação e tornaram-se professores em escolas de Ensino Fundamental e Médio na rede estadual, para hoje serem professores efetivos e/ou substitutos da rede federal de ensino, como atestam as afirmações desses entrevistados:

Eu comecei a trabalhar em um curso no Estado, com um contrato temporário de serviço, chamado REDA, no CETEB [...] e de lá pra cá eu tenho [...] na faixa de 13, 14 anos. Se eu contar um pouquinho com o tempo que eu passei como técnico, também dando cursinhos, é, sei lá, de 15 dias, 20 dias, 1 mês, aí tem mais um pouquinho (Crisântemo Lilás).

Apesar de iniciar a narração de sua experiência profissional pela atuação na rede pública de ensino, as primeiras experiências docentes do Crisântemo Lilás vêm das aulas ministradas em cursinhos de informática, cujo público é constituído de pessoas – crianças, jovens ou adultos – com um foco bem definido: aprender noções básicas de informática ou aprimorar a sua habilidade para trabalhar com suíte de escritório (textos e planilhas do Word,

do Excel etc). Essa, inclusive, é uma explicação para o fato de esses profissionais preferirem o trabalho técnico e terem dificuldade em associar esse trabalho às questões das diversidades, já que essa associação requer um convívio mais prolongado entre pessoas, fato que não se concretiza nos cursinhos de informática.

Eu me vi nesse estado com uma proposta de emprego para a área de lecionar por já ter até uma facilidade nessa área por meus pais já são/foram professores também, na primeira vez em 2008 para ensinar na FTC, aí seriam algumas aulas à noite, já trabalhava durante o dia e faria essas aulas à noite (Crisântemo Branco).

Trabalhava compensando serviço, suporte técnico e também dei aula de informática na escola, né, que na verdade era uma loja que tinha curso de informática e eu era da parte de suporte e como tinha um certo conhecimento acabava pegando uma ou outra aula, não era professor efetivo, pegava outra aula (Crisântemo Lilás).

Continuando a análise da preferência por praticidade e a sua relação com o tempo de convívio estudante/professor, Crisântemo Branco e Crisântemo Lilás apresentam características semelhantes, sendo que o que os diferencia é um ter iniciado em curso de graduação cujo contato com a mesma turma dura um semestre letivo (cerca de quatro meses de aula) e o outro iniciou sua experiência no cursinho de informática, onde o contato de um instrutor com a mesma turma de aprendizes dura, geralmente, o máximo de dois meses. Decorre, provavelmente, daí a impessoalidade nas relações professor/estudante.

[...] Na verdade a sala de aula me veio antes de eu entender a sala de aula. É, explicando: eu comecei a dar aula em pré-vestibular né, como deve ser o caminho de muitos de nós, só que você começa muito cedo. Eu comecei aos 18. Eu era monitor e de repente eu fui pra sala de aula, por motivo de doença de meu professor e lá fiquei e até hoje estou. O pré-vestibular foi a minha grande escola, porque o pré-vestibular, ele te ensina determinadas [...] vamos chamar de improvisos né, que vão te servir durante muito tempo. Ensina também uma interação muito grande com o público, porque o pré-vestibular é de contato direto né, mas faltava, é, entender, na teoria aquilo que já se fazia na prática (Crisântemo Negro).

Crisântemo Negro é mais um que adentra ao mundo da educação por alguma circunstância da vida e não por vocação. Seus primeiros contatos também foram em situações pedagógicas de pouca interação interpessoal devido à rotatividade de turmas. O diferencial neste profissional está em que ele se graduou em Letras e enveredou pelo caminho do estudo da diversidade étnico-racial no viés da literatura. Já suas experiências pedagógicas seguintes se deram nos cursos de graduação e ensino técnico integrado ao Ensino Médio. Seu discurso

também explicita a importância da formação docente para a sua profissionalização quando diz que a sala de aula foi até ele antes mesmo de ele a entender.

Nessa direção, recorro a Tardif (2014, p. 228) quando afirma que “os professores de profissão possuem saberes específicos que são mobilizados, utilizados e produzidos por eles no âmbito de suas tarefas cotidianas”, para discutir a afirmação do Crisântemo Negro, supracitada. Ou seja, os professores de profissão não são técnicos que simplesmente aplicam o conhecimento produzido por outros profissionais, ao contrário, são “atores competentes [...], sujeitos do conhecimento e agentes sociais, cuja atividade é determinada exclusivamente por forças ou mecanismos sociológicos” (TARDIF, 2014, p. 229), portanto, mecanismos culturais. A esse respeito, tanto na visão tecnicista quanto na visão sociológica, o professor é posto como reproduzidor do conhecimento produzido por outros atores, o que se distancia da verdade.

Concordando com Tardif (2014), acredito que a subjetividade docente precisa estar presente, tanto na formação quanto nas pesquisas, uma vez que cada professor orienta a sua prática profissional a partir de significados atribuídos por ele mesmo mediante um saber-fazer estruturado/construído/alicerçado em sua subjetividade profissional. Nessa perspectiva, a formação docente continuada precisa atender as demandas subjetivas dos professores no sentido de possibilitar o tripé ação-reflexão-ação enquanto construtores não só de práticas docentes, mas também da teorização sobre o próprio saber-fazer.

Como professora, eu me filiei a esses profissionais por ter adentrado ao mundo da educação devido a uma circunstância socioeconômica. Quando fui fazer o Ensino Médio, desejava ser técnica em contabilidade, contudo, a escola pública na cidade onde eu residia só me oferecia os cursos Técnico em Enfermagem, Auxiliar de Escritório e Magistério. Escolhi por eliminação: não tenho estrutura emocional para trabalhar com enfermagem; bem como o curso Técnico Auxiliar de Escritório não me daria uma profissão. Daí a escolha do Curso de Magistério que, além de me possibilitar a profissionalização, ainda realizaria o sonho do meu pai: que sua filha se tornasse professora.

Iniciei a minha experiência docente como professora das séries iniciais e prossegui com aulas, prioritariamente ministradas nas turmas de Ensino Médio. Vivenciei também o Magistério ministrando aulas nas turmas de graduação em Letras e em Pedagogia, sempre trabalhando com as disciplinas da área de linguagens e, por fim, estou na rede pública federal trabalhando com estudantes da educação profissionalizante de nível médio. Nesse processo, tenho me formado continuamente, mas, às vezes, também me sinto deformada por um sistema tecnicista que tenta moldar os professores de profissão em uma prática reprodutora de

conhecimentos que lesa tanto o docente quanto o discente na sua subjetividade cultural. Por essa razão, não só o meu empenho quanto o de meus colegas do Colegiado de Informática têm sido no sentido de construir um currículo que possibilite ao discente dar visibilidade à sua identidade cultural vivenciando experiências individuais e com o outro de modo a promover a construção do saber científico com equidade de oportunidades e direitos.

Continuando na direção da capacitação para a docência, propus ao grupo de professores do Colegiado de Informática uma reunião para que pudéssemos construir um plano de formação para nós, professores do curso técnico em Informática. Essa reunião foi desmarcada três vezes pelo coordenador do colegiado e, quando finalmente aconteceu, foi depois de uma reunião pedagógica com todo o corpo docente do campus. Já estávamos todos cansados, mas delimitamos as demandas e prioridades. Continuei dialogando com o grupo via e-mail e chegamos à conclusão de que a demanda era de formação coletiva e não apenas com o Colegiado de Informática.

No segundo semestre de 2015, eu havia assumido a presidência da Comissão responsável pelo I Fórum de Discussão do IF Baiano – *Campus* Itapetinga. Essa era uma ação prevista pelo gabinete da direção geral que, apesar de desejar dialogar com os servidores e estudantes em um fórum, não tinha experiência com esse tipo de prática. Inicialmente, reuni a comissão para definirmos o formato do evento e as estratégias a ser adotadas para a definição coletiva do tema do fórum. Optamos pela consulta via questionário *on-line* para os servidores e a consulta via questionário impresso para as turmas dos três cursos ofertados por nossa IES.

O questionário *on-line* foi disponibilizado via e-mail institucional, no sistema intranet. Já o questionário impresso foi disponibilizado aos líderes de classe em uma reunião da comissão com esses representantes, os quais ficaram responsáveis por dialogar com os colegas de turma, sistematizar as respostas representativas de cada sala e nos devolver esses questionários. A reunião seguinte da comissão foi para analisar os dados fornecidos nos questionários e a eleição do tema, o que acabou resultando na junção dos dois temas mais solicitados, quais sejam: o papel do grupo gestor **para o êxito e permanência discente e o combate à evasão.**

O tema do I Fórum de Discussão foi *Grupo gestor, servidores e estudantes: o papel de cada um em relação à evasão, permanência e êxito estudantil*. Inicialmente, ficou previsto para acontecer ao final de janeiro de 2016, contudo, só aconteceu em 08 e 09 de junho devido à mudança de mediador. No dia 08, à tarde, aconteceu o fórum com os servidores; à noite, com os estudantes do noturno; e no dia 09, pela manhã, com os estudantes do diurno. Foram três momentos de diálogos fecundos em que os problemas foram apresentados e discutidos

pelos usuários de cada serviço juntamente com os membros do grupo gestor. Além das discussões, ações foram encaminhadas e, após a redação dos três relatórios, cruzei os dados com os obtidos durante a pesquisa e redigi a *Política de Formação: Demandas Coletivas* (permanência e êxito estudantil – um compromisso coletivo) do IF Baiano – *Campus Itapetinga*.

A substituição do plano pela política de formação deu-se em virtude da constatação de que a causa da maioria dos problemas apresentados, especialmente aqueles explicitados e/ou ratificado nos fóruns, residem na ausência de rotinas administrativas e pedagógicas, bem como na deficiência do diálogo institucional e na ausência de reuniões de planejamento entre o grupo gestor e os servidores. As reuniões têm se dado apenas com um cunho informativo, geralmente com uma pauta de seis a dez pontos polêmicos que acabam sendo apenas apresentados.

Para fins de categorização, este capítulo será subdividido em dois subtópicos representativos do percurso metodológico e dos resultados das análises de conteúdo dos dados construídos a partir deste estudo, a saber: Formação inicial e continuada: hibridização currículo e identidade; s entrevistas narrativas: conceito, objetivos e vantagens.

3.1 FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: HIBRIDIZAÇÃO DE IDENTIDADE

Por formação continuada em serviço, tomei a concepção de capacitação de curta e de longa duração pela qual passa o professor durante a sua vida trabalhista, independentemente de ser custeada pelo Estado ou por ele mesmo. Essa formação é gradual e contínua. Como curta duração, podemos citar as atividades desenvolvidas em horas, dias, meses, no máximo de 12 meses. Os cursos de graduação, mestrados e doutorado são exemplos das ações de formação continuada em serviço de longa duração.

Dos quatro professores da área técnica que atuam no Curso Técnico em Informática, apenas um atua desde o planejamento do curso, Crisântemo Lilás. Justamente por ter participado da concepção do Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Informática, sabe dizer exatamente quais são as demandas técnicas e laboratoriais do curso, as quais ainda persistem, reconhecendo que os problemas existem, tanto na rede pública de ensino quanto na rede privada, faltando, muitas vezes, o elemento básico para o processamento da educação técnica em informática, que é o computador.

Primeiro, a gente precisa de material. A gente precisa no nosso caso, necessitamos, tem a necessidade, é, do próprio computador. Em ciências da computação, o objeto de estudo é o computador. Então, eu preciso de um computador. Não tem como a gente trabalhar no curso sem um computador. (Crisântemo Lilás).

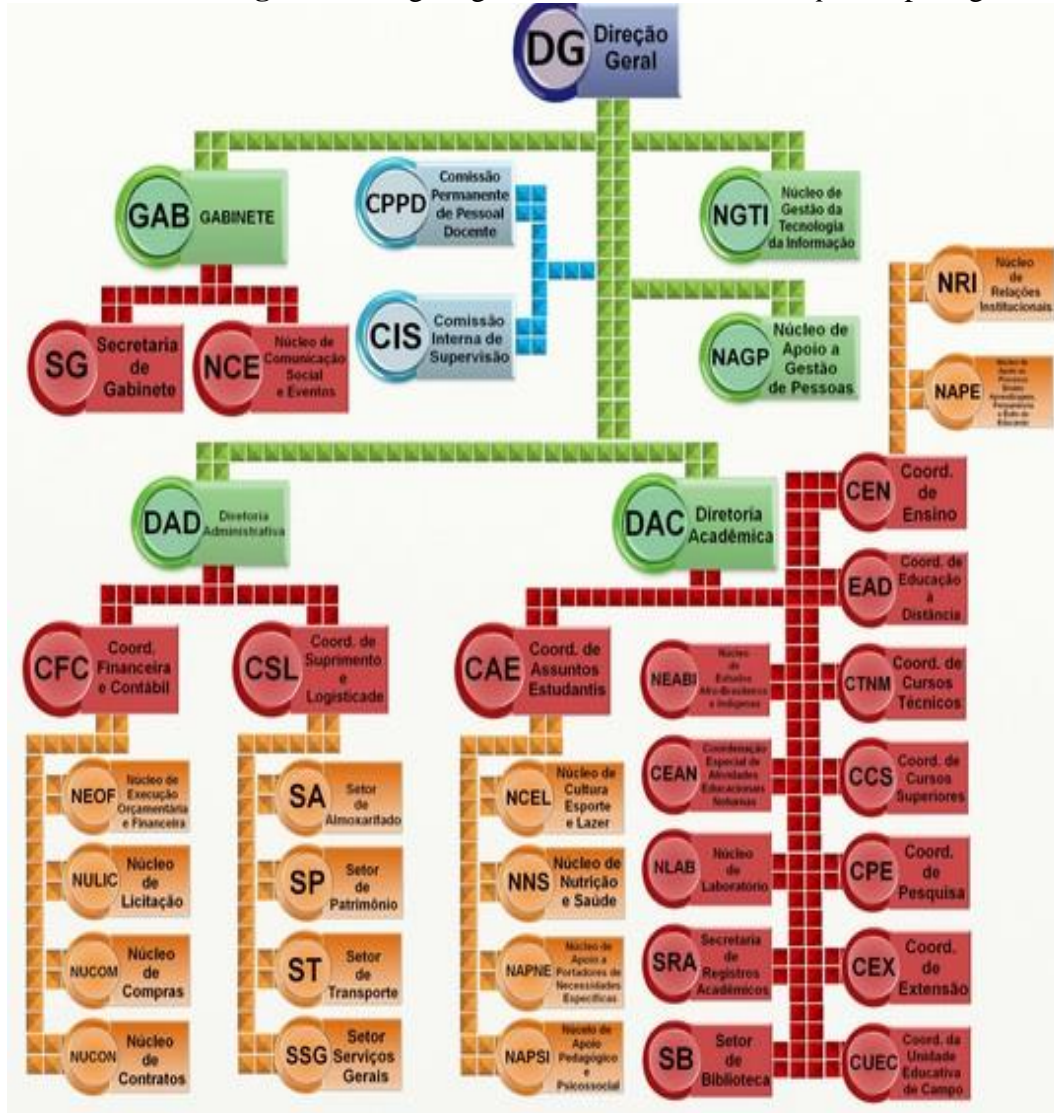
Questionei ao docente se essa necessidade é de um computador por aluno, referindo-me, inclusive, ao PROUCA – Programa um computador por aluno. A esse respeito, ele afirmou que isso seria o ideal, mas que estava falando de ter um computador para o estudante abrir, conhecer a estrutura interna, fazer montagem e desmontagem, programar. O Crisântemo amarelo ressaltou ainda que faltavam ferramentas básicas para as aulas técnicas como kit de alicates e multímetros. Em um momento de avaliação do I *Info Black Baiano* com os estudantes do primeiro semestre, um deles criticou: “Eu achei que os cursos do IF Baiano eram diferentes. Mas as aulas estão iguais as que tínhamos no ensino médio, nos colégios estaduais. Nós não temos aulas práticas. É só exposição. Como vamos ser técnicos assim?” Essa crítica reflete uma demanda formativa docente, trabalhar a teoria a partir da ênfase nas aulas práticas, fato que, inclusive, auxilia o estudante na transposição teórica.

Essa falta de materiais está ligada, na rede federal, entre outros fatores, aos processos burocráticos de aquisição de material, assim como ao desconhecimento de alguns desses processos pelos docentes iniciantes na rede federal, que não têm o hábito trabalhar com a organização de eventos e de projetos pedagógicos tanto disciplinares quanto interdisciplinares. Trabalhamos em um espaço organizado da seguinte maneira: em cada campus há uma Direção Geral (DG), uma Direção Acadêmica (DAc), uma Direção Administrativa (DAdm) e várias coordenações, como, por exemplo, Coordenação de Ensino; de Pesquisa; de Extensão; dos diversos Cursos; de Assistência ao Educando; Financeira; do NEABI, entre outras (para mais detalhes, verificar organograma do campus, Figura 6). Por um lado, esses servidores facilitam o trabalho para quem executa as funções, por outro, burocratiza para o professor que além de planejar a sua práxis, precisa elencar os materiais, fazer três cotações e encaminhar para os setores demandados que irão avaliar a disponibilidade financeira e a forma viável de aquisição do serviço (inexibilidade, pregão, licitação).

Aliado a tudo isso ainda estão os demais processos burocráticos de aquisição de material por instituições públicas. Nesse caso, as coordenações administrativas irão verificar se a documentação da empresa está toda legalizada, se o produto ou serviço oferecido pela empresa atende as especificidades demandadas pela pessoa solicitante. Contudo, o lado

positivo é justamente a aquisição dos materiais que permitam a intensificação das aulas práticas.

Figura 6 – Organograma do IF Baiano – *Campus Itapetinga*



Fonte: IF Baiano – *Campus Itapetinga*

Em relação ao processo de aquisição de materiais, depois de várias tentativas frustradas nesse sentido, em outubro de 2015, os materiais básicos, necessários às aulas práticas de laboratório, como multímetro, kit de ferramentas, pulseiras eletrostáticas, alicates de diversos tipos etc. foram adquiridos pelo campus juntamente com o material solicitado pelo NGTI. Porém, apenas em abril de 2016, os docentes do colegiado foram comunicados oficialmente da disponibilidade desses materiais no almoxarifado para serem retirados pelos professores do Curso Técnico em Informática. Isso porque, ao realizar a entrevista narrativa com o Crisântemo Azul, este me informou acerca dessas aquisições que ainda não tinham sido retiradas do almoxarifado. Desse modo, surge mais uma necessidade formativa: conhecer e se

apropriar das orientações do manual de compras do campus, elaborado e homologado em 2015 e melhorar a comunicação entre setor demandante, setores de aquisição e almoxarifado.

Diante dessa realidade, percebemos que a formação, tanto docente quanto discente, deve ser uma hibridização das ações de ambos os segmentos associados às ações do corpo técnico-administrativo e do grupo gestor. Neste estudo, tomamos como concepção de hibridização o ato de que a formação docente e suas demandas estão atreladas ao conhecimento prévio do estudante e às suas demandas pedagógicas, assim como as aprendizagens discentes estarão intimamente ligadas à forma de condução dos processos formativos adotada pelo corpo docente do colegiado. Se um desses segmentos trabalhar sozinho, a formação discente, razão de ser de todas as outras formações, ficará comprometida. Portanto, exercitar uma comunicação funcional entre os integrantes dos diversos setores que compõem o *Campus Itapetinga* é o grande desafio que se apresenta na atualidade.

Desse modo, a identificação das demandas de formação docente para um trabalho intencional transdisciplinar e interdisciplinar com a diversidade étnico-racial no Curso Técnico em Informática, possibilitou, como já dito, em 2015, a realização do *I Info Black Baiano – Simpósio de Informática e Diversidade Étnico-racial* que trouxe na abertura uma mesa-redonda na qual discutimos o uso das tecnologias da informação na melhoria da qualidade de vida da população de baixa renda. Na ocasião, o ponto alto da abertura, na noite de 19/11/2015, foi o momento do “tira-gosto” cultural, em que nos deliciamos com a fala e a leitura de poesias da escritora negra, Lívia Natália, lançando o livro de poesias *Correntezas e outros estudos marinhos* (Figura 7). Além dela, a poeta Iolanda Matos declamou o poema *Paz*, cujo tema é a violência urbana nas comunidades localizadas nos “morros” (Figura 8). Por fim, houve a apresentação musical envolvendo os professores Clésio e Marcus Sodré, os estudantes Yure Cangassu e Leandro Oliveira (Figura 9).

Figura 7 – Lançamento do livro de Poesia Negra *Correntezas e outros estudos Marinhos* – Livia Natália em IF-Baiano Campus Itapetinga.



Fonte: Acervo pessoal

Figura 8 – Declamação do poema Paz pela poetisa e autora Iolanda Matos em IF-Baiano Campus Itapetinga



Fonte: Acervo pessoal

Figura 9 – Degustação Musical: Professores Marcus Sodré e Clésio Matos com estudantes e convidados do Curso Técnico em Informática em IF-Baiano – *Campus Itapetinga*



Fonte: Acervo pessoal

O evento prosseguiu com diversas oficinas ofertadas na sexta-feira à noite e no sábado (Figuras 16, 17 e 18). Durante a avaliação do evento com os discentes e com os membros da comissão organizadora, identificamos como demanda não concentrar vários cursos no mesmo dia e turno, já que os estudantes sinalizaram o interesse em participar de mais de duas oficinas, considerando que essas atividades de extensão possibilitariam a ampliação ou o melhor entendimento de conteúdos já trabalhados em sala de aula ou que irão ser vistos no semestre seguinte.

Figura 10 – Oficinas *do I Info Black Baiano: robôs lêgos* – Dias 20 e 21/11/2015



Fonte: Acervo pessoal

Figura 11 – Oficinas do I Info Black Baiano: Utilização dos sistemas colaborativos como instrumento de apoio à educação – 20 e 21/11/2015



Fonte: Acervo pessoal

Figura 12 – Oficinas do I Info Black Baiano: desenvolvimento de aplicativos móveis – 20 e 21/11/2015



Fonte: Acervo pessoal

Figura 13 – Momento após a Mesa de discussão Educação e ações afirmativas no Brasil. Da esquerda para a direita: George Oliveira, do Instituto Cultural; Steve Biko, professora do Colegiado de Agropecuária; dois estudantes do Curso Técnico em Agropecuária integrado; a pesquisadora Izanete; e dois estudantes de Graduação do Curso Ciências da Computação – IF Baiano – Campus Guanambi



Fonte: Acervo pessoal

Apesar da realização exitosa desse evento, a institucionalização desse tipo de trabalho – o qual visa que as ações de ensino, pesquisa e extensão, perpassando também pelas culturas afro e indígenas, permitam aos estudantes a análise crítica do “entrelugar” dessas culturas presentes no mundo atual e contribuam com o respeito à identidade étnica e cultural das chamadas minorias sociais no poder – ainda tem um longo caminho a trilhar, muitos plantéis a fazer e diversos botões de crisântemo por nascer.

Ao longo desta investigação, foram utilizadas, portanto, a pesquisa documental e as entrevistas narrativas. Essa escolha se dá por nos permitir “compreender e considerar integradamente as questões ideológicas, políticas e científicas, possibilitando-nos saber mais plenamente sua interdependência e influências mútuas desse complexo processo de construção do conhecimento científico em educação” (GHEDIN; FRANCO, 2011, p. 129). Outra justificativa para a inclusão dos pressupostos epistemológicos apresentados neste estudo foi o princípio da coletividade que rege a democracia, contrariando a tecnocracia neoliberal. Desse modo,

O conhecimento como resultado de uma reflexão sistemática, rigorosa e de conjunto acerca da própria prática de sua construção, atinge o sujeito, diretamente, no mais íntimo do seu ser. Pelo conhecimento ele se deixa envolver, distancia-se da realidade justamente para poder compreendê-la em sua significação mais profunda, pois ela toca em todos os níveis. [...] O processo de conhecer interfere radicalmente em sua maneira de ser. Modifica-o por inteiro (GHEDIN; FRANCO, 2011, p. 141-142).

Isso significa dizer que o que move o sujeito na sociedade é o desejo de “vir-a-ser”. Sob esse viés, os princípios metodológicos da pesquisa qualitativa possibilitaram esse devir latente e constante na educação quando este se pauta na coletividade das ações de descrição, análise e interpretação. Assim, tomando o conteúdo das narrativas dos entrevistados como base de análise, busquei, por meio da inspiração interpretativa, uma compreensão que pudesse considerar as particularidades do Curso Técnico em Informática subsequente ao EM no IF Baiano – *Campus* Itapetinga e chegar à universalização da informação, tomando como base as relações instauradas pelos sujeitos desse curso.

No que diz respeito aos dados obtidos por meio das entrevistas narrativas, todos foram comparados aos dados obtidos pela análise das fontes primárias como, por exemplo, documentos oficiais diversos. Já os autores utilizados para dialogar de modo mais próximo com o tema em tela, foram Homi Bhabha (2007), Paulo Freire (1996, 2014), Antônio Flávio Moreira (2013), Vera Maria Candau (2012), Roberto Sidnei Macedo (2000, 2012), entre

outros, considerando que “as rupturas entre formas tradicionais de arte e a cultura massiva transcendem, no entanto, a defesa de espaços de poder, já que a cultura de massa rompe com as clássicas relações espaço-temporais, produzindo incontestáveis feitos sobre a construção de identidades sociais” (MOREIRA, 2013, p. 20). A seguir, apresentarei o conceito, os objetivos e as vantagens do uso das entrevistas narrativas na pesquisa etnográfica.

3.2 AS ENTREVISTAS NARRATIVAS: CONCEITO, OBJETIVOS E VANTAGENS

É importante explicitar que, durante a elaboração deste estudo, surgiu a necessidade do uso do instrumento entrevista narrativa, o que só foi percebido após a aplicação do primeiro instrumento da pesquisa exploratória com docentes do curso do Curso Técnico em Informática utilizando o questionário com perguntas objetivas (Apêndice A). Na ocasião, percebi que as respostas eram objetivas demais. Com isso, entendi que utilizar a entrevista narrativa como instrumento de pesquisa qualitativa me possibilitaria melhor dialogar com docentes, discentes, bem como com servidores técnicos-administrativos. Nessa direção, as entrevistas narrativas foram utilizadas com o objetivo de

[...] contextualizar o comportamento dos sujeitos fazendo a sua vinculação com os sentimentos, crenças, valores e permitindo, sobretudo, que se obtenham dados sobre o passado recente ou longínquo, de maneira explícita, porém tranquila, e em comunhão com o seu entrevistador que deverá, inicialmente, transmitir atitudes que se transformem em transferência e troca mútua de confiabilidade (THONPSON, 1992 *apud* ROSA; ARNOLDI, 2008, p. 16).

A opção pela entrevista narrativa – a que Rosa e Arnoldi (2008, p. 19) chamam de *Investigação Qualitativa*, subdividida em *conversação social ordinária* e em *entrevistas profissionais correntes* – justificou-se pelo ineditismo da pesquisa, visto que inexistiam fontes escritas sobre o tema em tela, excetuando-se diários de classe, planos de ensino e atas dos conselhos de classe. Por isso, no decorrer da pesquisa, construímos memórias de ata das diversas reuniões que realizamos. Porém, estas só registraram a síntese dos assuntos tratados e das deliberações feitas. Em outras palavras, utilizei esse tipo de entrevista como técnica, uma vez que a discussão orientada me possibilitou coletar dados a ser utilizados de forma científica nesta pesquisa.

A entrevista narrativa está imbuída na pesquisa (auto)biográfica, a qual toma como fonte de investigação as diversas formas de narrativas: orais - posteriormente transcritas, escrita ou digitais, de modo que o narrador faz uma reflexão acerca de suas experiências

peçoais e profissionais. No nosso caso, o foco da investigação na pesquisa (auto)biográfica é a forma como os professores da área técnica do Curso de Informática subsequente ao EM vivenciaram e vivenciam a formação docente e como eles relacionam ou não essa formação com a permanência e a evasão discente. Ou seja, trabalhamos, nesta investigação, com a perspectiva de que as narrativas (auto)biográficas são fonte de formação dos docentes envolvidos por possibilitar-lhes uma reflexão acerca da sua prática pedagógica – que extrapola a práxis de sala de aula. Para o uso desse instrumento de pesquisa, utilizei como referencial teórico Souza e Passegi (2015) e Bragança (2012).

Nesse processo, as questões provocadoras compuseram o campo de concepções, conteúdos e práticas educativas do docente; bem como foram inseridos sentimentos, visões e experiências dos estudantes. Isso se deu porque dos quatro professores da área técnica em informática, apenas dois responderam o questionário por escrito, encaminhado no dia 17/12/2014. Após uma reunião com 3 desses docentes da área técnica, rerepresentei a minha intenção de pesquisa e o questionário em discussão. A partir disso, oralmente, esses professores informaram que não desenvolvem nenhum tipo de trabalho com o tema diversidade étnica.

Na referida reunião, o diálogo prosseguiu com o meu relato acerca do trabalho que vem sendo desenvolvido no Curso Técnico em Agropecuária, ao passo que os professores insistiam na impossibilidade de se trabalhar esse tema no Colegiado de Informática, o que levou a pesquisadora a identificar o primeiro conteúdo de formação demandado por esse grupo de educadores: as concepções de diversidade étnico-racial ou negritude (MUNANGA, 2012), especialmente o conceito que diz que o racismo nasce dos problemas socioeconômicos.

Vale ressaltar que as respostas dadas ao questionário foram no sentido de confirmar ou não a existência de um trabalho com a diversidade étnico-racial no Curso Técnico em Informática. Após algumas discussões, ainda nessa reunião, um dos professores afirmou que esse trabalho deveria iniciar com a realização de um evento em 2015. A proposta foi aceita pelos demais professores e acatada pela pesquisadora que se comprometeu em planejar e executar, junto com o colegiado do curso, um evento sobre diversidade étnico-racial que atendesse as especificidades dos estudantes de informática.

Nesta pesquisa, em relação aos docentes entrevistados, tomamos como macrossituação dessas entrevistas a relevância e/ou a funcionalidade do Curso Técnico em Informática na vida dos jovens e adultos que se matriculam nele. Em relação aos docentes e servidores técnicos, tomamos como microssituação a realidade pedagógica dos professores

confrontando-a com a realidade social dos estudantes e as causas que têm elevado os índices de evasão nesse curso, no período de 2011 a 2015. Como reflexão inicial, apresentada nesta pesquisa, está o fato de que a não institucionalização do trabalho com a diversidade étnico-racial é uma das causas do alto índice de evasão, já que a diversidade socioeconômica e cultural, aqui denominada de patrimônio cultural como sinônimo de conhecimento acadêmico – tem acarretado a distorção entre objetivos do ingressante no curso e os objetivos previstos no PPC.

Para tanto, penso que a institucionalização do debate étnico-racial pautado no multiculturalismo crítico e tratado de forma inter e transdisciplinar pode melhorar a comunicação entre o discente e a instituição de ensino, principalmente, entre o discente e o professor. Nesse contexto, entendo como comunicação entre discente e “escola” o processo de interação comunicacional utilizando diversos meios e que possibilite ao estudante saber quais os seus direitos e deveres, bem como os instrumentos dos quais eles podem se utilizar para se comunicar com a instituição. Na sala de aula, a comunicação foi entendida como o processo dialógico que visa promover ou ampliar a aprendizagem discente em relação aos objetivos do curso, possibilitando-lhe a superação dos obstáculos que aparecem no decorrer da aprendizagem acadêmica.

No tocante às entrevistas narrativas, a comunicação foi entendida como um processo de interação entrevistado e entrevistador com vistas a atender a um objetivo em comum: institucionalizar o trabalho com a diversidade étnico-racial de modo a contribuir para a redução no índice de evasão nas turmas do Curso Técnico em Informática. Considera-se, nesse cenário, o contexto social e cultural dos sujeitos entrevistados, de modo a buscar a descontaminação da informação a ser obtida por meio do processo comunicativo que, segundo o princípio pós-estruturalista, dá-se sempre por meio da interação, inexistindo na falta desta (ROSA; ARNOLDI, 2008).

Enfim, a especificidade do relacionamento do entrevistador com o entrevistado reside no fato de que este se deu não a partir do diálogo, mas de questionamentos instigadores, do desejo de falar/revelar do entrevistado o qual, no decorrer do processo, pode também fazer questionamentos ao entrevistador no sentido de esclarecer o que lhe foi perguntado.

4 MUDANÇA DE ROTA: AS DEMANDAS SOCIOEDUCATIVAS E CULTURAIS DO ESTUDANTES DO IFBAIANO ITAPETINGA

Inicialmente planejei trabalhar com o instrumento grupo focal por meio do qual pretendia atingir os seguintes objetivos: o de identificar as demandas formativas dos docentes no tocante ao trabalho com a diversidade étnico-racial e o de iniciar a promoção da formação continuada em serviço a partir das demandas identificadas tanto nos encontros de grupo focal quanto nas entrevistas narrativas e na análise documental. Esses grupos focais estavam previstos para acontecer nos dias 12/08/2015, 23/09 e 11/11, contudo, a demora em receber o parecer do Comitê de Ética na Pesquisa – CEP impediram a sua realização.

Também previ, junto aos demais membros do Colegiado de Informática, a realização de três encontros formativos, com carga horária de 04 horas cada, nos quais o primeiro seria a realização de um workshop formativo devido a sua característica mais prática e operacional. Na oportunidade, realizaríamos exposições e oficinas acerca da diversidade étnico-racial e a construção de sequências didáticas⁶, as quais deveriam ser executadas e avaliadas antes da realização do segundo grupo focal. Outra razão para a escolha do workshop é a sua natureza propositiva, a qual pressupõe a sistematização de encaminhamentos formativos para as equipes docente, pedagógica e administrativa.

Após a realização do segundo grupo focal, pretendia realizar um encontro formativo, cuja dinâmica deveria girar em torno de uma situação-problema detectada anteriormente. Nesse encontro formativo, a existência de um mediador externo dependeria do tipo de situação-problema identificado e selecionado para essa formação continuada. Nele, também deveriam ser encaminhadas novas ações, bem como a continuidade ou não de ações propostas no workshop. No entanto, esse processo precisou ser todo modificado já que o meu parecer consolidado do CEP aprovando o projeto só foi liberado em abril de 2016.

Nesse ínterim, no período de 07/03/2016 a 02/05/2016, a pesquisadora analisou os resultados discentes em relação à aprovação, reprovação e evasão. Ainda no mês de março, a pesquisa prosseguiu com a análise de documentos institucionais como o PPC – Projeto Pedagógicos do Curso e suas reformulações, questionários socioeconômicos de alguns dos estudantes, PPC de cursos da área de informática ofertados em outros campi do IF Baiano, cujos resultados estão no tópico a seguir.

⁶ Conjunto de atividades didáticas interligadas entre si, planejadas para ensinar um conteúdo, passo a passo, envolvendo ações de ensino e de avaliação.

No tocante aos resultados de permanência e êxito estudantil, tivemos ao final do semestre letivo de 2015.2 (em março de 2016) os seguintes resultados: 10 aprovados, 03 reprovados por falta, 08 reprovados e 02 evadidos. Lembrando que essa turma corresponde ao módulo II/segundo semestre do curso que possui três módulos semestrais. Dos 23 alunos que foram do módulo I para o módulo II, 18 permaneceram até o fim, e destes, 08 foram reprovados em mais de duas disciplinas. Os que perdem até duas são considerados aprovados porque obtêm a aprovação parcial, ou seja, podem cursar as disciplinas do módulo seguinte e aquelas nas quais foram reprovados (quando estas forem ofertadas).

Já turma do módulo I/turma 2015.2, dos 41 alunos matriculados (o que inclui 03 estudantes que foram reprovados anteriormente), apenas 10 foram aprovados, sendo 03 pelo conselho de classe, 04 foram reprovados por falta e 09 em mais de 02 disciplinas. Em relação à evasão, tivemos um grupo de 18 estudantes.

Novamente comprovou-se a necessidade de um trabalho de cunho socioeducativo, já que, como professora dos estudantes da turma 2015.2, verifiquei o déficit nas habilidades de leitura e escrita. E o Crisântemo Laranja também abordou essa dificuldade em relação à base matemática e produção de textos, como demonstrado na narrativa abaixo quando ela narra que nas



[...] aulas de matemática e observa-se que havia muita dificuldade dos alunos com relação ao ensino de matemática. O meu, especificamente, um pouco, em razão de, digamos assim, de eu estar aí com 20 anos, né, que não tinha acesso aos estudos específicos da área de matemática [...], Mas muitos dos alunos que vieram diretamente do ensino médio, né, sentem essa dificuldade. [...] nas aulas do professor de comunicação, a gente observa questões simples e corriqueiras e que alunos tinham uma certa dificuldade, né, a parte de redação[...]

Foi com base nesses dados que propus a política de formação a seguir:

Quadro 1 – Política de formação: demandas coletivas – permanência e êxito estudantil – um compromisso coletivo

GÊNESE	
<p>Esta política de formação tem como centralidade as demandas definidas pelos docentes, técnicos administrativos em educação, estudantes e membros do grupo gestor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – Campus Itapetinga considerando os dados levantados através da Pesquisa <i>Formação docente no IFBAIANO: demandas coletivas, permanência e êxito estudantil</i> e dos relatórios finais do I Fórum de Discussão <i>Grupo gestor, servidores e estudantes: o papel de cada um em relação à evasão, permanência e êxito estudantil</i>.</p>	
OBJETIVOS DOS DIÁLOGOS FORMATIVOS	<p>Os princípios e ações propostas e apresentadas nesta Política de Formação objetivam nortear a formação continuada dos servidores públicos federais, incluindo os que fazem parte do grupo gestor, sempre com vista a ampliar os índices de permanência e êxito em todos os níveis educacionais ofertados pelo IF Baiano – Campus Itapetinga. Portanto, para atender à estas demandas foram definidos os seguintes objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Promover a formação continuada docente considerando das demandas apresentadas pela IES – Instituição de Ensino Superior, elegendo o IF Baiano – Campus Itapetinga como lócus institucional da formação profissional; ➤ Reduzir em 50% o número de estudantes evadidos dos cursos técnicos subsequentes ao ensino médio, no período de dois anos; ➤ Promover reuniões pedagógicas gerais e por áreas afins com o intuito de discutir as dificuldades discentes e planejar ações de nivelamento de acordo com as demandas dos estudantes; ➤ Realizar ações pedagógicas interdisciplinares planejadas e avaliadas durante as reuniões pedagógicas por áreas afins, com a finalidade de fortalecer as aprendizagens discentes; ➤ Realizar anualmente, um fórum de discussão com os servidores, com os estudantes e com os pais ou responsáveis destes estudantes para avaliar os avanços e delimitar as novas demandas; ➤ Acompanhar, através do NEABI, CAE e CE, a entrada, a permanência e êxito dos estudantes que apresentam demanda socioeconômica e socioeducativa; ➤ Subsidiar o redimensionamento das práticas pedagógicas tendo como centralidade os princípios da Educação de Jovens e Adultos – EJA; ➤ Contribuir com a reescrita colaborativa das propostas de formação continuada para os servidores da educação federal em Itapetinga.
PÚBLICO ENVOLVIDO⁷	<p>Servidores, incluindo os membros do grupo gestor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – Campus Itapetinga</p>

⁷ Essa política será implantada em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da UNEB – Campus IV, ao longo dos dois anos subsequentes a 2016, através do **Projeto Profissionalização docente para as diversidades socioeducativas e culturais da educação básica**, projeto aprovado no edital nº 25/2014 da FAPESB cujo foco é o fortalecimento dos mestrados profissionais.

<p>EIXOS TEMÁTICOS⁸</p>	<p>EIXO 1 – Diversidades socioeducativas e culturais dos estudantes da Educação Básica;</p> <p>EIXO 2 – O planejamento da prática docente;</p> <p>EIXO 3 – Estratégias de ensino para as diversidades: lições da prática e (re)formulação da ação didática;</p> <p>EIXO 4 – Dimensão ética da profissão: educação, docência e os desafios da profissionalização docente;</p> <p>EIXO 5 – Formação e prática pedagógica: (re)visitando saberes especializados da docência;</p> <p>EIXO 6 – Evasão, permanência e êxito estudantil: caso de ensino dos estudantes do IF Baiano Itapetinga</p> <p>EIXO 7 – Saberes sistematizados: os resultados parciais da implantação da Política de Formação – Demandas coletivas (Permanência e êxito estudantil – um compromisso coletivo).</p> <div style="text-align: center;">  </div> <div style="text-align: center;">  </div>
---	--

⁸ Os eixos poderão ser redimensionados à medida que as demandas e os interesses do grupo sejam modificados.

**ORGANIZAÇÃO
DO TEMPO DE TRABALHO**

O tempo de trabalho foi distribuído em dois anos de atividades formativas, sendo organizado da seguinte forma:⁹

- Reuniões gerais bimestrais com grupo gestor, professores e técnicos administrativos em educação, para planejamento e avaliação de uma ação estratégica por reunião em função da permanência e êxito estudantil;
- Reuniões mensais dos membros do grupo gestor a fim de avaliar e planejar as reuniões de planejamento de cada período;
- Reuniões pedagógicas mensais com todo o corpo docente para avaliação e planejamento de ações estratégicas por reunião, em função da permanência e êxito estudantil¹⁰;
- Reuniões pedagógicas por área ou grupos de atividades interdisciplinar¹¹ ;
- Análise dos dados dos questionários socioeconômicos pelos membros do NEABI, NAPNE, CAE e Coordenações de Curso para identificar as demandas educativas dos discentes a serem agregadas às demandas identificadas pelos docentes nas salas de aula e compartilhadas durante os conselhos diagnósticos;
- Análise da minuta de monitoria de ensino, pesquisa e extensão seguida de elaboração de minuta de edital de monitoria próprio para os Cursos Técnicos integrados e subsequentes, sempre destacando que estes monitores são introduzidos em um projeto do professor;
- Realizar oficinas acerca dos encaminhamentos administrativas demandados por algumas ações pedagógicas e acordo com as demandas identificadas;
- Realização anual de fóruns de discussão com os servidores, estudantes e pais ou responsáveis pelos alunos do campus.



⁹ As reuniões permanecerão às quartas -feira à tarde, sendo que uma delas será para a reunião geral do campus; outra para reunião geral pedagógica e as demais para as reuniões por áreas afins.

¹⁰ As pautas destas reuniões deverão ser dimensionadas considerando os temas mais relevantes para a permanência e para o êxito estudantil de modo a garantir a real análise e planejamento das ações estratégicas, de modo a evitar que estas permaneçam como meramente informativas.

¹¹ Estas reuniões deverão acontecer com grupos menores de professores, podendo realizar-se reuniões simultâneas desde que a equipe técnico-pedagógica (Pedagogo, Técnicos em Assuntos Educacionais, Coordenadores de Cursos, Coordenação de Ensino, Diretoria Acadêmica, Coordenações outras a exemplo do NEABI, NAPNE, Pesquisa, Extensão, sempre mantendo um espaço de congregação dos resultados destas reuniões a fim de sistematizar os resultados obtidos ao longo dos próximos dois anos (2017/2018) de atividades formativas.

DINÂMICA DOS ENCONTROS

Esta política de formação tem como princípio basilar a formação continuada na perspectiva do desenvolvimento profissional observando tanto as fortalezas quanto a fragilidades ou lacunas no tocante à prática docente e aos processos técnico-administrativos que subjazem ou acompanham essa prática docente. Portanto, parte do princípio de que a supervisão pedagógica é papel de todo o grupo gestor e não apenas dos profissionais do Setor Pedagógico desta IES, haja vista que o papel de todos é aglutinar ações para a execução do Projeto Político Pedagógico do Campus no sentido de ampliar a permanência e o êxito estudantil, assim como combater a evasão e a repetência¹².

Assim, concebemos como currículo a construção coletiva de redes de construção do conhecimento científico, acadêmico e cultural de modo que o estudante possa ir galgando êxito na correlação entre conhecimento acadêmico e conhecimento de mundo, analisando criticamente os fatos e utilizando-os em favor da sua inserção tanto no mercado como no mundo do trabalho, assim como na verticalização dos estudos. O trabalho aqui é compreendido como princípio formativo que nos faz pensar e repensar ações e resultados relacionando-os com a melhoria da qualidade de vida humana.

Os servidores do IF Baiano *Campus* Itapetinga têm uma formação acadêmica qualificada em nível de mestrado e doutorado, com apenas oito professores qualificados em nível de especialização dentre os 39 profissionais que compõem o quadro docente. Destes oito, apenas três, ainda não estão cursando um mestrado. Todos estes 39 docentes e os servidores técnico-administrativos desenvolvem ações que contribuem para o êxito dos estudantes, seja nas práticas pedagógicas, seja nas ações administrativas e buscam sincronicidade e a efetivação de uma comunicação eficaz. Portanto, as ações previstas nesta política precisam permear os atos comunicativos dentro do campus e ao mesmo tempo a continuidade e integração das ações estratégicas de modo que:

- As reuniões gerais bimestrais com grupo gestor, professores e técnicos administrativos em educação, para planejamento e avaliação de uma ação estratégica por reunião em função da permanência e êxito estudantil estejam pautadas na socialização, análise e redimensionamento de ações desenvolvidas por cada coordenação/comissão seja individualmente ou em parceria com outras coordenações/núcleos/comissões.
- As reuniões mensais dos membros do grupo gestor a fim de avaliar e planejar as reuniões de planejamento de cada período tomarão como base os dados já registrados e delimitarão a base

¹² Concebemos como evasão o estudante que abandona o curso sem assinar o termo de desistência na SRA – Secretaria de Registros Acadêmicos, deixando a instituição sem acesso às razões que levaram o estudante a deixar a escola. Já a repetência caracteriza a repetição de um semestre o que acontece quando o estudante é reprovado em mais de dois componentes, no caso dos cursos subsequentes ao Ensino Médio, ele não poderá cursar disciplinas do módulo seguinte. Ele poderá apenas cursar as disciplinas nas quais foi reprovado. Quando perde até duas poderá conciliar a oferta das disciplinas nas quais foi reprovado com as do módulo seguinte.

teórica que subsidiará as reuniões de planejamento.

- As reuniões pedagógicas mensais com todo o corpo docente para avaliação e planejamento de ações estratégicas por reunião em função da permanência e êxito estudantil terão como princípio norteador o nivelamento das aprendizagens discentes e a interdisciplinaridade.;
- As reuniões pedagógicas por área ou grupos de atividades interdisciplinar terão como objetivo a análise, avaliação, ampliação do planejamento e replanejamento das atividades inerentes às ações estratégicas específicas dos cursos onde serão ou estão sendo desenvolvidas. Por exemplo, as ações sobre etnicidade terão um foco cultural nos cursos integrados ao EM e socioeconômicos para os estudantes dos cursos subsequentes.
- A análise dos dados dos questionários socioeconômicos pelos membros do NEABI, NAPNE, CAE e Coordenações de Curso devem realizadas para identificar as demandas educativas dos discentes a serem agregadas às demandas identificadas pelos docentes nas salas de aula e as quais são compartilhadas durante os conselhos diagnósticos deverão ser compartilhadas com todos os setores e servidores do campus a fim de subsidiar a avaliação e o planejamento das ações estratégicas.
- A análise da regulamentação de monitoria de ensino, pesquisa e extensão seguida de elaboração de minuta de edital de monitoria próprio para os Cursos Técnicos integrados e subsequentes, sempre destacando que estes monitores são contemplados em um projeto do professor e que deverá ter uma periodicidade semestral.
- A realização de oficinas acerca dos encaminhamentos administrativas demandados por algumas ações pedagógicas e de acordo com as demandas identificadas, deverão ter uma rotatividade na mediação tendo como critério de eleição o domínio do conteúdo em pauta. Para o fortalecimento das aprendizagens a equipe técnico-pedagógica deverá ir diagnosticando estas demandas no decorrer das reuniões pedagógicas. Estas também poderão ser sinalizadas por grupos de servidores que percebam a necessidade de um determinado conhecimento para a garantia do êxito das ações estratégicas sob sua responsabilidade.
- A realização anual de fóruns de discussão com os servidores, estudantes e pais ou responsáveis pelos alunos do campus, deverá ser mais um canal de diálogo entre os diversos segmentos educativos funcionando como espaço de reflexão e de deliberações coletivas, acerca das demandas elencadas.

SOCIALIZAÇÃO DAS PRODUÇÕES DOS ESTUDANTES E DE SEUS ORIENTADORES

As produções resultantes das ações estratégicas desenvolvidas ao longo destes dois anos serão socializadas, prioritariamente, nos eventos do *Campus Itapetinga* (Seminário ou *workshop* cultural sobre consciência negra, mostra científica, etc.), na página *on-line* do Campus (textos, fotos e vídeos) e quando, pertinente, em eventos externos ao campus e ao IF Baiano. Estas socializações terão como objetivo cumprir o papel de popularização da ciência e demais produções acadêmicas, além de

sistematizar os resultados das ações de acompanhamento da formação continuada, cuja centralidade é a pesquisa da prática como já explicitado neste documento.

AVALIAÇÃO FORMATIVA

A análise/ (re) dimensionamento e avaliação das práticas formativas deverão acontecer durante as reuniões citadas no item Organização do tempo de trabalho. É importante salientar que estas análises devem ser objetivas, aparecendo como ponto de pauta inicial, cujo/a mediador/a deverá apresentar um subsídio teórico, o que não implica, necessariamente, em uma exposição teórica, haja vista que estas já são feitas nos eventos acadêmicos destinados a tal fim. Também é preciso levar em consideração que o tempo de duas horas de reunião pedagógica ou de planejamento, requer maior objetividade apresentando o embasamento teórico nas exposições de análise dos dados, proposição e encaminhamento/planejamento das ações estratégicas.

Fonte: Souza (2016)

4.1 RELEITURA DA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE CURSO TÉCNICO DE INFORMÁTICA: TENSÕES, LACUNAS E PROPOSIÇÕES

No PPC do Curso Técnico em Informática está dito que o objetivo geral é:

Preparar profissionais empreendedores para atuarem no mercado de trabalho formal ou informal em atividades de estruturação, instalação, configuração, monitoração, operação e manutenção de computadores, assistência em Projeto, desenvolvimento de sistemas para Internet, supervisão, gerência e administração de redes de computadores (PPC do Curso Técnico em Informática, 2010, p. 4).

Nesse contexto, entendo que há uma distorção entre o que objetiva o curso e as disciplinas ofertadas, ou seja, a primeira parte do objetivo geral diz que o curso pretende formar profissionais empreendedores, mas oferece apenas uma disciplina no módulo III. Essa oferta ainda vem acompanhada do agravante de que nenhum professor no campus tem a formação em Administração ou em Empreendedorismo, de modo que a disciplina sempre é ministrada por um professor leigo na área.

A segunda parte do objetivo geral também prevê muitas habilidades para um curso de apenas 03 módulos, dos quais o primeiro é composto de cinquenta por cento de disciplinas de suporte a leitura, escrita, operações lógicas e pesquisa científica. As habilidades previstas

são: “a estruturação, instalação, configuração, monitoração, operação e manutenção de computadores, assistência em Projeto, desenvolvimento de sistemas para Internet, supervisão, gerência e administração de redes de computadores” (PPC do Curso Técnico em Informática, 2010, p. 4).

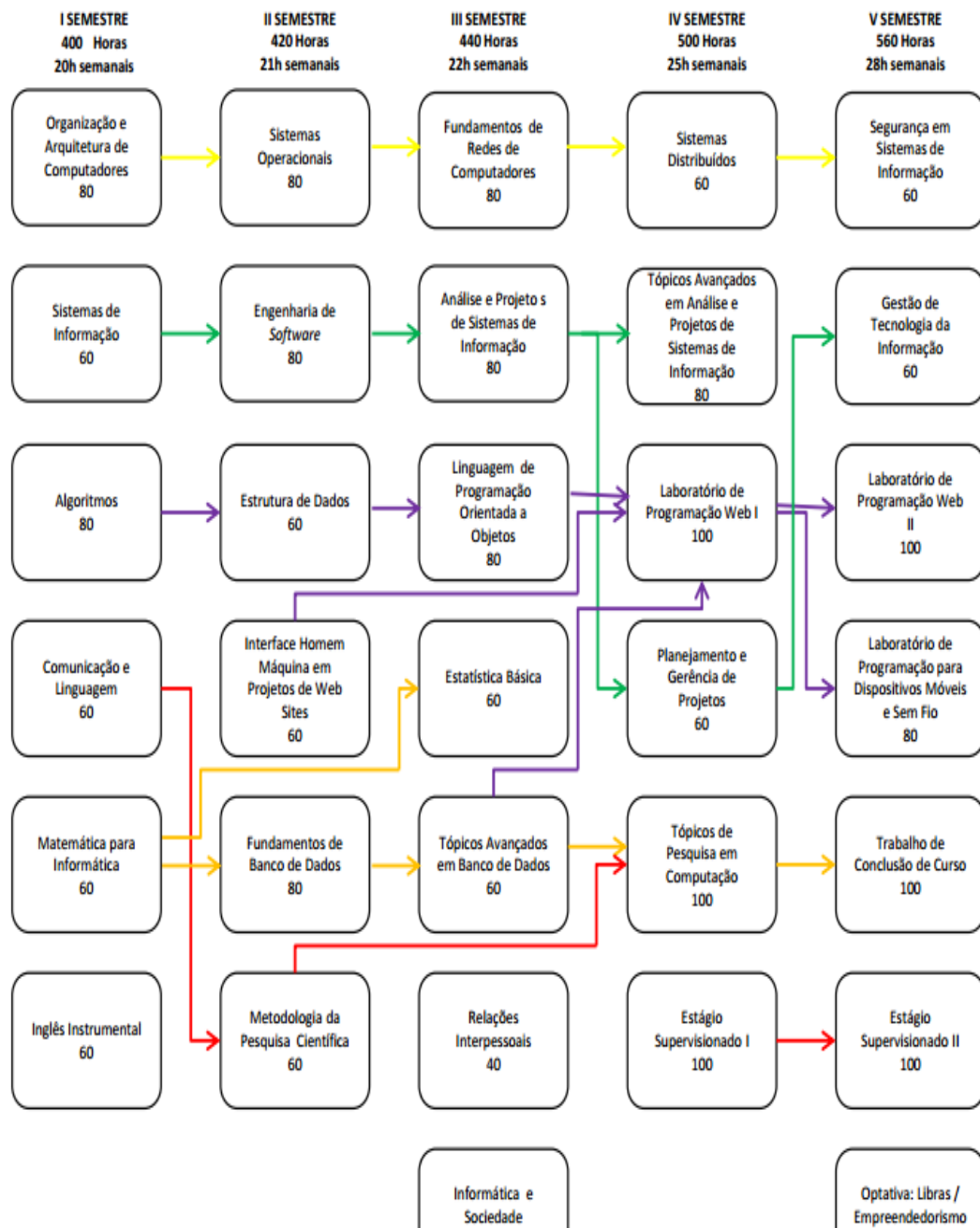
Outra reflexão pertinente é a que versa sobre a ausência do termo *político* nos PPC dos cursos, haja vista que, como bem define o educador e pesquisador Paulo Freire, toda ação educativa é intencional e política, se considerarmos que a **prática educativa** obedece a **múltiplos determinantes**: institucionais, organizativos, tradições metodológicas, possibilidades reais dos professores/as e das condições físicas. Isto é, os atos pedagógicos, como já disse anteriormente, não dependem exclusivamente da práxis docente. É mister considerar o que conhecem e fazem os professores/as sobre as práticas institucionais existentes e as ações praticadas.

Em uma das entrevistas narrativas com professores que atuam na área técnica do curso, o colaborador da pesquisa ressaltou que, em curso de programação de computadores, tanto o técnico quanto o tecnólogo e o de bacharel apresentam conteúdos de estudo semelhantes, ressalvado o nível de aprofundamento pertinente a cada nível e forma de oferta. Essa fala suscita um questionamento: se o conteúdo de nível médio é o mesmo que o de nível superior, não seria mais vantajoso tanto para a instituição ofertante quanto para os candidatos a estudantes a oferta de um curso de bacharelado ou de tecnólogo? Nas minhas memórias, enquanto docente do componente Redação Oficial, lembro que alguns dos estudantes que evadiram ou trancaram a matrícula apresentaram como justificativa a aprovação em cursos de graduação na rede pública estadual da cidade.

Outro aspecto a ser considerado é o tempo do qual o estudante e a instituição dispõem para o estudo desses conteúdos. O curso técnico subsequente dispõe de três semestres, já o Tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de Sistemas do *Campus* Guanambi dispõe de cinco semestres e a licenciatura em Ciências da Computação, em Senhor do Bonfim, tem a duração mínima de 04 anos (08 semestres).

A observação do professor entrevistado em relação ao fato de conteúdos semelhantes estarem presentes tanto nos cursos de informática de nível médio quanto de nível superior pode ser comprovada a partir da leitura das matrizes curriculares a seguir (Figuras 20 e 21):

Figura 14 – Matriz curricular do Curso Tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de Sistemas do IF Baiano – *Campus Guanambi*



Fonte: Portal do IF Baiano, 2016

Figura 15 – Matriz Curricular do Curso Técnico em Informática Subsequente ao Ensino Médio – *Campus Itapetinga*

Componentes Curriculares	Componentes Curriculares	Componentes Curriculares
MÓDULO I ASSISTENTE EM OPERAÇÃO E MANUTENÇÃO DE COMPUTADORES	MÓDULO II ASSISTENTE EM COMUNICAÇÃO DE DADOS	MÓDULO III ASSISTENTE EM PROJETO E DESENVOLVIMENTO DE SOFTWARES
Redação Técnica	Sistemas Operacionais	Linguagens de Programação
Fundamentos de Informática	Segurança de Sistemas	Desenvolvimento de Sistemas para Internet
Inglês Técnico	Legislação e ética profissional	Técnicas e Projetos de Sistemas
Lógica de Programação I	Banco de Dados I	Lógica de Programação II
Arquitetura de Computadores	Administração em Sistemas Livres	Banco de Dados II
Matemática e Estatística Aplicada	Total carga horária: 400 horas	Estrutura de Dados
Instalações Elétricas para Computadores	Estágio supervisionado: 100 horas	Empreendedorismo, Administração e Vendas
Metodologia Científica		Total: 400 horas
Total carga horária: 400 horas		Estágio supervisionado: 100 horas
		Total carga horária: 1200 horas
		Carga horária total do estágio supervisionado: 200 horas

Fonte: Recorte feito pela pesquisadora a partir do desenho curricular presente no PPC elaborado em 2010 e implantado no ano de 2011, p. 9 e 10.

O objetivo geral de um dos Cursos Superiores de Informática do *Campus Guanambi* também comprova a constatação do entrevistado:

O curso superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas tem como objetivo a formação de profissionais capazes de compreender o processo de construção e reconstrução do conhecimento no domínio do desenvolvimento de sistemas e, dessa forma, realizar atividades de concepção, especificação, projeto, implementação, avaliação, suporte e manutenção de sistemas computacionais, orientando sua ação na sociedade em geral e no mundo do trabalho, em particular para a busca de soluções para o setor produtivo e para a melhoria da qualidade de vida das populações (PPC do Curso, 2010, p. 78)

Em outras palavras, ao compararmos as duas matrizes curriculares acima comprovamos que nos dois cursos temos aulas de Redes de Computadores, Banco de Dados, Análise e Manutenção de Sistemas, Algoritmo/Lógica e Matemática, além de uma disciplina da área de linguagem e outra de Metodologia Científica.

Em função do contraste entre o objetivo do curso e os objetivos dos estudantes, a evasão faz-se cada vez mais crescente no curso, apesar de ter apresentado uma queda significativa entre as turmas que ingressaram em 2011 e as que ingressaram em 2012 (decreceu de 84,96% para 51,52%, de acordo com o Panorama Situacional de Matrículas 2008 a 2014, elaborado pela SRA do *Campus Itapetinga*). No entanto, voltou a crescer logo na primeira turma ofertada no segundo semestre de 2014 (em janeiro de 2015, já tínhamos

uma evasão de 54,22% contra 39,76% dos estudantes que se mantinham estudando). Por conseguinte, surge o questionamento: que fato ou conjunto de fatos teria contribuído para esse quadro?

Em um primeiro olhar, poderia questionar se a causa teria sido a mudança de coordenação de curso e de professores. Entretanto, alguns elementos foram apresentados pelos professores entrevistados, os quais me parecem mais coerentes. Vejamos: curso mal divulgado, a falta ou a existência de problemas de laboratórios técnicos para o curso, entre outros, como afirma um desses professores:

O problema do alto índice de evasão está, talvez, na divulgação. O povo chega aqui acreditando que vai ter uma base na área de suporte e acaba tendo que estudar programação que é muito mais complexo, pois requer programar um computador enquanto que o suporte vai atender o usuário (Crisântemo Amarelo).

Ao analisar os editais dos processos seletivos de estudantes de 2011 a 2015, foi comprovado que estes informam o nome, a modalidade e o nível dos cursos ofertados pelo IF Baiano, contudo, não apresentam nenhuma outra informação como objetivo geral ou possibilidade de atuação no mundo/mercado do trabalho. Na página do campus, da mesma forma, a informação é muito restrita não só em relação ao Curso Técnico em Informática, mas também em relação aos demais cursos ofertados. No link dos cursos subsequentes ainda observamos um erro em relação à forma de oferta do curso quando colocam nesse link “técnico-concomitante-ou-subsequente”, o que pode levar o concorrente a mais um equívoco conceitual, como pode ser visto na Figura 16, a seguir.

Figura 16 – Informações sobre os cursos na forma subsequente disponíveis na página do campus Itapetinga

The screenshot shows a web browser window displaying the website of IF Baiano, specifically the page for the campus of Itapetinga. The page is titled "TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA" and "TÉCNICO EM INFORMÁTICA". The left sidebar contains navigation links such as "Campus", "Diretoria", "Comunicados", "Espaço do Estudante", "Alunos", "Cursos", "Processo Seletivo", "Biblioteca", and "Orientações e Rotinas". The main content area displays details for two courses: Técnico em Agropecuária and Técnico em Informática. The Técnico em Agropecuária course is described as a 1.5-year program for students who have completed high school, aiming to train professionals for the agricultural sector. The Técnico em Informática course is also a 1.5-year program designed to prepare students for careers in software development and project assistance. The page also features a "NOTÍCIAS PUBLICADAS" section with a dropdown menu for selecting a month and a "PESQUISAR NO SITE" button. The Windows taskbar at the bottom shows various application icons and the system clock indicating the date as 01/03/2016.

Fonte: Portal do IF Baiano, 2016.

Nos campi Guanambi, Senhor do Bonfim e Bom Jesus da Lapa, temos a descrição e os documentos esclarecedores dos objetivos e características dos cursos disponíveis nas páginas web (PPC, descrição detalhada, planos de ensino, matriz curricular etc.) de cada unidade. Todavia, no *Campus* Itapetinga nenhum desses documentos foi disponibilizado até 29/06/2016 e as informações sobre os cursos eram extremamente resumidas. Com isso, muitos estudantes que já têm conhecimento na área de manutenção de computadores chegam acreditando que irão ampliar seus conhecimentos nessa área. Outros chegam leigos, inclusive, na realização de operações básicas da informática: ligar o computador, formatar textos e planilhas em editores mais conhecidos etc.

Outro aspecto sinalizado por todos os professores do curso como contribuinte para a elevação do índice de evasão e de reprovação no curso são as dificuldades em leitura, escrita e realização de cálculos. Isso comprova, segundo eles, a necessidade de ações de nivelamento dos conhecimentos básicos dos estudantes que ingressam no curso técnico em informática, na forma subsequente (Entretanto, ainda não sabem como fazer para resolver a questão).

Em sendo ofertado um curso de graduação, certamente demandará o nivelamento dos conhecimentos básicos dos estudantes que ingressarem no curso de nível superior. Contudo, a opção de curso de graduação, além de formar profissionais capacitados para a programação de computadores possibilitará em maior grau a melhoria na qualidade de vida desses estudantes a partir da inserção dos egressos no mercado de trabalho, haja vista que estes sairão com um diploma de nível superior em vez de um certificado de nível médio.

Diante do exposto, os leitores deste relatório poderão se perguntar: e a oferta do Curso Técnico em Informática na forma subsequente acabaria? A minha resposta é que essa oferta reduziria o número de turmas e buscaria um público mais específico para o qual o curso de nível técnico pudesse ser ofertado com a pedagogia da alternância. Nesse caso, o estágio também poderia viabilizar aquisição, manutenção e utilização de laboratórios de informática nas comunidades quilombolas e indígenas da região, por exemplo. Essa oferta também ficaria condicionada à aprovação da reformulação do PPC, feita pelo colegiado no segundo semestre de 2015, em que o Curso Técnico em Informática é substituído pelo Técnico em Manutenção e Suporte em Informática, um curso que visa atender a demandas elementares dos usuários cotidianos.

É mister lembrar ainda que essas alterações implicam no investimento em capacitações para os docentes em um aspecto já explicitado através das falas de 03 dos 05 professores entrevistados: como trabalhar com as demandas de estudantes noturnos, que são trabalhadores, pais e mães ou arrimos de família e que, por isso, não dispõem de tempo para estudar fora da sala de aula? Esses professores, por terem uma formação técnica, sabem lidar muito bem com as aulas dos componentes técnicos. No entanto, não se sentem capacitados para administrar as demandas pedagógicas específicas de um público, formado por jovens e adultos, trabalhadores, que requer uma atenção específica.

Assim, penso que a realização de grupos focais ou grupos de estudos sobre a Educação de Jovens e Adultos, como proposição para as lacunas registradas e tensionadas, ajudaria não só a eles mas também a mim, que sou licenciada em Letras e atuei como professora de Redação Oficial, nos anos de 2011 e 2012 e de Metodologia Científica no ano de 2015 (módulo I ofertado no primeiro e segundo semestre), pois a educação com jovens e

adultos trabalhadores requer o contínuo diagnóstico de demandas de aprendizagem e de intervenção pedagógica e a cíclica análise e planejamento de ações em um contínuo ação-reflexão-ação.

Penso ainda que a realização quinzenal de reuniões de planejamento por colegiado/curso/área/nível e modalidade de oferta seria um ganho muito grande, não só para o colegiado de Informática, mas também para os demais colegiados, já que é preciso considerar que todos os componentes curriculares, quer técnico quer propedêutico, são responsáveis por oferecer condições de construção do conhecimento, sendo ao mesmo tempo prática e teórica, o que os fazem também ofertantes de métodos. Porém, essas reuniões demandam o suporte de uma equipe técnico-pedagógica que, entre outras ações integradoras, medie as reuniões, faça registros/relatórios, socialize informações e encaminhe documentos demandados pelo planejamento do colegiado, haja vista que, na rede federal, há uma demanda burocrática significativa para o desenvolvimento da maioria das ações pedagógicas desenvolvidas pelos docentes. Outro aspecto importante é que todo processo formativo demanda um/a mediador/a bem como a sistematização e o registro dessas sistematizações para que as ações formativas não se transformem em meras palavras levadas ao sabor do vento.

Se observarmos as matrizes curriculares apresentadas nas Figuras 17, 18 e 19, perceberemos a persistência da equivalência de conteúdos entre o nível médio e o superior. Na Figura 17, as disciplinas técnicas da área de informática estão destacadas com a cor azul.

Figura 17 – Proposta de Matriz curricular do PPC do Curso Técnico em Suporte e Manutenção em Informática

Curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática Subsequente ao Ensino Médio - Campus Itapetinga

8.4 MATRIZ CURRICULAR

Eixo Tecnológico: Informática e Comunicação

Curso: TÉCNICO EM MANUTENÇÃO E SUPORTE EM INFORMÁTICA

FD: Subsequente

FO: Semestral

UD: Semestral

DM: 3 Semestres

CHMA: 666,66HA MDETE:

EE + PD + ET + EC: 1150 h

CURSO TÉCNICO SUBSEQUENTE											
1º. SEMESTRE					2º. SEMESTRE						
Nº	COMPONENTES CURRICULARES	C-H/S	C-H/R	C-H/A	Nº	COMPONENTES CURRICULARES	C-H/S	C-H/R	C-H/A		
1	Fundamentos da Informática	4	66,67	80,00	1	Arquitetura de Computadores	2	33,33	40,00		
2	Eleticidade	2	33,33	40,00	2	Eletrônica Digital	4	66,67	80,00		
3	Inglês Instrumental	2	33,33	40,00	3	Lógica e Linguagem de Programação	4	66,67	80,00		
4	Matemática Aplicada	2	33,33	40,00	4	Manutenção de Computadores I	4	66,67	80,00		
5	Leitura e Produção de Textos Científicos	4	66,67	80,00	5	Projeto Integrador II	2	33,33	40,00		
6	Projeto Integrador I	2	33,33	40,00	6	Redes de Computadores I	4	66,67	80,00		
7	Sistemas Operacionais	4	66,67	80,00							
Total		20	333,33	400	Total		20	333,33	400		
3º. SEMESTRE											
Nº	COMPONENTES CURRICULARES	C-H/S	C-H/R	C-H/A							
1	Empreendedorismo e Cooperativismo	2	33,33	40,00							
2	Gestão de TI	2	33,33	40,00							
3	Manutenção de Computadores II	4	66,67	80,00							
4	Projeto Integrador III	2	33,34	40,00							
5	Redes de Computadores II	4	66,67	80,00							
6	Segurança da Informação	4	66,67	80,00							
7	Suporte ao Usuário	2	33,33	40,00							
Total		20	333,34	400							
							C-H/R	C-H/A			
							C-HAT	1000	1200		
Estágio curricular / TCC / Prática profissional							150	180			
							C-HATC	1150	1380		

Notas: FD – Forma de Desenvolvimento; FO – Forma de Organização; UD – Unidade Didática; DM – Duração Mínima; CHMA – Carga Horária Mínima Anual; MDETE – Mínimo de Dias de Efetivo Trabalho Escolar; Nº – Número; CHT – Carga Horária Total; BNC – Base Nacional Comum; PD – Parte Diversificada; ET – Eixo Tecnológico; C-H/S – Carga-Horária Semanal; C-H/R – Carga-Horária Relógio; C-H/A – Carga-Horária de Aula; C-HAT – Carga-Horária Total; C-HATC – Carga-Horária Total do Curso.

Fonte: PPC construído no segundo semestre de 2015 e submetido para a análise e aprovação da PROEN e do CONSUPE do IF Baiano, p. 29.

Figura 18 – Matriz curricular do Curso de Licenciatura em Ciências da Computação IF Baiano – *Campus* Senhor do Bonfim

MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO

Turma: 2013..

1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	Optativas	Optativas
Fundamentos Filosóficos e Sociológicos Edu. 60h-4cr	Inglês Instrumental 60h-4cr	Psicologia da Educação 60h-4cr	Didática 60h-4cr	Libras 60-4cr	Políticas Educacionais 56-4cr	TCC I 60h-4cr	TCC II 60h-4cr	Leitura e Produção de Textos	Simulação de Sistemas
Algoritmos e Introdução a Programação 80h-5cr	Metodologia da Pesquisa Científica 60h-4cr	Linguagem de Programação Orientada a Objetos 80h-5cr	Engenharia de Software 60h-4cr	Banco de Dados 48h-3cr	Laboratório de Banco de Dados 30h-2cr	Multimídia na Educação 30h-2cr	Ambientes Virtuais de Aprendizagem 60h-4cr	Interface Homem-Máquina	Laboratório de Programação Avançada
Introdução a Computação 60h-4cr	Estrutura de Dados 60h-4cr	Sistemas Digitais 60h-4cr	Organização e Arquitetura de Computadores 60h-4cr	Análise e Projetos de Sistemas da Informação 80h-5cr	Programação Web 60h-4cr	Inteligência Artificial 60h-4cr	Software Educacional 60h-4cr	Designer Instrucional	Segurança da Informação
Fundamentos da Matemática 60h-4cr	Estatística Básica 60h-4cr	Geometria Analítica e Álgebra Linear 60h-4cr	Matemática Aplicada 60h-4cr	Sistemas Operacionais 60h-4cr	Redes de Computadores 60h-4cr	Aplicações Gráficas 60h-4cr		Software Livre e Inclusão Digital	Redes sem Fio
Pesquisa e Práticas Pedagógicas I 100h-7cr	Pesquisa e Práticas Pedagógicas II 100h-7cr	Pesquisa e Práticas Pedagógicas III 100h-7cr	Pesquisa e Práticas Pedagógicas IV 100h-7cr	Estágio I 100h-7cr	Estágio II 90h-6cr	Estágio III 90h-6cr	Estágio IV 120h-8cr	Aprendizagem Cooperativa em Ambientes Computacionais	Jogos Eletrônicos em Educação
					Optativa 60h-4cr	Optativa 60h-4cr	Optativa 60h-4cr	Tecnologias Assistivas na Educação Inclusiva	Tópicos Especiais
CH: 360 CR: 24	CH: 340 CR: 23	CH: 360 CR: 24	CH: 340 CR: 23	CH: 348 CR: 23	CH: 356 CR: 24	CH: 360 CR: 24	CH: 360 CR: 24		
DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS: 1844 horas				DISCIPLINAS OPTATIVAS: 180 horas			PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: 400 horas		
ESTÁGIO SUPERVISIONADO: 400 horas				ATIVIDADES COMPLEMENTARES: 200 horas					
CARGA HORÁRIA TOTAL: 3024 horas				CRÉDITOS TOTAIS: 189			TEMPO DE INTEGRALIZAÇÃO: 4 anos		

Fonte: Portal do IF Baiano,2016.

Figura 19 – Matriz Curricular do Curso Técnico em Informática do IF Baiano – *Campus Bom Jesus da Lapa*

Quadro 4: Desenho Curricular do Curso

Desenho Curricular				
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO – IF BAIANO CAMPUS BOM JESUS DA LAPA				
CURSO TÉCNICO SUBSEQUENTE EM INFORMÁTICA				
CARGA HORÁRIA DO CURSO 1201 horas	DURAÇÃO DAS AULAS 50 minutos			
Componentes Curriculares	Nº. de Professores	Aulas/Semana	Total de Aulas	Total de Horas
Módulo I				
Algoritmos e Linguagem de Programação I	1	6	120	100
Introdução à Informática	1	2	40	33
Inglês Técnico	1	2	40	33
Comunicação Oral e Escrita	1	2	40	33
Fundamentos Matemáticos para Informática	1	4	80	67
Montagem e Manutenção	1	4	80	67
TOTAL		20	400	333
Módulo II				
Algoritmos e Linguagem de Programação II	1	4	80	67
Análise e Projeto de Sistemas	1	4	80	67
Saúde e Segurança do Trabalhador	1	2	40	33
Desenvolvimento Web I	1	4	80	67
Banco de Dados I	1	4	80	67
Metodologia Científica	1	2	40	33
TOTAL		20	400	334
Módulo III				
Redes de Computadores	1	4	80	67
Estrutura de Dados	1	4	80	67
Desenvolvimento Web II	1	4	80	67
Banco de Dados II	1	3	60	50
Gestão e Empreendedorismo	1	2	40	33
Administração em Sistemas Livres	1	3	60	50
TOTAL		20	400	334
TOTAIS ACUMULADOS MÓDULOS I+II+III				1001
PRÁTICA PROFISSIONAL				200
CARGA HORÁRIA TOTAL - TÉCNICO EM INFORMÁTICA				1201

Fonte: Portal do IF Baiano, 2016.

Enfim, o IF Baiano – Campus Itapetinga precisa dar continuidade à oferta de cursos técnicos na área de informática pensando na aplicabilidade social/profissional destas formações discentes na sociedade itapetinguense e adjacências, haja vista que além de atender à demanda de docentes para a oferta do curso é preciso um amplo investimento na manutenção, criação e ativação de laboratórios técnicos de modo a tornar eficaz a aprendizagem discente como discorremos no próximo tópico.

4.2 DE DENTRO/POR DENTRO DO IFBAIANO: PERCURSO EDUCATIVO DOS ESTUDANTES NO CURSO DE INFORMÁTICA

Convidados os docentes a pensarem sobre a entrada, o êxito, a permanência e a evasão discente, os colaboradores da pesquisa afirmam que além do contraste entre a visão

que o estudante tem ao ingressar no curso e a realidade com a qual ele se depara, as turmas e, conseqüentemente, os docentes têm enfrentado alguns problemas, como a falta de laboratórios em quantidade e tipos suficientes para as atividades práticas, como afirma um dos entrevistados:

Precisamos de material de trabalho, precisamos de pelo menos um computador que é o objeto de estudo da ciência da computação, tanto em nível médio quanto em nível de graduação, com quantidade correta de laboratórios e de computadores por aluno [...] Há a necessidade de vários laboratórios, por exemplo, o laboratório de programação onde as máquinas não são abertas, mas que tem programas específicos, um laboratório específico para testes, ou seja, um laboratório onde possamos abrir as máquinas, ver o funcionamento, montar, configurar [...] e precisamos de um laboratório de redes – um laboratório pequeno daria para se trabalhar com pequenas, médias e grandes redes – no Brasil, há duas grandes áreas de trabalho no campo da informática que é a de *desenvolvimento de software* e a de *redes*. Também precisamos de livros, alguns são essenciais. Não há como estudar *pelo google* ou pela internet. Precisamos de referências para mostrar, indicar aos alunos (Crisântemo Lilás).

Essa declaração do Crisântemo Lilás sinalizou problemas enfrentados no início do curso, em 2011, quando contávamos com apenas 10 computadores do PROINFO – Programa Nacional de Tecnologia Educacional, inicialmente sem acesso à internet. A partir de 2012, o campus montou um laboratório com capacidade para quarenta máquinas adquiridas em duas remessas de vinte. Esse laboratório é utilizado tanto para as aulas do Curso Técnico em Informática subsequente como as do Curso Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio.

Outro ponto ressaltado pelo colaborador tem a ver com a dificuldade encontrada até 2014 para a aquisição de livros da área de Informática, enfatizando uma característica da produção bibliográfica no campo das tecnologias da informação: em sua maioria é escrita em inglês, o que gera uma maior produção de artigos disponibilizados em revistas científicas e em bancos de produção científica, a exemplo da *plataforma Scielo*.

Essa produção está na contramão do que os estudantes dos cursos subsequentes estão acostumados, uma vez que desejam continuar lendo – textos expositivos encontrados em enciclopédias livres e em páginas jornalísticas disponíveis em sites de busca. Esse mesmo professor acrescenta que a dificuldade na aquisição de livros na área de informática não é exclusividade do IF Baiano – *Campus Itapetinga*. Segundo ele:

[...] geralmente as livrarias não oferecem, no país são poucos títulos e rapidamente acabam, eu enfrentei esse problema na graduação. Outro problema é que a um livro que foi traduzido a dois ou três anos já se

encontra defasado. Muita coisa já mudou, porque a nossa área é uma área muito prática. [...] Para dar aula, precisamos de outros aparatos além do computador, precisamos de ferramentas de segurança, por exemplo, há aluno que concluiu o curso sem nunca utilizar um altímetro porque a instituição não oferece e o professor não vai comprar. Há também a demanda de jogos de chave de fenda para abrir o computador, pulseira estática que não tem, diversos tipos de alicates: de ponta, de bico, entre outras ferramentas que a gente precisa na hora de fazer a manutenção de uma máquina (Crisântemo Lilás).

Felizmente, o número de títulos da área de informática e das demais áreas aumentou satisfatoriamente em 2015 e no primeiro semestre de 2016. Em abril de 2016, a biblioteca contava com 81 títulos específicos da área de Informática, de acordo com relatório impresso pelo bibliotecário, a partir do Sistema *Pergamun* de Bibliotecas do IF Baiano, ordenado por classificação de área.

Questionados se eles já solicitaram a compra dessas ferramentas, o entrevistado respondeu:

Quanto ao processo de solicitação de compras fizemos isso diversas vezes, sendo que a última tem mais ou menos seis meses. (agosto//2015 foi a entrevista). O setor administrativo nos retornou dizendo que a não aquisição se deu devido à forma de – a cotação, parece que o processo não foi feito da forma correta. Há uns 15 ou 20 dias atrás tivemos a informação de que estaria entrando em uma licitação para todos os campi. Apesar da boa vontade, não se tem conseguido comprar (Crisântemo Lilás).

Assim como os professores entrevistados para esta pesquisa, os demais professores das chamadas áreas técnicas ou da Matemática, Ciências e suas Tecnologias não demonstram paciência e tolerância para as reuniões nas quais se dão teorização sem planejamento efetivo da prática pedagógica. Por essa razão, eles acham que as suas reuniões apenas com os professores da área técnica são mais produtivas do que as reuniões pedagógicas gerais, haja vista que nestas falta objetividade e planejamento de soluções para os problemas detectados.

Esse caráter mais objetivo e menos discursivo dos profissionais formados em Ciências da Computação também é sinalizado por Menezes e Rios (2015, p. 45) e ratificado por um dos colaboradores desta pesquisa. Em uma reunião da categoria docente do *Campus Itapetinga*, sem a presença de membros do grupo gestor, já que foi uma reunião sindical para organizarmos um documento de reivindicação da categoria, ocorrida em 16/01/2016, quando terminávamos o ano letivo de 2015, entre as várias reivindicações estava a abertura de espaço para debate e planejamento das demandas pedagógicas nas reuniões ditas pedagógicas, as quais têm se tornado cada vez mais informativas, ou seja, um espaço para repassar informes.

As reuniões específicas dos professores de informática são mais produtivas do que as reuniões pedagógicas mais gerais, cujo foco está sempre no problema ao invés de focar na solução desse problema. Por isso se perde muito tempo discutindo e, geralmente, não saímos com uma proposta de solução definida (Crisântemo Branco).

Como fruto desse processo autoformativo por meio das reuniões de áreas, as quais só são institucionalizadas para a divisão de disciplinas para cada ano/semestre letivo, dois dos colaboradores explicitaram que substituem, hoje, a avaliação via prova, na maioria dos momentos, pela elaboração de projetos, cujo desenvolvimento é apresentado pelos estudantes, semanal ou quinzenalmente, por acreditarem que apesar de o conteúdo do nível médio ser o mesmo que o do nível superior, a matriz curricular é coerente, porque segundo ele

Não há déficit na matriz e sim na aprendizagem do aluno [...] Alguns são antenados, mas outros não [...] Se o aluno tem dificuldade em Matemática, terá dificuldade em programação mas poderá não ter em suporte. [...] O tempo que estava ausente da escola, cerca de 05 anos, é um complicador para o estudantes jovens e adultos demorarem a desenvolver um ritmo adequado de estudo (Crisântemo Amarelo).

Com essa afirmação, o Crisântemo Amarelo destaca um problema ainda enfrentado pelo sistema educacional brasileiro: o déficit na leitura como ato que envolve as estratégias de antecipação, inferenciação, decodificação, estabelecimento de relações com as ações do cotidiano, bem como o déficit em relação às operações matemáticas. Nessa direção, há aqui um contrassenso entre os fatos relatados pelos docentes e a realidade mostrada pelos dados relativos aos resultados e metas do IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica no Brasil (Figuras 20 e 21), visto que o nosso país só não tem atingido as metas nas escolas da rede privada, no período compreendido entre 2007 e 2013 (avaliação bianual).

Figura 20 – Metas do IDEB no Brasil – Parte superior do formulário – anos finais do Ensino Fundamental

	IDEB Observado					Metas				
	2005	2007	2009	2011	2013	2007	2009	2011	2013	2021
Total	3.5	3.8	4.0	4.1	4.2	3.5	3.7	3.9	4.4	5.5
Dependência Administrativa										
Estadual	3.3	3.6	3.8	3.9	4.0	3.3	3.5	3.8	4.2	5.3
Municipal	3.1	3.4	3.6	3.8	3.8	3.1	3.3	3.5	3.9	5.1
Privada	5.8	5.8	5.9	6.0	5.9	5.8	6.0	6.2	6.5	7.3
Pública	3.2	3.5	3.7	3.9	4.0	3.3	3.4	3.7	4.1	5.2

Os resultados marcados em verde referem-se ao IDEB que atingiu a meta.

Fonte: SAEB, 2015.

Figura 21 – Metas do IDEB no Brasil – Parte superior do formulário – Ensino Médio

	IDEB Observado					Metas				
	2005	2007	2009	2011	2013	2007	2009	2011	2013	2021
Total	3.4	3.5	3.6	3.7	3.7	3.4	3.5	3.7	3.9	5.2
Dependência Administrativa										
Estadual	3.0	3.2	3.4	3.4	3.4	3.1	3.2	3.3	3.6	4.9
Privada	5.6	5.6	5.6	5.7	5.4	5.6	5.7	5.8	6.0	7.0
Pública	3.1	3.2	3.4	3.4	3.4	3.1	3.2	3.4	3.6	4.9

Os resultados marcados em verde referem-se ao IDEB que atingiu a meta.

Fonte: SAEB, 2015.

Apesar dos dados do IDEB dos anos compreendidos entre 2007 e 2013 mostrarem que a escola pública tem atingido as metas estabelecidas e a privada não, esses mesmos dados nos revelam uma maquiagem desses resultados, já que as metas estabelecidas pela escola da rede privada foram sempre maiores que as da escola da rede pública, tanto nos anos finais do Ensino Fundamental quanto nos do Ensino Médio, o que, a meu ver, representa mais uma forma de preconceito étnico-racial se considerarmos que a maioria dos estudantes das escolas públicas do Brasil, geralmente, é composta pelo negros e pardos, como nos mostram os dados dos questionários socioeconômicos respondidos pelos estudantes do Curso Técnico em Informática do IF Baiano – *Campus Itapetinga*, turmas 2015.1 e 2015.2.

A assertiva do Crisântemo Amarelo nos revela ainda a demanda de formação docente para atuar como professor de estudantes que estão há cerca de 05 anos fora da escola, já que, como ele mesmo afirma, esses estudantes ainda precisam retomar/desenvolver um ritmo inicial de estudos fora da sala de aula.

No tocante aos aspectos de interação, todos os professores da área técnica sinalizam a falta de interação – e/ou convite – dos estudantes de informática com os eventos organizados com os temas transversais do campus. A esse respeito, ressaltam que quando os professores e estudantes de Informática são convidados sempre se fazem presentes, a exemplo da participação do campus na 45ª Exposição Agropecuária de Itapetinga, quando os professores e estudantes do curso foram convidados a participar e juntos organizaram a apresentação de um campeonato de robôs virtuais no stand do IF Baiano. A frequência foi significativa, semelhante à que acontece na sala de aula.

Na sequência, os professores da área técnica fizeram um segundo campeonato na sede do campus no qual a interação dos estudantes de módulos diferentes se deu de forma mais intensiva, desde o planejamento até a realização da atividade. É mister esclarecer que, durante a Exposição Agropecuária de 2015, os estudantes do 3º semestre prepararam o campeonato, foram à sala dos estudantes do 1º semestre, explicaram o funcionamento do campeonato e depois apresentaram no stand do campus para um público formado por estudantes do 1º semestre e visitantes outros da exposição. Na segunda realização do campeonato, estudantes do 1º e do 3º semestre competiram juntos, bem como, previamente, planejaram juntos esse campeonato.

4.3 DISCIPLINA DE ESTUDO FORA DA SALA DE AULA: ENTRAVES A SEREM VENCIDOS

O Crisântemo Branco sinalizou a dificuldade docente no sentido de lidar com a indisponibilidade desses discentes em estudar fora do horário de sala de aula devido ao fato de serem trabalhadores/as. Nesse sentido, vislumbra algumas possibilidades, como o desenvolvimento de ações de nivelamento de escrita e de Matemática a ser desenvolvidas, “talvez, com um curso de 2 anos que desse mais tempo para ele estudar dentro da escola ou o desenvolvimento de um curso com foco mais leve”.

Essa observação reforçou a viabilidade da implantação de um curso de nível superior, tendo em vista que é melhor o estudante passar dois anos e meio ou mais para concluir um curso de graduação do que passar dois anos para concluir um curso de nível

médio. A segunda opção já gerou a proposição pelo corpo docente da área técnica e a aceitação pelo grupo gestor do campus de um projeto de implantação do Curso Técnico de Nível Médio em Manutenção e Suporte em Informática. Esse projeto foi encaminhado no mês de fevereiro de 2016, para a apreciação/aprovação da Pró-reitoria de Ensino – PROEN e do Conselho Superior – CONSUPE. Este foi aprovado na reunião que ocorreu em 28 e 29 de março, porém, o colegiado optou por só implantá-la em 2017, considerando que ainda falta aquisição e montagem dos demais laboratórios específicos. Nesse caso, o processo seletivo foi para o Curso Técnico em Informática e não para o Curso Técnico em Manutenção e Suporte, visto que as aulas já haviam começado em 28/03.

No contexto atual, o IF BAIANO – *Campus Itapetinga* conta com um único laboratório de informática com capacidade para 40 máquinas, porém, apenas cerca de 30 máquinas estão instaladas, para as quais, com a atual coordenação da NGTI (antes UTIC – Unidade de Tecnologia da Informação e Comunicação), tem se conseguido uma manutenção periódica, segundo informa Crisântemo Lilás. Ele também destaca que o ideal seria a manutenção a cada 30 dias. Outro procedimento é que os docentes da área técnica informam à coordenação do NGTI os programas que necessitarão para utilizar em suas aulas. Com isso, são feitas as imagens dos programas solicitados, salvas em um CD e entregues a cada professor da área técnica além de os programas ser instalados em todas as máquinas do laboratório, afirma o mesmo entrevistado.

Contudo, o Crisântemo Lilás informa que, às vezes, nem todas as máquinas funcionam e, por isso, os professores solicitam aos estudantes que têm notebook para levarem suas máquinas para a aula, o que, segundo ele, acaba se configurando em alguns aspectos positivos como os exemplificados a seguir:

Nessa turma de 16¹³ alunos, por exemplo, noventa por cento deles tem computador. Isso ajuda muito porque ele mesmo faz a manutenção, ele instala os programas e nós não ficamos na dependência da manutenção feita no laboratório. Também evitamos a contaminação de vírus através do uso de *pendrive* (Crisântemo Lilás).

Ademais, a inexistência de laboratório de montagem e programação limita as aulas ao conhecimento teórico, o que descaracteriza qualquer curso técnico cujo caráter é essencialmente prático. Outro complicador resultante da permanência de um único laboratório de informática é que os professores de Comunicação e Expressão e de Metodologia Científica ficam impossibilitados de realizar oficinas digitais de leitura e escrita

¹³ O professor utilizou os dados do dia-a-dia na sala de aula em detrimento dos dados da SRA.

de textos, visto que esse espaço é sempre utilizado pelo professor da área técnica, com os estudantes do 2º e/ou 3º módulo.

Finalmente, o não fornecimento de internet para o único laboratório de informática do campus prejudica a operacionalização de algumas disciplinas como a de Programação Web, Metodologia Científica (cujo professor poderia trabalhar o currículo lattes diretamente na plataforma, com a metodologia de oficina, o registro de referências segundo as normas da ABNT diretamente no aplicativo MORE, a consulta de referências bibliográficas científicas hospedadas em sites de busca acadêmico-científico, entre outros conteúdos).

Por fim, no que diz respeito ao trabalho feito junto aos discentes, acredito que apesar de os docentes demandarem uma formação continuada que atenda as diversidades dos jovens e adultos o êxito e a permanência estudantil e, conseqüentemente, o combate à evasão, deve ser um compromisso de todos os envolvidos nos processos educativos, não apenas professores e estudantes, mas essa mesma causa deve ser abraçada por servidores técnico-administrativos em educação e pelos ocupantes de cargos de direção com função gratificada, integrantes do grupo gestor.

5 REPLANTANDO CRISÂNTEMOS: PROPOSIÇÕES E DESDOBRAMENTOS REVELADOS PELA PESQUISA

A impressão inicial, os saberes da experiência e a imersão na Instituição quanto à provável inexistência de um trabalho intencional com a diversidade étnico-racial foi fruto, justamente, da concepção equivocada de diversidade étnico-racial atrelada à concepção biológica que resulta na diferenciação epidérmica. A essa problemática acrescentou-se o fato de a cidade de Itapetinga ter sido, num passado recente (cerca de 200 anos), habitação de índios das etnias *Ymboré*, *Pataxó* e *Kamakã*, já que antes da emancipação política era uma das vilas de Itambé e do Planalto da Conquista – antes, Sertão da Ressaca, hoje, Vitória da Conquista.

Nesse processo, houve um apagamento da memória indígena, a qual vem sendo resgatada a partir de estudos de mestrados da UFBA – Universidade Federal da Bahia e UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, assim como a partir do trabalho do NEABI – Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IF Baiano. Saliento que estou falando da região sudoeste da Bahia, onde o campus da UNEB mais próximo a Itapetinga fica na cidade de Brumado, cuja distância de veículo é de 227 km.

Somou-se a esses fatos a adequação do processo seletivo para a entrada de alunos nos cursos técnicos e de nível superior do IF Baiano aos critérios da cota socioeconômica, o que tem aumentado o número de discentes que se autodeclararam negros¹⁴. Infelizmente, o único registro do ingresso de um estudante que seria indígena foi um equívoco desse discente, ao preencher o questionário socioeconômico.

Desse modo, as questões investigativas que nortearam esta pesquisa foram:

1. Quais as demandas formativas dos docentes que atuam neste curso em relação à diversidade?

Para essa pergunta, as respostas encontradas foram de que no Curso Técnico em Informática subsequente ao EM é preciso investir na formação continuada de docente e servidores técnico-administrativos em educação (TAE) acerca de como trabalhar a educação de jovens e adultos, uma vez que a maioria dos estudantes desse curso é trabalhador jovem ou adulto que requer uma metodologia diferenciada da metodologia utilizada com os adolescentes que ingressam no Curso Técnico em Agropecuária integrado ao EM.

¹⁴ Edital de retificação nº 161, de 11 de novembro de 2013/Processo seletivo 2014.1 para ingresso de estudantes.

Também é preciso investir na realização de reuniões de planejamento, nas quais realmente aconteçam a tematização da prática pedagógica tanto docente quanto técnico-administrativa como proposto na Política de formação – demandas coletivas (Permanência e êxito estudantil: um compromisso coletivo). Desse modo, torna-se possível a análise das ações pedagógicas realizadas, o seu replanejamento e a realização desse replanejamento seguida de uma nova análise, constituindo um círculo contínuo de ação-reflexão-ação, visando à concretização e ampliação das atividades práticas próprias de um curso técnico, cuja presença temática foi constatada tanto nas entrevistas narrativas com os docentes quanto com os discentes. Tudo isso associado à potencialização e ampliação do atual laboratório de informática, bem como à construção de novos espaços. É preciso ainda capacitar os docentes desse curso para a utilização do laboratório de robótica, adquirido antes do ingresso dos atuais professores dessa área no *Campus Itapetinga*.

Por fim, torna-se necessária uma formação sistemática e continuada no sentido de possibilitar a concretização de ações socioeducativas, tais como o nivelamento do conhecimento basilar do estudante, a implantação da tutoria do docente para os discentes que apresentam demandas socioeconômicas específicas como cotistas e não cotistas (ambos os tipos podem apresentar algum déficit de aprendizagem).

2. Como inserir ações didático-pedagógicas que atendam às diversidades presentes no Curso Técnico em Informática no IF Baiano – *Campus Itapetinga*?

Em nível de resgate histórico dos afrodescendentes relegados à margem social e educacional e de reparação das injustiças impostas aos negros brasileiros desde a chegada dos portugueses, a primeira possibilidade é a realização de eventos. No entanto, como explicitado por meio das respostas à primeira questão investigativa depreendi que tal inserção requer uma centralidade socioeconômica, no sentido de diagnosticar e acompanhar as demandas e os avanços dos estudantes oriundos de uma escolaridade que lhes delegou um déficit de aprendizagem em relação ao Ensino Fundamental e Médio. Para tanto, são necessárias medidas socioeducativas, no sentido de desenvolver ações que levem os estudantes a sanar o déficit de aprendizagem diagnosticado ao ingressarem no curso técnico e a obter êxito nas aprendizagens do curso, o que implicará na redução do número de evadidos, assim como no aumento nos índices de permanência e de provável certificação no tempo mínimo de integralização.

É preciso, ainda, investir na formação para o trabalho com pesquisa e extensão junto aos professores do Curso Técnico em Informática, que apesar de haver três dos quatro

professores da área específica cursando mestrado, esse trabalho requer o conhecimento dos procedimentos administrativos para a concretização de ações de pesquisa e extensão no IF Baiano – *Campus Itapetinga*.

3. Quais os significados atribuídos pelos professores, estudantes deste curso sobre o tema diversidade étnico-racial?

Nas entrevistas, tanto com os docentes quanto com os discentes, explicitou-se a concepção equivocada de que a diversidade étnico-racial corresponde à cor da pele. Mesmo quando tentavam demonstrar uma adesão à concepção sócio-histórica se traíam falando ou reforçando afirmativas que punham em destaque a cor da pele. Tal observação me levou a inferir que os eventos e as demais atividades formativas devem trazer sempre no seu bojo uma abordagem histórico-social desta diversidade.

Assim, compreendi que a pesquisa qualitativa, no viés da etnopesquisa crítica, apresentou a possibilidade para além do dualismo objetividade e subjetividade, como forma de percepção e compreensão particular da realidade. Nesse sentido, lançou a pesquisadora e os colaboradores da pesquisa numa atitude existencial e epistemológica, pois, a partir de diversas referências e diversos níveis de realidade, buscamos perceber a nossa própria compreensão enquanto história existencial e subjetiva ao mesmo tempo em que a pesquisadora necessitou se distanciar das suas vivências e experiências para garantir o rigor metodológico da pesquisa a partir da análise das informações com base em diferentes referenciais.

Por conseguinte, isso possibilitou entender que a pesquisa qualitativa centrada no viés da etnopesquisa nos permitiu a reconstrução de processos que ocorrem na vida diária do ambiente acadêmico de modo objetivo e utilizando a cultura predominante no ambiente acadêmico dos docentes de informática como orientação conceitual e base teórica. Do mesmo modo, como abordagem do estudo do cotidiano do grupo, incluiu os estudantes com suas vivências/experiências anteriores, paralelas ou extra-acadêmicas, constituindo a ação da pesquisadora um ir e vir constantes entre os dados de campo e o esforço compreensivo dos registros. Com isso, essa pesquisa buscou “diferenciar dados obtidos em campo de opiniões ou interpretações, revelando, da forma mais clara possível, a fonte dos dados e as circunstâncias de sua obtenção, além de mostrar o processo de construção do relatório” (GHEDIN; FRANCO, 2011, p. 208), tornando evidentes as justificativas das escolhas teóricas e metodológicas feitas no decorrer da pesquisa.

Para os próximos dois anos, fica a proposta de formação continuada em serviço pautada na Política de formação: demandas coletivas do IF Baiano – *Campus Itapetinga*, na

qual propus uma formação centrada no diálogo entre os docentes e demais segmentos que compõem esta instituição de ensino, cujas ações poderão vir a serem desenvolvidas em parceria com o MPED – Mestrado Profissional em Educação e Diversidade da UNEB – *Campus IV*, especialmente a partir do projeto *Profissionalização docente para as diversidades socioeducativas e culturais da educação básica*, projeto aprovado no Edital nº 25/2014, com o objetivo de fortalecer o Programa de Pós-graduação em Educação e Diversidade através do estabelecimento de parcerias com as instituições que tem servido de campo para as pesquisas dos mestrandos e mestres do MPED/UNEB/Jacobina . Essas ações deverão resultar em novas publicações que demonstrem as superações realizadas no IF Baiano – *Campus Itapetinga*.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ARROYO, Miguel. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

AZEVEDO, Eliane. **Raça: conceito e preconceito**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

BACKES, José Licínio. Os conceitos de multiculturalismo/interculturalidade e gênero e a ressignificação do currículo da educação básica. **Quaestio**, Sorocaba, v. 15, n. 1, p. 50-64, maio 2013.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livros, 2001.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, LDA, 2009.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Organização de Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores: diálogo entre Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro: EdURJ, 2012.

BRASIL. Banco de dados mostra a situação da população negra no Brasil, 2012. Disponível em: <<http://www.sae.gov.br/imprensa/noticia/materias/banco-de-dados-mostra-situacao-da-populacao-negra-do-brasil/>>. Acesso em: 16 maio 2016.

BRASIL. **Estatuto da Igualdade Racial**. Lei nº 12.288 de 20 de julho de 2010, 5, ed, março de 2013.

BRASIL. Índice de desenvolvimento da Educação Básica. **Saeb** – Sistema de Avaliação da Educação Básica/INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. 2012. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultadoBrasil.seam?cid=2545929>>. Acesso em 16 maio 2016

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 5 fev. 2016.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **Didática crítica intercultural**: aproximações. Petrópolis: Vozes, 2012.

CANDAU, Vera Maria. Currículo, didática e formação de professores: uma teia de ideias-força e perspectivas de futuro. In: OLIVEIRA, Maria Rita N. S.; PACHECO, José Augusto (Org.). **Currículo, didática e formação de professores**. Campinas: Papyrus, 2013.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

CENSO DA EDUCAÇÃO BÁSICA: 2010 – resumo técnico. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2010.

CENSO DA EDUCAÇÃO BÁSICA: 2010 – resumo técnico. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2011.

CENSO DA EDUCAÇÃO BÁSICA: 2011 – resumo técnico. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2012.

CENSO DA EDUCAÇÃO BÁSICA: 2012 – resumo técnico. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013.

DIÁLOGOS COTISTAS: qualificando a permanência na UFBA, 2007-2008. 22'19seg. Português. DVD.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscara branca**. Salvador: EDUFA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1970.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil**: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011

GIL, Antônio Carlos. **Estudo de caso: fundamentação científica, subsídios para a coleta e análise de dados, como redigir o relatório.** São Paulo: Atlas, 2009.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade e currículo. Organização de Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. **Indagações sobre currículo.** Brasília: MEC, SEB, 2007.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Relações Raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola.** Brasília: MEC, SECAD, 2011.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira e SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Movimento Negro e Educação. **Revista Brasileira de Educação**, Set/Out/Nov/Dez 2000 N° 15.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo.** 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 5 fev. 2016.

INSTITUTO Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano. Campus Itapetinga. Campus Itapetinga divulga lista de monitores para o Projeto de Pesquisa sobre a comunidade Quilombo da Pedra. Disponível em: <<http://www.ifbaiano.edu.br/unidades/itapetinga/2013/01/14/campus-itapetinga-divulga-lista-de-monitores-para-o-projeto-de-pesquisa-sobre-a-comunidade-quilombo-da-pedra/>>. Acesso em: 14 dez. 2014.

INSTITUTO Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano. Campus Itapetinga. Agricultores aprendem sobre o aproveitamento de frutas. Disponível em: <<http://www.ifbaiano.edu.br/unidades/itapetinga/2014/04/11/agricultores-aprendem-sobre-o-aproveitamento-de-frutas/>>. Acesso em: 14 dez. 2014.

INSTITUTO Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano. Pró-reitoria de Pesquisa. Disponível em: <<http://pro-reitorias.ifbaiano.edu.br/portal/propes/projetos-de-pesquisa-2011/>>. Acesso em: 14 dez. 2014

KREUTZ, Lúcio. Identidade étnica e processo escolar. **Cadernos de Pesquisa**, Campinas, n. 107, p. 79-96, jul. 1999.

LE GOFF, Jaques. **História e memória.** Tradução de Bernardo Leitão, Irene Ferreira e Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

LERVOLINO, Solange Abrocesi; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Rev. Escola de Enfermagem**, São Paulo, USP, v. 35, n. 2, p. 115-121, jun. 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, Célia de. **A cor do sentido**. 2007. Disponível em: <<http://diversidadeculturalnaescola.blogspot.com.br/2012/10/uma-poesia-para-refletir.html>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

LISBOA DE SOUSA, Andréa. Nas malhas das imagens e nas trilhas da resistência: heroínas negras de ontem e de hoje. In: **Leituras Compartilhadas**, Princesas Africanas, ano 9, fascículo 19, p. 59-62, mar. 2009.

LOURO, Guacira. **Currículo, gênero e sexualidade**. São Paulo: DP&A, 2007.

MACEDO, Cecília de Fátima Boaventura. **Representações sociais de alunos do ensino médio sobre cidadania**: os enlacs na conquista dos direitos. Jundiá: Paco, 2014.

MACEDO, Roberto Sidnei et al. (Org.). **Currículo e processos formativos**: experiências, saberes e culturas. Salvador: EDUFA, 2012.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa implicada**: pertencimento, criação de saberes e afirmação, Brasília: Liber Livro, 2012.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo, diversidade e equidade**: luzes para uma educação intercristica. Salvador: EDUFBA, 2007.

MACEDO, Roberto Sidnei. O rigor fecundo: a etnopesquisa crítica como analítica sensível e rigorosa do processo educativo. In: **Revista da FACED**, Salvador, UFBA, Faculdade de Educação, n. 4, 2000.

MARTINS, Daniela Maria Barreto. A tessitura intersubjetiva dos entre-lugares: o que pode um grupo. **REALIS – Revista de Estudos Antiutilitaristas e pós-coloniais**, v. 1, n. 1, jan./jun. 2011. Disponível em: <www.revistarealis.org>. Acesso em: 18 jun. 2015.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 2000.

MENEZES, Graziela Nick Dias; RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. Política de Educação Profissional Técnica. In: RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Políticas, práticas e formação na educação básica**. Salvador: EDUFBA, 2015.

MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Org.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MOREIRA. Antonio Flávio Barbosa; MACEDO, Elizabeth Fernandes. Faz sentido ainda o conceito de transferência educacional? In: MOREIRA, Antonio F. B. (Org.). **Currículo**: políticas e práticas. 13. ed. Campinas: Papirus, 2013.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

OLIVEIRA, Maria Rita N.S. Formação de professores para educação profissional. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CD-ROM.

ORTIGARA, Claudino; GANZELI, Pedro. Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: permanências e mudanças. In: BATISTA, Eraldo Leme e MULLER, Meire Terezinha. **A educação profissional no Brasil: história, desafios e perspectivas para o século XXI**. Campinas: Alínea, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTEL, Edna Furukawa. Estágio Curricular Supervisionado: reflexões epistemológicas. In: D'ÁVILA, Cristina Maria; MELO, Roberta. **O estágio curricular supervisionado na formação de professores e pedagogos: entre a realidade e o devir**. Curitiba: CRV, 2014. p. 91-104.

PPC- Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências da Computação do IF Baiano – *Campus* Senhor do Bonfim, 2013.

PPC- Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Informática do IF Baiano - *Campus* Itapetinga, 2010.

PPC- Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Informática do IF Baiano - *Campus* Bom Jesus da Lapa, 2013.

PPC- Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Suporte e Manutenção em Informática do IF Baiano - *Campus* Itapetinga, 2016.

PPC- Projeto Pedagógico do Curso Tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de Sistemas do IF Baiano - *Campus* Guanambi, 2010.

QUIJANO, Aníbal. O que é essa tal de raça. In: SANTOS, Renato Emerson dos Santos (Org.). **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na geografia do Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos Quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ROSA, Maria V. de F. P. do Couto; ARNOLDI, Marlene A. G. Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento Abissal. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 78, out. 2007. Disponível em: <www.ces.uc.pt/.../147_>. Acesso em: 12 jan. 2016.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da. Os desafios impostos pela universalização na educação básica: acesso, permanência e qualidade social. In: RIOS, Jane Adriana V. P. (Org.). **Políticas, práticas e formação na educação básica**. Salvador: EDUFBA, 2015.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da; MARAUX, Amélia T; SILVA, Zuleide Paiva. Educar para a diversidade: um desafio de toda a sociedade. In: BATISTA, Hildonice de Souza; MALTA, Arlene (Org.). **Iniciação à docência: diálogos educacionais no PIBID de licenciatura em ciências biológicas**. Salvador: EDUFBA, 2013.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Revista Educação**, Porto Alegre/RS, ano 30, n. 3, v. 63, p. 489-506, set./dez. 2007.

SOUZA, Elizeu Clementino de; PASSEGGI, Maria da Conceição. Diálogos sobre pesquisa (auto)biográfica, formação e profissionalização docente. In: RIOS, Jane Vasconcelos Pacheco (org.). **Docência na Educação Básica**. Salvador: EDUNEB, 2015.

SOUZA, Francisco das Chagas de. A Teoria das Relações Sociais na Pesquisa Educacional. In: BIANCHETTI, Lucídio e MEKSENAS, Paulo (Org.). **A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2012. p. 205-221.

SOUZA, Izanete M. As atuais perspectivas do ensino, da pesquisa e da extensão sobre as cultura afro e indígenas. In: PASSOS, Miriam Barreto de Almeida; MENDONÇA, Livia de Carvalho. In: LEMEL: SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E PRÁTICA PEDAGÓGICA DO CAMPUS XXII, 2., 2012, Euclides da Cunha. **Anais...** Euclides da Cunha: UNEB, 08 a 10 de maio de 2012.

SOUZA, Izanete Marques. **Política de formação: demandas coletivas – permanência e êxito estudantil – um compromisso coletivo**. Jacobina, 2016.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TEIXEIRA, Alexandre Jacintho. **A cultura do crisântemo de corte**. Nova Friburgo, dez. 2004. Disponível em: <http://www.espacodoagricultor.rj.gov.br/pdf/frutas/A_cultura_do_crisantemo_de_corte.pdf>. Acesso em: 15 out. 2015.

TELLES, Teresa Silva; MELLO, Mariana. **Meu Brasil africano**. 2. ed. São Paulo: IBEP, 2013.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Petrópolis: Vozes, 2013.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

APÊNDICES

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA EXPLORATÓRIA
SOBRE O TRABALHO COM DIVERSIDADE ÉTNICA**

INFORMANTE:

IDADE: **SEXO:** MASCULINO () FEMININO ()
CARGO/FUNÇÃO: DOCENTE **TEMPO DE DOCÊNCIA:**
IF BAIANO - CAMPUS ITAPETINGA
CURSO TÉCNICO EM INFORMÁTICA

Responda às questões a seguir sabendo que a sua identidade não será revelada, exceto, com autorização escrita (inclusive, ela poderá nem ser registrada neste questionário). Estas respostas serão utilizadas para identificação e categorização dos dados do **Projeto de Pesquisa Formação Docente e a Pesquisa da Prática: as Demandas da Diversidade Étnico-racial no Contexto Escolar** e, posteriormente, na elaboração de um plano de trabalho com a diversidade étnica no IF Baiano – *Campus Itapetinga*.

1 – Você vem trabalhando ou discutindo diversidade étnico-racial no IF Baiano?

() Sim () Não

Se sim, informe:

Título/Foco do trabalho:

Disciplina ou setor:

Objetivo:

Metodologia/estratégias:

2 – Você desenvolve ou participa de algum projeto de pesquisa, de extensão ou de ensino no *campus* que trate de alguma forma a diversidade étnico-racial?

() Sim () Não

Se sim, informe:

Título do trabalho:

Disciplina ou setor:

Clientela:

Objetivo:

Metodologia/estratégias:

Resultados:

3– O que você entende por trabalho pedagógico com diversidade étnico-racial?

4 - Caso venha desenvolvendo algum tipo de trabalho, você pode listar as facilidades, dificuldades e questionamentos no decorrer do trabalho realizado de 2010 até agora?

Sim Não Não se aplica

Se a resposta for sim, quais?

5 – Caso venha desenvolvendo algum tipo de trabalho com diversidade étnico-racial informe se houve ou há apoio pedagógico, logístico, financeiro e administrativo ou parcerias?

Sim Não Não se aplica

Se sim, relate-os:

5 – Você tem sugestões para a melhoria do trabalho com diversidade étnico-racial no IF Baiano – *Campus Itapetinga*?

Sim Não Não se aplica

Se sim, quais?

5 – Há dúvidas em relação ao trabalho com a diversidade étnico-racial na sua área de atuação que você gostaria de compartilhar e de participar de grupos de estudo sobre?

Sim Não Não se aplica

Se sim, quais?

Muito obrigada pela sua contribuição.

APÊNDICE B – II WORKSHOP CONSCIÊNCIA NEGRA

**Histórias de vida e a inserção do negro no mundo do trabalho e *I Info Bblack Baiano* -
Simpósio Baiano de Informática e Diversidade Étnico-racial**

Período: 19 a 21/011/2015

Comissão organizadora: Izanete M. Souza, Saionara A. S. Santos, Caio César Sirino, Ivo de Jesus, Sirlane S. Oliveira, Valmiro Silva, Emilson B. Silva, Natália S. Silva, Brenda Cordeiro, Marcus V. Souza Sodré, Francisco Hélio Oliveira, Clésio R. Matos e Wilmuller Rausthiannie Borges.

Justificativa:

Desde as primeiras décadas do século XVI, africanos negros foram retirados de suas na es, do seio de suas famílias e escravizados, submetidos a castigos físicos e psicológicos como se tivessem perdido sua condi o humana. Mesmo depois da proibi o oficial da escravidão no Brasil (1888) o racismo deu continuidade aos processos hegemônicos de negativiza o e estereotipa o do afrodescendente e seus processos culturais fazendo com que, por muito tempo, vivessem numa escravidão disfarçada na qual, enquanto negros continuassem a mercê de favores, relegados a trabalhos braçais ou pautados na informalidade de modo a preservá-lo em condi o de miserabilidade.

Contudo, mantendo o espírito de luta pela igualdade de direitos dos movimentos antiescravagistas do passado, especialmente dos quilombos, o movimento negro foi   luta e conquistou a homologa o da lei 10.639/2003 assim como vem conquistando paulatinamente a vivência da igualdade de direitos na inser o do negro no mundo do trabalho, em rela o ao branco.

Entendendo também que o Colegiado de Informática precisa trabalhar com pesquisa e extensão associando estas a es ao processo de ensino e com vistas a um processo de institucionaliza o de a es que tratem e retratem a diversidade étnico-racial com estudantes e profissionais do curso técnico em Informática   que este colegiado em parceria com o NEABI compromete-se a realizar atividades acadêmicas que possibilitem a reflexão acerca do uso da informática enquanto instrumento de divulga o de a es afirmativas.

Nessa perspectiva o NEABI compromete-se a materializar, em parceria com os docentes e as coordena es de Pesquisa e Extensão, atividades acadêmicas que possibilitem a reflexão acerca da realidade do negro no Brasil e por isso realizar  nos dias 19, 20 e 21 de novembro de 2015 o **II Workshop Consciência Negra cujo tema será Histórias de vida e a inser o do negro no mundo do trabalho** e o **I INFO BLACK BAIANO cujo tema será A programaa o de sites que divulguem a es afirmativas e, por isso, contribuem para a melhoria da qualidade de vida de pessoas de baixa renda. .**

Objetivo Geral:

Conhecer histórias de vida acerca da inser o do negro no mundo do trabalho através da participa o em conferências, mesas de discussões, minicursos e oficinas com o objetivo de vislumbrar, inclusive, estratégias que possam possibilitar a melhoria na qualidade de vida dos negros ou afrodescendentes e alargar as possibilidades de enfrentamento exitoso dos problemas e discutir o uso efetivo de a es afirmativas no Curso Técnico em Informática

através da vivência de oficinas, palestras ou mesas de discussão que capacitem os envolvidos para a concretização de ações que contribuam com a boa qualidade de vida dos afrodescendentes de Itapetinga e região através da concretização futura de novas ações de pesquisa e extensão.

Programação:

19/11/2015 – Mesa de abertura do I INFO Black Baiano

18:30 h - Abertura com os discentes e direção (projeção de imagens)

19:00 às 20:00 h – Mesa-redonda O uso das tecnologias da informação na melhoria da qualidade de vida da população de baixa renda:

Emilson Batista da Silva (Os programas governamentais de informática para a população de baixa renda)

Marcus V. Souza Sodré (O uso das tecnologias da informação em comunidades diversas)

Francisco Hélio de Oliveira (O uso do linux)

20:30 às 22:00 h. – Tira gosto cultural : lançamento de livro, poesia e música (Com a poetisa Livia Maria Natália da Silva e com os músicos Marcus Sodré e Clésio Matos)

20/11/2015

07:30 h – Abertura do II Workshop Cultural Consciência Negra com uma apresentação discente e fala da direção do IF Baiano – *Campus* Itapetinga.

08:00 h – **Conferência de abertura: Os desafios para a inserção do negro no mundo do trabalho** – Vinícius de Jesus Almeida – IF Baiano/Reitoria

Mediação – Saionara Andrade de Santana Santos – IF Baiano – *Campus* Itapetinga

09:00 h – Intervalo

09:30 h – Minicursos e oficinas

14:00 h – Apresentação discente

Mesa de discussão: O agronegócio e a relação econômica com o pequeno produtor

Anna Christina Freire Barbosa – UNEB/ *Campus* III- Juazeiro e FACAPE/Petrolina- PE

Charles Leonel Galvão Sanchês – IF Baiano – *Campus* Itapetinga

Mediação: Patrícia S. Santos – IF Baiano – *Campus* Itapetinga

15:00 h – Intervalo

15:20 h - Mostra de cinema seguida de discussão

18:30 às 22:00 horas – Minicursos:

1. Robôs Lego (Andrique Amorim)

2. Desenvolvimento de Aplicativos Móveis (Francisco Hélio Oliveira)

18:30 às 22:00 horas – **Lançamento do filme moçambicano NGWENYA, O CROCODILO** seguido de roda de conversa com produtor Camilo de Souza e a diretora Isabel Noronha (Coordenação do Curso Técnico em Alimentos)

21/11/2015

07:30 h - Mesa de discussão Educação e ações afirmativas no Brasil

George Roque B. Oliveira - Instituto Steve Biko

Caio César Sirino – IF Baiano – *Campus* Itapetinga

Ivo F. de Jesus – IF Baiano – *Campus* Itapetinga

Mediação: Saionara Santos - IF Baiano – *Campus* Itapetinga

09:00 h – A música afro e a ideologia subjacente (cada turma de estudantes do Curso Técnico em Agropecuária trará um músico da região sudoeste que falará e tocará 2 músicas de um estilo musical próprio da cultura negra) acontecendo assim um painel de debate musical.

10:00 às 12:00 h – Apreciação de Painéis dos veteranos do Curso Técnico em Informática

13:30 às 17:30 h – Minicursos e encerramento

1. A utilização de sistemas colaborativos como instrumento de apoio a educação (Wilmuller Rausthiannie Borges / IF Baiano – *Campus Itapetinga*)
2. A linguagem mais utilizada na comunicação via web (Ivo Ferreira de Jesus / IF Baiano – *Campus Itapetinga*)

Planejamento Pedagógico

1. **Os professores de História e Sociologia encaminharão com os discentes, pesquisas de ritmos musicais da cultura negra para organizar o painel de debate musical (Valmiro, Caio, Saionara).**
2. **No sábado, professores e estudantes do Curso Técnico em Informática participarão das discussões com o objetivo de aprofundar o conhecimento acerca da temática afrodescendente na educação.**
3. **Os membros da comissão organizadora poderão contabilizar até 08 horas e até 06**

Equipe de divulgação e ornamentação: Sirlane Oliveira, Natália, Brenda e Ingrid.

Equipe de organização da mostra de cinema: Ivo de Jesus, Saionara Santos e Sirlane Oliveira

Equipe reponsável pelas demandas das mesas de discussões: Izanete Souza e Valmiro Silva

Sonorização: Emilson Batista

Demandas administrativas e orçamentárias referente ao II workshop Consciência Negra.

1. Ornamentação atrelada ao mundo do trabalho para o refeitório, corredores, salas de aula e entrada do Campus – uso de serviço já licitado para eventos (se possível) incluindo 300 cadeiras plásticas.
Sugestão: “sacas de mantimentos”, ferramentas de várias áreas de trabalho ornamentados com laço feito com ráfia (estilo pano de estopa) e chita.
2. Faixas e cartazes, 300 folders
3. Passagens aéreas para os seguintes convidados:
 - a) Vinícius de Jesus Almeida - IF Baiano – Reitoria / SIAPE 1679431 – Saindo de Salvador dia 19/11 e retornando dia 21/11 (Trecho Salvador/Vitória da Conquista)
 - b) Anna Christina Freire Barbosa, Universidade do Estado da Bahia Campus III/ Dep. Tecnologias Ciências Sociais e Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais de Petrolina – FACAPE, CPF: 385.169.775-87 - Saindo de Petrolina no dia 19/11 para Salvador e de lá para Vitória da Conquista com retorno no dia 21/11, refazendo o mesmo percurso.

- c) George Roque Braga Oliveira, Instituto Steve Biko, CPF: 926.890.515-91 - Saindo de Salvador dia 20/11 e retornando dia 21/11 (Trecho Salvador/Vitória da Conquista)
4. Veículo e motorista para buscar os palestrantes convidados no aeroporto de Vitória da Conquista nos dias 19 e 20, bem como para levá-los de volta no dia 21/11.
5. Diárias para os palestrantes convidados e listados acima.

Necessidades administrativas e orçamentárias referentes ao I Info Black Baiano.

- Carro e motorista para buscar e levar a Professora Livia Maria Natália e o Professor Andrique Amorim em Vitoria da Conquista
- Diárias para professor convidado e motorista
- Microfones e caixas amplificadoras de som
- Instrumentos do instituto: 1 Bateria, 1 teclado, 1 baixo, 1 violão;
- Tapete para colocar a bateria;
- 1 Computador;
- 1 Datashow;
- Extensões de energia elétrica;

Previsão de carga horária referente ao I Info Black Baiano:

02 aulas por disciplina, a cada dia, para todos os professores do colegiado presentes no evento.

Até 08 aulas para os membros da comissão organizadora.

APÊNDICE C – CARTAZ DO I FÓRUM DE DISCUSSÃO DO IFBAIANO – CAMPUS ITAPETINGA



Você é o tipo de pessoa que na sua instituição de ensino:

- ❖ Analisa as vantagens e desvantagens?
- ❖ Observa os problemas e pensa em propostas de solução?



Então venha participar do nosso **I Fórum de Discussão**

Tema: Grupo gestor, servidores e estudantes: o papel de cada um em relação à evasão, permanência e êxito estudantil.

Programação:

08/06/2016, às 14:00 h: Debate com os servidores do Campus Itapetinga.

08/06/2016, às 18h e 30min.: Debate com os estudantes dos cursos presenciais e EaD do noturno.

09/06/2016, às 08:00 h: Debate com os estudantes dos cursos presenciais e EaD do diurno.

Mediadora: Profa. Dra. Hildonice de Souza Batista

